

## TENTANDO FORÇAR O ESTADO DE SÍTIO?

# A INVENTONA

As três horas da madrugada, Pinheiro de Azevedo estava a dormir, tal como a maioria dos portugueses. Embora, nessa altura, pudessemos detectar uma certa movimentação de Otelio Saraiva de Carvalho, pouco depois diziam-nos do Alto do Duque que o comandante do Copcon estava igualmente a descansar. Sem sombra de dúvidas. Em vários quartéis, a voz calma dos oficiais de serviço como que se riam um pouco da agitação tremenda de certos políticos. Sobre a entrada de prevenção dos Comandos

da Amadora onde o coronel Jaime Neves recearia «um ataque da P.M.», disseram-nos desta última unidade: «As nossas relações não são as melhores, caso contrário telefonaríamos a sossegar os comandos». De qualquer modo, as patrulhas da P.M. eram em número maior, nas ruas desertas da cidade. E havia outras, voluntárias, de militares: no Largo do Rato, um nosso camarada de Redacção foi interceptado, em corrida: «Para onde vai com essa pressa toda? O que faz?» Indentificando-se co-

mo jornalista, ao nosso camarada foi perguntado de que jornal. E seguiu «em paz», saudado pelos militares vigilantes. No Pombal, o presidente da Câmara teria andado, segundo informações que nos chegaram, a percorrer o concelho alertando para a iminência de um «golpe comunista». Em Vi-seu, o P.S. chamara intensa-

mente as pessoas para a rua, pelas mesmas razões. Mas elas não vieram, tal como, de um modo geral, em Lisboa e em quase todo o País, onde os sinos tocaram a rebate agitados por caciques e ex-A.N.P.'s. Pelo sim pelo não, os partidos de esquerda mobilizaram os seus militantes, a partir das 23 horas. Mas a vigilância diminuiu a partir das três da manhã. «Nada de cuidados». Por essa hora, os milhares de operários agrícolas alentejanos que em dezenas de tractores vieram a Lisboa saudar a Intersindical e o RALIS regressavam ao trabalho, calmamen-

Continua na pag. 20

## REUNIÃO EM BELÉM

Decorre no Palácio de Belém uma importante reunião convocada pelo almirante Pinheiro de Azevedo. Presentes, além do chefe do Governo, os três chefes do Estado-Maior do Exército, Força Aérea e Marinha, vários membros do Conselho da Revolução, o comandante do Copcon, o comandante do AMI, os comandantes interinos da GNR e da PSP, o ministro da Administração Interna. Teria ainda sido convocado o capitão Salgueiro Maia.

Fontes próximas da reunião indicam como ponto determinante do encontro a necessidade de obter efectivos militares para o AMI, com eventual inclusão de efectivos policiais.

Entretanto, o Conselho da Revolução iniciou às 15 e 30 uma reunião no antigo Ministério do Ultramar. A disciplina nas F. A. é tema dominante.

## COSTA GOMES EM MOSCOVO

### UM PASSO HISTÓRICO NAS RELAÇÕES COM A U.R.S.S.

MOSCOVO, 2 — (Telex de Augusto Vilela, enviado especial do «DL») — Poucas horas depois de ter chegado a Moscovo, onde era aguardado no aeroporto pelo presidente do Supremo Soviete da URSS, Nicolav Podgorny, e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, André Gromik, o Presidente Costa Gomes, iniciava conversações com os dirigentes soviéticos na majestosa sala de Santa Catarina, do grande Palácio do Kremlin, abrindo assim uma fase histórica no desenvolvimento das relações entre Portugal e a União Soviética

Costa Gomes, que saiu de Varsóvia ontem às 8 e 15, teve a apresentar-lhe cumprimentos de despedida o presidente do Conselho Nacional da República Popular da Polónia, Henryk Jablonsky, acompanhado de outros altos dirigentes daquele país, chefes das delegações diplomáticas acreditadas em Varsóvia e numerosas outras personalidades cuja amizade ficou patente em muitas cerimónias em que o protocolo terá sido ultrapassado pelo desejo franco de estabelecer uma fraternidade duradoura entre dois povos que, tanto no campo económico como principalmente no campo cultural, têm muito para dar um ao outro.

A chegada do Presidente Português a Moscovo verificou-se cerca das 12 e 30 locais. Uma guarda de honra co-stituída por forças da Marinha, Exército e Força Aérea prestou-lhe honras militares do protocolo, seguindo imediatamente o cortejo presidencial para o Palácio do Kremlin onde o general Costa Gomes almoçou.

Cerca das 15 horas iniciaram-se as conversações num ambiente de grande cordialidade. Integrados no grupo de cinco jornalistas que foram autorizados a assistir à cerimónia de abertura, pudemos entrar no Kremlin e na majestosa sala de Santa Catarina do grande palácio, uma sala que provoca o deslumbramento e ao mesmo tempo faz a imaginação do jor-

nalista mergulhar no passado da Rússia dos Czars e das famílias nobres que exploravam milhões de homens. Com as suas portas artisticamente trabalhadas e revestidas a ouro, o chão de madeiras ricas com notáveis desenhos incrustados, os seus sumptuosos lustres e as suas colunas revestidas a mármore verde, esta sala, pequena amostra do Palácio do Kremlin, agora ao serviço do povo soviético, é

Continua na pag. 6

## EXPLOSIVOS "ELP" NA REBOLEIRA

Na sequência das investigações (ainda a cargo da Polícia Judiciária) sobre a explosão do carro em Monsanto, a Polícia de Segurança Pública de Lisboa apreendeu, neste fim-de-semana, na Reboleira, alguns quilos de explosivos; por outro lado, têm sido recolhidas, noutras partes do País, nomeadamente muito perto da fronteira, outras cargas explosivas que tudo leva a crer pertencerem a uma manobra perfeita-

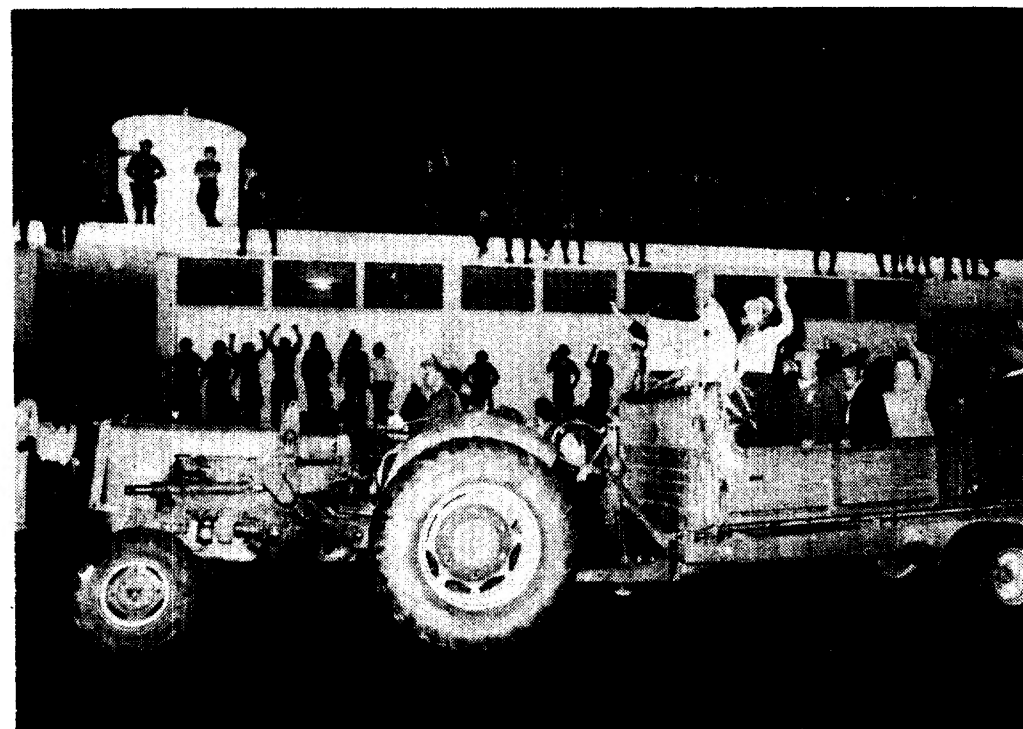
mente orquestrada por organização terrorista.

Neste momento julga-se saber ter a Polícia Judiciária recolhido já os elementos bastantes que o caso do carro que explodiu em Monsanto (bem perto das antenas da TV) está estreitamente ligado a uma organização cujos fins seriam fazer perigar a segurança interior ou exterior do Estado. Logo que esta quase certeza esteja confirmada, o «dossier» transitará para as entidades militares,

as únicas que, oficialmente, poderão desmantelar toda e qualquer organização com estas características.

Ainda sobre o caso do carro que explodiu em Monsanto, a P. J. terá já identificado (policialmente) as vítimas, podendo-se dizer que eram do sexo masculino.

Uma outra informação dá-nos conta de que, ainda relacionado com este caso, o Copcon teria já efectuado algumas prisões.



## UNIDADE NA LUTA

Milhares de trabalhadores, dos campos e das

fábricas, participaram ontem nas comemorações do quinto aniversário da Intersindical, que decorreram sob o signo da unidade, na luta contra a reacção do capital e o imperialismo, pelo avanço da organização das forças populares rumo ao socialismo.

Delegações de trabalhadores agrícolas do Alentejo e Ribatejo concentraram-se, a meio da tarde, em Vila Franca de Xira, convergindo depois para Lisboa, num longo desfile de tractores e camionetas, em que se integraram operários da cintura industrial de Lisboa.

Durante o percurso, os manifestantes prestaram homenagem a todos os militares progressistas,

frente ao R.A.L.I.S. Mais tarde, o cortejo desembocou na praça do Campo Pequeno, onde, entre palavras de ordem revolucionárias gritadas pela assistência, os dirigentes sindicais usaram da palavra. «Só a unidade pode servir os trabalhadores e a sua causa», afirmaria então Manuel Coelho, da União dos Sindicatos de Lisboa.

LER REPORTAGENS NA PÁG. 9.

HOJE  
20 PÁGINAS

# Nacional



ASSEMBLEIA  
CONSTITUINTE

## Aprovou-se a segurança social

Parece o Spínola no 10 de Setembro. É o povo; a «vontade nacional», são as minorias pseudo-revolucionárias», etc. Vê lá se não parece...» Era alguém a chamar-me a atenção para o longo discurso de José Luis Nunes (PS) ontem na Assembleia, a propósito das manifestações que o seu partido levou a cabo em Lisboa e no Porto de apoio ao VI Governo.

Aquele deputado, que repetidamente, dentro e fora da Constituinte, gosta de se afirmar «marxista», diria, nomeadamente, que tais manifestações «soubaram corresponde ao estado de espírito e vontade nacional do momento que atravessamos» e que o povo só apoiará a Revolução desde que revestida da dignidade e exemplaridade do acto revolucionário do 25 de Abril e não do grotesco, da pseudo-revolução de certas minorias que, na realidade, não representam o Povo Português e nada têm a ver com o mesmo Povo Português.

Noutro ponto (o da «ordem», disciplina) que agora entendeu reclamar) J.L. Nunes diria ainda: «a Revolução Portuguesa ou consigne criar uma polícia que respeite a legalidade e actue em defesa dos interesses do povo, ou então teremos a violência desorganizada e anarquizante dos bandos armados, onde nin-

guém sabe onde começa a irresponsabilidade e a provocação, ou então, pior ainda, o serviço a potência estrangeiras e a serviços secretos estrangeiros de carácter imperialista».

### SEGURANÇA SOCIAL

Entretanto os deputados aprovaram ontem as disposições relativas à segurança social. Assim ficou estabelecido que:

1 — Todos os cidadãos têm direito a segurança social.

2 — Compete ao Estado organizar, coordenar e subsidiar um sistema de segurança social unificado e descentralizado, de acordo e com a participação das associações sindicais e outras organizações das classes trabalhadoras.

3 — A organização do sistema de segurança social não prejudicará a existência de instituições privadas, não lucrativas, de solidariedade social, que serão permitidas, regulamentadas por lei e sujeitas à fiscalização do Estado.

4 — Compete ao sistema de segurança social proteger todos os cidadãos na doença, velhice, invalidez, viuvez, orfandade, desemprego e contra todos os outros riscos de falta ou diminuição de meios de subsistência ou capacidade para o trabalho.

E. A.

## SINDICATO LIVRE DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO E CAIXEIROS DO DISTRITO DE FARO CONVOCATÓRIA

### CAIXEIRO:

Vai o teu Sindicato para o próximo mês levar a efeito uma Assembleia Geral para eleição de novos corpos gerentes.

Dado que o teu sector é o mais representativo quer em número quer em problemas no teu Sindicato, achamos por bem alertar-te para a necessidade de estares presente maioritariamente no futuro elenco directivo.

Consideramos também que dadas as verticalizações em curso, no sector de escritórios, irá o teu Sindicato, progressivamente, aumentar a sua percentagem do sector de caixeiros.

Assim, corras a curto prazo, o risco de ficares desamparado economicamente por falta de presença de largos sectores de empregados de escritório.

A direcção do teu Sindicato vem pois, deste modo, convocar-te para um plenário a fim de serem eleitos pelos próprios caixeiros os trabalhadores a integrar na futura lista unitária a apresentar pelo Sindicato, subscrita pela Direcção, a representar o sector do Comércio.

Procuramos deste modo afastar do nosso Sindicato não só o sectarismo partidário como ainda a tornar o mais representativa possível a presença de caixeiros no mesmo.

Esta medida, da responsabilidade da Direcção, não implica que o sector em questão não apresente, para concorrer ao Sindicato, as listas que entender.

Procuramos apenas salvaguardar os interesses duma classe que neste momento é das mais desprotegidas e exploradas.

O PLENÁRIO EM QUESTÃO REALIZAR-SE-Á NO PRÓXIMO DIA 4 DE OUTUBRO, ÀS 21.30 HORAS, NO SALÃO DA JUNTA DISTRITAL DE FARO, PRAÇA DA LIBERDADE E RUA PINHEIRO CHAGAS FARO.

PARA TEU INTERESSE, COMPARECE!  
A DIRECÇÃO

# MILITARES ABANDONAM RÁDIO E TV E NÃO SÃO SUBSTITUÍDOS PELA P.S.P.

## Comandos: o contraste

Não fora o facto de a Rádio Renascença continuar sem voz, e talvez a situação nas emissoras de Rádio e TV se pudesse considerar normalizada. Com efeito, a promessa de que as forças militares que ocupavam essas emissoras não seriam substituídas pela P.S.P. levou os militares a abandonar as instalações confiadas à sua guarda por mandato do Primeiro-Ministro, com o fim de dar «disciplina» às notícias que daí dimanavam.

Mas os militares mostraram estar do lado dos trabalhadores, e transformaram uma acção prevista para ser repressiva numa outra, de protecção aos próprios trabalhadores e de respeito pelas suas decisões.

No R.C.P., por exemplo, os militares do Regimento de Infantaria Operacional de Queluz, do Regimento de Transportes e do Regimento de Polícia Militar, antes de abandonarem as instalações daquela estação emissora, aprovaram a seguinte moção:

1 — As razões da saída dos militares surgem a partir da garantia dada pelo general Otelo de que as instalações do R.C.P. não serão ocupadas pela P.S.P., G.N.R. ou quaisquer outras forças;

2 — Neste momento, os mili-

tares que estão a sair das instalações do R.C.P. estão agora mais solidários do que nunca com os trabalhadores do R.C.P., com todos os trabalhadores portugueses e a classe operária de todo o mundo;

3 — Receberam os mesmos, durante a sua permanência, dinheiro da parte de populares, junto às instalações do R.C.P. e que os mesmos militares canalizaram para a Comissão de Trabalhadores do R.C.P., para que o mesmo seja entregue aos camaradas deficientes das Forças Armadas;

4 — Durante toda a nossa permanência, todas as deliberações foram a nível colectivo.

### O CONTRASTE

Louvados pelo Primeiro-Ministro, Jaime Neves e seus comandos estiveram contra os deficientes das F. A. no sábado à noite e estão a ocupar o Centro Emissor da Buraca, não permitindo que se faça ouvir a voz da Rádio Renascença.

Saneado e, depois, reintegrado no comando dos soldados operacionais da Amadora, Jaime Neves teria dito, depois da operação de sábado, que «são sempre os mesmos do P.C., da U.D.P. e do M.E.S.». Ao que parece, o sr. coronel enganou-se. E enganou-se, também, quando disse que as

próteses que os deficientes colocaram às portas do quartel dos comandos poderiam ser entregues a outra associação de deficientes. A resposta correcta foi-lhe dada pelos próprios deficientes:

«O sr. coronel não sabe que as próteses só servem às pessoas para quem foram feitas. Isso prova que o sr. coronel não acompanhou, por um momento sequer, os seus soldados que, feridos, passaram a ser deficientes.»

Entretanto, e ainda como contraste em relação à atitude dos soldados que estiveram ao lado dos trabalhadores da Informação, consta que o tenente-coronel Fonseca comandante do Trem-Auto, pediu a demissão, em virtude daquilo que considera ter sido uma «atitude de indisciplina» dos seus soldados instalados no R.C.P. Não confirmada a notícia, uma coisa porém, é certa: o comandante do Trem-Auto não apareceu na unidade durante todo o dia de ontem.

Comissões de trabalhadores,

empregados, grupos de trabalhadores, etc., têm manifestado, através de comunicados, o seu repúdio pela ocupação militar que ontem terminou (com excepção do do Centro Emissor da Buraca, da R.R.).

Para acrescentar à lista que vimos publicando, temos mais os seguintes comunicados: Comissão de Unidade de Trabalhadores da C.U.F., organização pró-sindical dos trabalhadores da C.M.L., Comissão de Trabalhadores da Mague, trabalhadores da Secca, Comissão de Trabalhadores da Sociedade Central de Cervejas (Vialonga), Sindicato dos Profissionais de Telecomunicações e Radiodifusão, trabalhadores da delegação em Lisboa do Gabinete da Área de Sines, trabalhadores da Fundação Gulbenkian, delegados sindicais da Lisnave, trabalhadores ferroviários do Rossio e um grupo de ferroviários de Santa Apolónia, Comissão de Moradores do Bairro Novo (Amadora) e um grupo de moradores da freguesia de S. João de Deus.

## ZONAS ONDE É PROIBIDO CAÇAR

Segundo edital da Comissão Venatória Regional do Centro, agora tornado público, é proibido o exercício da caça a todas as espécies nas Zonas de Ordenamento Cinegético situadas nos concelhos de Abrantes, Águeda, Albergaria-a-Velha, Anadia, Ansião, Arganil, Cantanhede, Castelo Branco, Coimbra, Covilhã, Ferreira do Zêzere, Figueira da Foz, Fundão, Gouveia, Guarda, Idanha-a-Nova, Ilhavo, Manteigas,

Mira, Montemor-o-Velho, Mortágua, Oliveira de Frades, Oliveira do Hospital, Penamacor, Penela, Pinhel, Seia, Sever do Vouga, Soure, Tomar, Tondela, Vagos e Vila Velha de Ródão.

O mesmo edital presta esclarecimentos sobre a anulação de algumas reservas do ano 1.º sacto, da sinalização das zonas e das penalidades em que incorrem os caçadores que cometam infracções dentro das referidas zonas.

## Mutilados contra documento da Região Militar do Norte

Não evoluiu nas últimas horas a luta dos mutilados das guerras coloniais, que aguardam, como temos vindo a referir, a promulgação do decreto-lei que regularize a situação de todos e de cada um. Para o efeito, elaboraram, há meses, um projecto que deixaram em S. Bento e sobre o qual se parece ter debruçado o V Governo Provisório.

A Comissão de Luta dos deficientes divulgou, esta manhã, um comunicado de dois pontos, insurgindo-se contra o que considera «um atentado à verdade» a partir de um documento distribuído em todas as unidades militares do Norte do País, posto a circular pela Região Militar do Norte. A origem do mesmo parece ser o Estado-Maior das Forças Armadas.

Nele se afirma, entre outra matéria, que foram muitos os

«deficientes que em S. Bento largaram os carros de rodas» quando os «comandos» investiram. A Comissão de Luta nega terminantemente que isso se amolde à realidade e uma vez mais denuncia uma posição que «pretende denegrir a verdade».

O comunicado da Comissão de Luta da A. D. F. A. convida o Povo a pronunciar-se sobre a veracidade dos factos, alertando os militares que se encontram nas unidades do Norte contra «tão vil calúnia». Refere, ainda, que a sua luta se insere na «luta de todos os explorados e oprimidos», e que, contra, também, o que o comunicado assinala, não está manipulada por partidos ou influências partidárias.

Dos trabalhadores da TAP recebemos uma moção de apoio à sua luta.

## GRÁFICOS DA "MIRANDELA" Não ao alarmismo do "Jornal Novo"

Os trabalhadores gráficos da tipografia Mirandela recusaram-se a editar, ontem, uma edição especial do «Jornal Novo», dado o teor alarmista de um comunicado do Partido Socialista que devia ser inserido naquela edição.

De harmonia com o que os trabalhadores gráficos da Mirandela afirmaram à ANOP não os moveu a intenção de um boicote ao «Jornal Novo», mas apenas o facto de o plenário dos trabalhadores, efectuado

para a elaboração de um comunicado onde assumiam a sua posição acerca do teor da comunicação do P. S., ter-se prolongado de tal forma que a administração da empresa resolveu que a edição não fosse feita.

Entretanto os trabalhadores daquela tipografia decidiram a realização de um plenário para amanhã às 17 e 30 horas para tomarem uma posição pública sobre o incidente de ontem.

### TIMOR

## TROPAS INDONÉSIAS CONCENTRAM-SE PARA UM ATAQUE

Segundo a agência Reuter «uma comissão especial de crimes de guerra começou ontem a examinar o caso dos prisioneiros tomados pelas forças da Fretilin durante a guerra civil».

Cerca de trezentas pessoas concentraram-se durante mais de três horas em torno do quartel-general da Polícia para assistirem às audiências.

Nomeada pelo Comité Central da Fretilin, a Comissão Militar e Política de Inquérito tem por missão decidir se existem casos de «prima facie» contra os prisioneiros — esclareceu o secretário do Comité, Alarico Fernandes.

A Fretilin encarcerou seiscentas pessoas aproximadamente em consequência da sua luta contra a U.D.T.

Por outro lado, e segundo a mesma agência noticiosa, as tropas indonésias estão a concentrar-se para um ataque em áreas do Timor Leste português controlado pelo movimento esquerdista de libertação Fretilin — declarou hoje um

dirigente da Fretilin.

A Fretilin (Frente Revolucionária de Timor Leste Independente) reivindica o controlo da colónia portuguesa, que tem fronteira com o Timor Ocidental indonésio.

O comandante militar da Fretilin, Rogério Lobato, declarou em Dili que notícias dos serviços secretos mostram «actividade militar em larga escala de unidades indonésias no distrito Alas de Timor Ocidental, a pouca distância da cidade de Suai, controlada pela Fretilin».

«O comando militar da Fretilin repete a sua advertência de que qualquer força estrangeira que penetre no Timor Leste será considerada força invasora», declarou Lobato. «Qualquer invasão com o pretexto de que continua uma guerra civil será repelida».

Entretanto, funcionários indonésios lamentaram a manifestação, de ontem, na Embaixada indonésia em Canberra (Austrália) por partidários de um Timor Leste independente.

## ESCOLAS SUPERIORES DE LISBOA

As comissões de gestão de todas as escolas superiores de Lisboa reunem-se hoje, pelas 15 horas, na Reitoria da Universidade de Lisboa — Cidade

Universitária. A reunião estará presente o Secretário de Estado do Ensino Superior, dr. António Brota.

## post scriptum

### UMA AMOSTRA DE OBSCURANTISMO

«Resposta ao artigo «Tortura no Brasil — O Governo promete mas não cumpre», publicado a 25-9-75, no «DL». Desnecessário é lê-lo para saber o que nele se contém. Ele faz parte da mesma orquestra que manda queimar embaixadas, protestar contra a morte de cinco espanhóis, contra a morte de Allende, etc., etc. Mas que sentimentos de fraternidade podem mover tal rapaziada, que assim tão ruidosa e publicamente protesta? Serão realmente dominados por laços de solidariedade humana ou por simples objectivos políticos com o maior desrespeito pelos mais profundos sentimentos humanos?! Se de facto os movimentos sentimentos humanos protestariam contra aqueles cinco mesmos terroristas por terem assassinado covarde e premeditadamente 30 polícias? Porque não protestaram contra as «hordas» do PAIGC por terem fuzilado milhares de guinéus (fulas) só porque pertenceram ao Exército português? Porque não contra os assassinos de cerca de 50 mil angolanos (de origem ou aí residentes) por inconscientes mãos armadas pelos russos? Porque não protestam contra a morte de milhares de moçambicanos às ordens de Samora Machel? Ou aos fuzilamentos em massa ordenados por Fidel Castro? Mas, quanto ao artigo, é certo que no Brasil há contrastes, mas que facilmente o Governo eliminaria, não acolhendo os estrangeiros que lá procuram o seu sustento. Isto é, se fizesse como na Rússia ou nos seus satélites, de onde se não pode sair e aonde se não pode entrar, onde o trabalho é imposto ao verdugo do chicote. Compare, mas com serenidade, não deixando de referir as grandes misérias que vão por esses países que pretende defender, em que o ser humano é reduzido à bestialidade, não podendo alimentar mais sonhos que um simples catre e uma mangedoura. Qual foi o único país que se propôs receber em massa, sem retribuição, os portugueses que vorgonhosamente foram votados ao abandono no ultramar após o 25 de Abril?

A. Setoval — Porto

«DL» — Na carta deste leitor cabe tudo: obscurantismo, fascismo, colonialismo, e talvez um pouco de má-fé. É, em matéria de formação humana, o produto acabado dos 48 anos de salazarismo. Provar-lhe, por exemplo, que em Moçambique nunca houve uma única condenação à morte, e que o regime político da Frelimo nem prevê a pena capital, ou que os polícias de Franco «covarde e premeditadamente» têm assassinado nas masmorras milhares de espanhóis, seria esbarrar no mais fechado sectarismo. Só o «catre» e a «mangedoura» até faltam, por enquanto, a muitos dos nossos compatriotas. Agradeça-o ao regime de deposição.

### O nojo das santas alianças

Tenho 41 anos e toda a minha vida foi de sofrimento e luta antifascista, sendo traumatizado na minha adolescência, aos 18 anos, com prisão na ex-PIDE em Coimbra, durante três semanas.

Dado que as últimas eleições para o sindicato não eram sindicais, mas partidárias, absteve-me de votar em qualquer das listas apresentadas, não esquecendo, porém que a lista vencedora tinha como uma das suas determinações «Pela Unidade» e, como tal, todos legalmente são sócios do sindicato, independentemente das suas opções políticas ou partidárias, devendo a direcção abster-se de compartimentar os seus sócios por ideologias, mas sim, promover a sua unidade naquilo que é fundamental para um sindicato.

Com a maior repulsa e nojo, verifico, infelizmente, o ódio movido por essa direcção contra os sócios que não sejam socialistas, «pêpêdes» ou MRPP's que, numa santa aliança burguesa têm vindo a ofender miseravelmente todos os 30 por cento de sócios que não votaram na lista B, apodando-os na linguagem de rufias do bando MRPP que aí se imiscuiu de social-fascistas, social-fascistas! Isto é no nosso sindicato não há lugar para os social-fascistas, vocábulo que os socialistas copiaram dos neofascistas encapitados de maoístas do MRPUM-PUM...

(...) Se em vez de promoverem a unidade, continuarem a insultar impunemente a massa associativa que não alinhou na imunda santa aliança PS/MRPP, então ter-se-ão de iniciar novas fórmulas de luta contra a canalha que está à frente da direcção. A história ensina-nos que nem sempre os triunfalismos eleitorais são sinónimos de razão, como nos informa, por exemplo, a história dos cristãos das catacumbas.

H. Pereira dos Santos — Lisboa

### Os porquês

A Espanha dominada por um fascismo feroz, tem visto aumentar anualmente o número de turistas das social-democracias. Portugal, onde a liberdade é um facto indelével, que até nem os social-democratas internos podem negar, tem sido alvo de um boicote infame e indecente, que explica afinal os interesses burgueses e imperialistas de quem o faz. A isto tudo acresce que as nossas praias são melhores, os nossos preços mais baixos e o tratamento não será menos cortês. (antes pelo contrário!).

Manuel Rovisco Alturas — Vila Franca de Xira

# CONVERGÊNCIA MONETÁRIA ENTRE OS CINCO

Desde que em Roma, em Janeiro de 1974, os ministros das finanças dos principais países capitalistas renunciaram a apresentar a reforma de conjunto que os seus «peritos» haviam sido incapazes de conceber, os problemas monetários deste mundo vão sendo cada vez mais conduzidos a pouco e pouco. Para ajudar a reencontrar um fio condutor nas várias iniciativas que aqui ou ali se tomam, Giscard d'Estaing propôs, no princípio do Verão, uma conferência entre chefes de Estado ou de Governo, limitada de princípio aos países membros do que se convencionou chamar, apesar de na ausência de existência jurídica, o grupo dos Cinco: Estados Unidos, França, Alemanha federal, Grã-Bretanha e Japão.

Acolhida, pelo menos em público, com muito cepticismo, esta sugestão fez caminho. No entanto, os americanos continuam a negar a relação que existe entre a desorganização do sistema de câmbios e a re-

cessão económica. Mas não puderam deixar de ser sensíveis ao partido que, no terreno político, pode tirar-se do tema de discussão proposto pelo presidente da República. Não declarou este que «aquilo a que o mundo chama crise do capitalismo é, na realidade, uma crise monetária?». Na véspera do reatar do diálogo Norte-Sul, durante o qual o «capitalismo» ocidental será decerto uma vez mais acusado de provocar no mundo inteiro uma recessão que ataca duramente as economias dos países mais pobres, parecerá decerto oportuno a alguns chamar a atenção para os aspectos mais técnicos das dificuldades actuais.

Será a altura de pôr ordem num domínio em que os grandes Estados, no decurso dos últimos anos, se libertaram de toda e qualquer regra pelo abandono das paridades fixas e toda e qualquer referência a um padrão comum? Não está reunida nenhuma das condições de tal operação. Mas,

perante a perturbação das opiniões públicas a que outrora se prometera expansão contínua, e que constatam a impotência dos Governos para vencer o desemprego, os principais países do mundo ocidental e o Japão julgarão sem dúvida útil abrir, pelo menos, uma perspectiva de afirmar uma vez mais que agem em combinação.

O tempo dos sistemas cuidadosamente codificados, como o que os aliados tinham em 1944, elaborado ao serem concluídos os acordos de Bretton-Woods, não repetirá tão depressa. Mas os optimistas podem discernir, num certo número de experiências e decisões aparentemente ditadas com a única preocupação de solucionar problemas urgentes, a lenta reconstrução de uma ordem monetária mais do que nunca indispensável. Graças ao regresso do franco ao circuito uma zona de relativa estabilidade parece emergir de novo na Europa, que deveria reforçar, talvez antes do fim

deste ano, a associação do franco aviso, cujo princípio acaba de ser finalmente adoptado em Bruxelas, apesar das objecções da França. No plano monetário, a Suíça faz figura de grande potência e, pense-se o que se pensar em Paris, a Europa não é tão rica de realizações que possa recusar o concurso de um país a pretexto de que ele não assinou o tratado de Roma.

A subida do dólar oferece uma ocasião de retomar a discussão acerca da desejável estabilização dos mercados de câmbios, embora deva manter a ilusão de um regresso à «normalidade». Por fim, mesmo Washington parece hoje preocupado com as flutuações desmuniadas fortes no mercado do ouro, cuja baixa acaba de arrastar uma brutal desvalorização do rand sul-africano, e poderia mesmo, se continuasse, diminuir a potência financeira relativa dos países ocidentais detentores da quase totalidade do ouro monetário.

© Le Monde

# OS INGLESES EXPERIMENTAM A TRANSMISSÃO POR ONDAS HERTZIANAS DE UM "JORNAL ESCRITO"

Por JEAN-LOUIS LAVALLARD

Há pouco tempo, os especialistas do sistema audiovisual apostavam na teledistribuição. Sonhavam com um sistema que permitisse a cada telespectador receber à vontade grande número de programas de televisão independentes. Alguns chegavam a imaginar estações locais, animadas por gente do bairro e em que todos pudessem improvisar-se produtor, realizador ou actor. Deve constatar-se que todos estes projectos ainda são meras esperanças e que o desenvolvimento da televisão por telegrafo não corresponde às promessas que podiam esperar-se. Claro que há certas regiões e certos países onde, por razões diversas, os canais nacionais são encaminhados por telegrafo até aos receptores, mas raros são os casos de animação local e recepção de programas especiais.

Estes sistemas ambiciosos têm todas as possibilidades de ser esquecidos ou até ultrapassados por um ou por vários processos diferentes que utilizem não a difusão por telegrafo mas a transmissão hertziana normal. Como esta última é dificultada por ser tecnicamente impossível cobrir a totalidade do território com mais de quatro canais, como difundir programas especializados que terão muito mais números? Várias vias são possíveis.

Uma delas é bastante simples. Consiste em realizar — o que não apresenta dificuldades técnicas intransponíveis — magnetofones capazes de se pôr automaticamente em funcionamento, ou a determinada hora ou em sequência de um sinal do emissor. Em lugar de só utilizar diariamente os quatro canais durante algumas horas, como acontece actualmente, estes funcionariam 24 horas em 24. Durante a noite transmi-

tiriam as emissões especializadas mais diversas, sobre a cultura das flores ou a maneira de jogar golf. Tais emissões não seriam destinadas a ser vistas em directo. Seriam registadas a domicílio pelos amantes de flores ou os apaixonados de golf, que poderiam vê-los depois no momento que mais lhes agradasse.

Este processo não é o único que se pode imaginar. Outro, muito mais avançado tecnicamente, poderia ter um impacto muito maior. Durante uma emissão de televisão normal, há um certo número de tempos mortos. Umas vinte linhas de cada imagem são inúteis no sistema P. A. L., e umas cinco ou seis no sistema SECAN actual. Por que não as utilizar na transmissão, não de imagens de televisão (não haveria tempo), mas na de informações alfanuméricas, isto é, textos em código?

### CEM PÁGINAS À ESCOLHA

Desde agora, a B. B. C. e em breve a televisão britânica privada I. B. A. Independent Broadcasting Association) vão emitir jornais escritos por este meio, utilizando somente duas linhas inúteis por imagem.

Como se apresentam elas então para o utente?

Este regula normalmente o receptor de televisão num dos canais. Dispõe, para mais, de um instrumento que se parece muito com uma pequena máquina calculadora. Carrega em várias teclas desse aparelho, e logo surge no «ecran» um texto de vinte e quatro linhas que é o sumário do jornal que vai receber. Lê-se, por exemplo:

— Pag. 12: Wilson encontra-

se com os sindicatos do automóvel;

— Pag. 13 os peritos da O. C. D. E. provêm uma descida na produção do açúcar;

— Pag. 84 um novo filme de Antonioni: *Profissão: repórter*.

— Pag. 99 as previsões meteorológicas.

Basta carregar depois nas teclas 8 e 3 da pequena calculadora, para que surja no «ecran», ao fim de alguns segundos, a «página» consagrada aos resultados desportivos. Se se tiver composto o 13 ver-se-á o texto consagrado à baixa da produção do açúcar.

O tamanho do texto disponível é mais reduzido do que o que se encontra na maioria dos quotidianos actuais. A capacidade do sistema é de 100 páginas, compreendendo 24 linhas de 40 caracteres cada uma. Último aperfeiçoamento: nos televisores a cores, há palavras coloridas, o que as torna mais evidentes.

Este processo não é um processo de futuro. Funciona desde já há vários meses na Grã-Bretanha com o nome de CEE-FAX. Há emissões diárias (em todo o caso o programa limita-se de momento a cinquenta páginas em vez de cem). É actualmente produzido pela B. B. C. E a televisão independente I. B. A. deve pôr constantemente em serviço o seu próprio programa sob o nome de Oráculo.

De momento o grande público não recebe novos jornais, porque os industriais ainda não difundiram ao público a pequena «máquina calculadora», nem os circuitos electrónicos que têm de ser colocados nos televisores, para estes recebe-

rem os programas. Só em Janeiro próximo é que estas emissões se tornarão oficiais.

Entretanto, a B. B. C. e I. B. A. difundem autênticos programas segundo este processo, não para satisfazer os técnicos susceptíveis de os receber mas para rodar as suas equipas produtoras. Com efeito, é preciso encontrar uma fórmula e um estilo de apresentação original e adaptar-se a todas as possibilidades do processo, em especial a sua rapidez.

### UM SUPLEMENTO DE PREÇO MÓDICO

Cada texto pode, com efeito, ser imediatamente visto, o que exige a produção contínua deste jornal, um pouco como as estações de rádio. É também necessário determinar a percentagem de notícias nacionais e locais, porque cada emissor pode dispor à vontade de um certo número de páginas para notícias locais, que só serão emitidas na zona que ele cobre.

É difícil dizer que acolhimento fará o público aos serviços CEEFAX e ORÁCULO. Tudo dependerá da política dos industriais encarregados de vender as pequenas calculadoras e os circuitos electrónicos que lhes correspondem. Segundo as previsões mais correntes, os televisores com essa possibilidade suplementar de recepção, deveriam custar umas 20 libras mais do que os actuais.

Mas como acontece com todos os produtos para o grande público, a velocidade do desenvolvimento dependerá do seu custo, que, por sua vez, depen-

Continua na pág. 18

# Nacional

## ABORTO

### LEI DO SÉCULO PASSADO AINDA EM VIGOR

Durante o Encontro Internacional sobre «Aborto, Contracepção e Opressão da Mulher» que teve lugar, há dois meses, em Lisboa foi notória a falta de participação da mulher portuguesa. Contudo, vários sectores progressistas vão tomando consciência da importância decisiva que têm os problemas específicos da mulher, de modo que a palavra de ordem «sem socialismo não há libertação da mulher e não há socialismo sem libertação da mulher» ganha cada dia mais adeptos.

Hoje, a consciência das mulheres está mais que nunca desperta para a resolução dos problemas económicos, políticos e sociais e por isso não é admissível que a mulher continue alheia a um problema que lhe diz respeito e que só poderá encontrar solução através da sua luta: o direito à contracepção e ao aborto.

No início deste ano, foi criado o Movimento para a Contracepção e Aborto Livre e Gratuito (MCALG), cuja prin-

cipal reivindicação é a revogação da lei de 16 de Dezembro de 1886. Esta obsoleta lei estipula: «Aquele que de propósito fizer abortar uma mulher pejada empregando para este fim violência, bebidas, medicamentos ou qualquer outro meio, se o crime for cometido sem o consentimento da mulher, será condenado com prisão maior de 2 a 8 anos». Por outro lado, o Artigo 358 tem dois parágrafos que estabelecem a mesma prisão maior para a mulher que consente a prática do aborto ou que voluntariamente o provocar a si própria.

Face a esta realidade, o MCALG, além da revogação imediata da lei actual sobre o aborto, reivindica a contracepção livre e gratuita (reembolso pela Previdência Social); e discussão e acção colectiva sobre os problemas da sexualidade e maternidade.

Entre os opositores a estes objectivos contam-se os sectores reaccionários da Igreja. Já na Idade Média, os teólogos

afirmavam que a vida aparecia aos quarenta dias para um feto masculino e aos oitenta para o feto feminino. No nosso século, a Igreja Católica e outros amigos do feto declaram que há vida desde a fecundação concluindo que é criminoso o acto de a impedir.

Também ao nível do Estado, vários são os Governos que no Terceiro Mundo continuam a abortar e esterilizam as mulheres, dando-lhes para isso prendas como baldes de plástico e transistores.

A vida não tem sempre o mesmo valor, dependendo, como é fácil concluir a partir dos casos citados, das condições sociopolíticas e ideológicas dos sistemas que oprimem uns para garantirem os privilégios de outros.

Seguindo o exemplo dos explorados que por toda a parte fazem ouvir a sua justiça através de Comissões de Trabalhadores, de Moradores e outros órgãos de Poder Popular, as mulheres deverão auto-organizar-se e exigir o direito de con-

trolar o seu próprio corpo. Como as reivindicações só assumidas colectivamente podem forçar a lei e fazer vigorar a vontade das mulheres, o MCALG convida todas as mulheres interessadas a contactarem com a sede na Pedro Álvares Cabral, 48.

#### GRUPO DA COVA DA PIEDADE

Numa sociedade que elimine a opressão do homem pelo homem, cada mulher terá os filhos que desejar e não mais ficará subjugada ao peso de uma natureza cega. Para tal, é necessário criar centros de contracepção em todo o País onde cada mulher terá oportunidade de ver estudado o seu caso. Só deste modo se poderá pensar em eliminar o actual mercado negro do aborto que explora milhares de mulheres trabalhadoras e provoca a morte de muitas centenas.

Uma auto-organização das mulheres que lhes permita superar a sua subalternização e

marginalização seculares não pode ser obra de cérebros iluminados, mas deverá ser uma reivindicação de toda a população.

Não resulta, através de mantas de retalho, tentar resolver o problema a nível particular. É necessário formar um movimento nacional que reivindique a contracepção e o aborto. Entretanto, todos os esforços neste sentido merecem todo o entusiasmo das mulheres.

O Grupo da Contracepção da Clínica Comunal da Cova da Piedade emitiu um comunicado em que se afirma: «Para haver uma vida melhor, em que as mulheres se sintam bem, temos de encontrar os meios de modificar desde já as nossas relações com os e as colegas

de trabalho, com os homens em geral e com o homem com quem a gente vive, e com as crianças, especialmente com os nossos filhos».

Um dos meios para modificar a actual situação da mulher «é controlar o seu corpo, de modo a ter a certeza que dele só nascerão os filhos que elas quiserem».

«Outro meio, continua o comunicado, é o de nos juntarmos em pequenos grupos, por exemplo entre mulheres, onde possamos discutir e entender melhor os nossos problemas».

O Grupo da Cova da Piedade convida todas as mulheres interessadas a levarem para a frente uma luta que interessa a todas.

#### FUNCHAL

### COMISSÃO DE SANEAMENTO IMPEDIDA DE SANEAR

Uma Comissão de Saneamento procedente de Lisboa e devidamente credenciada pelo Conselho da Revolução para sanear e proceder a reclassificações no «Banco da Madeira Incorporado no Banco Total e Açores» foi impedida de entrar neste estabelecimento bancário, no Funchal.

A comissão era constituída por dr. Nicolau Batista, José Galante, Manuel Nobre e Alfredo Alves e, segundo consta, teria sido formada em consequência do afastamento de Valdemiro Costa — conhecido militante do MDP/CDE — do mesmo estabelecimento.

Trabalhadores do Banco (95 por cento) e vários populares a quem fora dito que a comissão «ia lá buscar dinheiro para levar para o continente» não permitiram sequer a sua entrada no Totta e Açores, obrigando o grupo a regressar a Lisboa. No aeroporto, as ameaças eram de tal ordem que os membros da comissão

tentaram tomar lugar no primeiro avião, que seguia para Frankfurt.

Poucas horas antes do regresso à capital do país, a comissão de saneamento recebia, no hotel, um cartão com os cumprimentos da FLAMA (Frente de Libertação do Arquipélago da Madeira) e os desejos de «boa viagem».

Entretanto, foram arrancadas algumas placas da designação do Banco de molde a ler-se, apenas, Banco da Madeira e Açores.

Acrescente-se que os manifestantes exigiram que fosse revistada a bagagem dos «fascistas vermelhos» (como chamaram aos membros da comissão), tendo encontrado documentos «comprometedores». Estes documentos eram, afinal, a credencial do Conselho da Revolução indispensável ao processo de saneamento e reclassificação de trabalhadores do Banco.

## SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

### COMUNICADO

#### A TODOS OS TRABALHADORES

##### PELA PRIMEIRA E ÚNICA VEZ VAMOS RESPONDER AS PROVOCAÇÕES DO JORNAL MENTIROSO E CONTRA-REVOLUCIONÁRIO «TEMPO».

Para muitos trabalhadores saberem que a campanha dirigida contra a Direcção do nosso Sindicato é encabeçada pelo jornal da direita fascista (recoremos a posição dos trabalhadores da Imprensa, que repudiaram a solidariedade falsa daquele jornal quando da luta recente contra a censura e há poucos dias a atitude revolucionária das camaradas do Comércio, onde aquele pasquim é impresso, ao recusarem-se a deixá-lo sair com a entrevista com elementos do ELP), bastará para compreenderem a manobra e saberem quem e porquê nos atacam.

Todavia, em Assembleia de Delegados Sindicais de 19/9/75, realizada no Pavilhão de Electricidade do Instituto Superior Técnico, foi analisado um documento anónimo caluniando a maioria dos elementos da Direcção do Sindicato, documento que tem servido de base às coscuvilhices e insinuações mentirosas e aleviosas do sr. Vacondeus, director-adjunto e alcoviteiro-mor da folha reaccionária atrás referida. Por esse motivo, os delegados presentes, depois de inteirados pela Direcção das mentiras do documento e de algumas meias verdades nele hábil e tendenciosamente inseridas, propuseram e foi aprovado sem oposição, que se respondesse ao «Tempo», já que as mentiras daquele jornal eram públicas e não anónimas como as do documento que devia ser repudiado simplesmente.

Em nova Assembleia de Delegados de 25/9 a Direcção foi interpelada acerca das razões por que ainda se não tinha respondido (o sr. Vacondeus prometera continuar a utilizar os seus 110 000 exemplares e nós esperámos pelo número seguinte!), ratificando os delegados a decisão anterior e decidindo que não se esperasse mais: Assim, vamos seguidamente enumerar alguns aspectos desta questão, que depois desta resposta consideraremos encerrada:

##### AS FALSIDADES DO «TEMPO»

É mentira que a Direcção tenha passado uma carteira profissional de director a um dos seus elementos; é mentira que o camarada Cipriano de Oliveira receba dinheiro de outros organismos além da Escola Hoteleira onde trabalha a tempo inteiro; é mentira que o Amadeu acumulava ou acumule o ordenado do Sindicato; os dirigentes não têm ordenado do Sindicato; simplesmente, quando é necessária a sua actuação sindical durante as horas de trabalho e as empresas lhes descontam os salários, o Sindicato paga, como o permitem os Estatutos, essas perdas de salário; é mentira que o Américo Nunes ganhe 12 000\$00 do Sindicato quando falta ao trabalho; é mentira que o Amadeu Caronho seja o responsável por tudo quanto correu mal no Mercado do Povo e muito menos no que diz respeito a gastos (o sector administrativo era da responsabilidade do Ministério da Comunicação Social que ali tinha um delegado). Pelo contrário, o restaurante, da responsabilidade do Amadeu, foi rentável e era a única fonte de receitas significativa para fazer face a todas as despesas; é mentira que os trabalhadores de hotelaria tenham contestado o Américo, quando este propôs que ajudássemos os trabalhadores agrícolas na sua luta pela Reforma

Agrária; bem ao inverso, a proposta foi aprovada por unanimidade e aclamada pela Assembleia de Delegados Sindicais e até ao momento o único contestatário de que temos conhecimento é o «Tempo». De tudo o que se diz daremos as necessárias explicações no Sindicato onde nada se esconde aos trabalhadores que podem consultar a documentação que pretenderem, tanto individualmente como através de comissões.

##### ALGUMAS COISAS QUE SABEMOS DE QUEM NOS CALUNIA

O sr. Vacondeus, director-adjunto do «Tempo», é patrão do sector da Hotelaria, sendo proprietário do Restaurante Cota d'Armas que está fechado sem pagar aos trabalhadores há três meses e do Peixe-Espada, que está a construir a crédito. Deve ao Fundo de Turismo milhares de contos e neste momento espera que este organismo lhe empreste mais 5000. É responsável pelas Relações Públicas do Grémio dos Hotéis do Sul. Como vêem, camaradas, o sr. Vacondeus não é a pessoa própria para falar em nome dos trabalhadores da Hotelaria! Que interesses defende este senhor quando afirma no seu pasquim, gritando aos sete ventos, que os trabalhadores da Hotelaria estão todos contra a sua Direcção? Não saberá este cavalheiro que apenas aos trabalhadores diz respeito a vida do seu organismo de classe, e não a representantes do Grémio, o organismo oposto?

Que interesses defende este senhor, para em nome dos trabalhadores chegar a oferecer ridículamente, a presidência do organismo sindical ao sr. Amorim, nome que foi mais que uma vez eleito porteiro do ano e que recebeu dois convites para trabalhar fora do País, um em Nova York e outro no Brasil? Não sabe este senhor que a vida sindical é colectiva e nada tem a ver com vedetismos? Pensa o sr. Vacondeus que eleger uma Direcção Sindical é o mesmo que eleger uma «miss» qualquer, passatempo a que se dedicavam jornais onde trabalhava no tempo do fascismo?

Claro que, o interesses ideológico e monetário do sr. Vacondeus e do jornal onde verte o seu rancor contra os legítimos representantes dos trabalhadores, não podem compreender o processo revolucionário em curso e muito menos integrar-se nele; se não fora os próprios trabalhadores de Hotelaria através da sua organização exigirem uma resposta pública às ofensas reaccionárias do sr. Vacondeus e do «Tempo», nós, Direcção, continuaríamos o nosso trabalho de resolução dos problemas dos trabalhadores, conforme sabemos e podemos, com a ajuda dos muitos delegados sindicais que conosco aqui co-militam enquanto os trabalhadores e apenas estes, entenderem dar-nos a sua confiança.

Cumprimos, todavia, como nos compete, a execução da proposta da Assembleia de Delegados Sindicais, que acharam não devermos ficar calados sem desmascarar as calúnias e as manobras traiçoeiras dos lacaios do Capital e dos seus órgãos de Informação.

ABAIXO A IMPRENSA CONTRA-REVOLUCIONÁRIA!  
VIVA A CLASSE TRABALHADORA!  
OS TRABALHADORES UNIDOS VENCERÃO!

A DIRECÇÃO

#### MOEDAS COMEMORATIVAS DO 25 DE ABRIL

Até ao próximo dia 4 estão patentes ao público, das 9 às 18 horas (excepto aos domingos), na Livraria do Estado, à Rua Marquês de Sá da Bandeira, os trabalhos apresentados ao concurso de projectos de moedas comemorativas do 25 de Abril, promovido pela Imprensa Nacional — Casa da

Moeda.

O júri do concurso, como oportunamente se noticiou, premiou os projectos «República Portuguesa» e «Destruição do Aparelho Fascista», da autoria de Armando de Matos Simões, e «444», da autoria de Duarte Gravato.

#### Instituto de Línguas de Algés

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29. 2.º — ALGÉS  
Telefone 2 10 29 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO — RUSSO  
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS  
MATRÍCULAS ABERTAS PARA OS CURSOS  
A INICIAR EM 1 DE OUTUBRO

Das 10 às 12 h. e das 17 às 22 h. excepto sábados





Ora  
diga-nos

## Tens acompanhado a política?



As crianças, como toda a gente, são envolvidas pela política. É possível encontrar, ao acaso, numa sala de aula, inúmeros miúdos que conhecem os nomes de todos os ministros e respectivas pastas e que dão a sua explicação para certas situações de crise. Mas política e religião não se discutem... «Isso é fascismo! Discute-se, sim senhor.»

António Jorge tem 10 anos, anda no 1.º ano. (Tens acompanhado a política?) Mais ou menos (e qual foi o acontecimento mais importante dos últimos dias?) Acho que foi a condenação à morte dos espanhóis (porquê?) porque não concordo. É desumano. (E acontecimentos de carácter puramente nacional?) A bomba que explodiu em casa do Primeiro-Ministro...

A opinião do António Jorge é partilhada por outros dois companheiros de carteira, o Carlos Manuel e o



António Manuel, ambos de 12 anos. Tens acompanhado a política? Responde o Carlos: sim, tenho (qual foi o...) a condenação à morte dos cinco espanhóis (mas não concorda com o regime de Franco?) não! (porquê?) é o fascismo... (e o que é isso de fascismo?) é as pessoas quererem falar e não deixarem. (A nível interno?) Não deviam ter ocupado a Rádio e a Televisão (!!) não lhes pertencia.

Corroborando a opinião dos camaradas, o António Manuel refere-se concretamente ao que se passou na Embaixada de Espanha em Portugal (por que fizeram aquilo?) porque foram condenados à morte cinco patriotas, e isso está mal feito (mas os que foram condenados, também mataram...) não senhor. Eles não sabem quem são. Como eram da F. R. A. P., prenderam-nos. Prendem todos os que são da F. R. A. P. (Mais algum



acontecimento importante?) A visita de Costa Gomes à Polónia (qual é o interesse?) teremos mais relações com o mundo.

João Madeira tem 9 anos, anda na 2.ª classe. Também quis dizer de sua lavra. (Tens acompanhado a política?) Não! (Mas queres referir algum acontecimento especial...) Sim, a manifestação do Partido Socialista. Houve feridos (mas se não tens acompanhado a política, não sabes sequer quem é o Primeiro-Ministro...) Sei. Vasco Gonçalves.

## Manifestação de soldados e trabalhadores em Beja

BEJA, 2 — Por iniciativa conjunta dos soldados da Base Aérea n.º 11 e do Secretariado das Intercomissões de Moradores de Beja, decorreu ao fim da tarde de ontem, nesta cidade, uma manifestação popular a que se associaram soldados do R.A. e muitas comissões de trabalhadores de diversas empresas.

Após terem percorrido as principais ruas, os manifestantes dirigiram-se à Praça da República, onde decorreu um comício, em que usaram da palavra soldados e representantes das comissões presentes.

Foi focada a necessidade de uma maior unidade entre soldados, marinheiros e camponeses, com vista a travar as manobras contra-revolucionárias, e fazer avançar a Reforma

Agrária, rumo ao socialismo, tendo ainda sido apresentado um protesto contra a possibilidade da instauração de uma social-democracia no País.

Os manifestantes observaram um minuto de silêncio à

memória dos patriotas espanhóis assassinados pelo franquismo, tendo sido finalmente anunciada a recolha de assinaturas para pedir a intervenção do Governo no «Diário do Alentejo».



Automóvel Club de Portugal

VIAGEM ESPECIAL AO

**BRASIL**

DE 12. A 27 DE OUTUBRO

Com a colaboração da

**TRANSNÁUTICA**

RUA DUQUE DE PALMELA, 35  
TELEF. 59125 E 49354 — LISBOA

Reservas e informações nesta ou na sua Agência  
e no A. C. P.

**BATAS PROFISSIONAIS**

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS  
PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de contabilidade  
v. João XXI, 5-D — Rua Infante 16 55-C — Lisboa

## Telefones em Alcoentre

Encontra-se aberto concurso para a empreitada de colocação de telefones internos na Colónia Penitenciária de Alcoentre e ampliação da respectiva rede, com uma base de licitação de 733 120\$00.

O acto público do concurso realiza-se às 16 horas do próximo dia 22 de Outubro, na Comissão das Construções Prisionais.

## SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALO-MECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

### AVISO

#### ELEIÇÕES PARA OS CORPOS GERENTES DO SINDICATO

Por motivos de ordem técnica, os cadernos eleitorais encontram-se organizados, quanto às residências, por moradas das empresas. Deste facto não resulta qualquer dificuldade para o acto eleitoral, pelo contrário, todos os trabalhadores metalúrgicos localizarão mais facilmente o seu nome nos cadernos eleitorais.

Aproveita-se a oportunidade para informar que, de harmonia com o Art.º 87.º dos Estatutos, existirão quatro Mesas de Voto nas seguintes zonas: Sede de Lisboa (Rua Barata Salgueiro, n.º 36, no Salão da Sociedade de Belas-Artes); Delegação de Vila Franca de Xira, Delegação de Sacavém e Delegação de Torres Vedras.

Estas quatro Mesas de Voto abrangem os seguintes Concelhos:

**Sede de Lisboa**

Concelho de Lisboa, Sintra, Cascais e Oeiras

**Delegação de Vila Franca de Xira**

Concelho de Vila Franca de Xira, Alenquer, Azambuja e Arruda dos Vinhos

**Delegação de Sacavém**

Concelho de Loures

**Delegação de Torres Vedras**

Concelho de Torres Vedras, Lourinhã, Cadaval, Sobral de Monte Agraço e Mafra.

Assim, e de harmonia com o Concelho em que se situa a respectiva empresa, os trabalhadores metalúrgicos deverão votar na Mesa de Voto que abranger o Concelho da empresa.

Finalmente informa-se que as quatro Mesas de Voto abrem às 10 horas e encerram às 22 horas do dia 4 de Outubro.

Lisboa, 24 de Setembro de 1975

A COMISSÃO DIRECTIVA

## Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

### CONVOCATÓRIA

### REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS

Convocam-se todos os sócios deste Sindicato para uma Reunião Geral, a realizar no próximo dia 3 do corrente, pelas 20,30 horas, nas instalações da Feira Internacional de Lisboa «FIL» (Pavilhão 5), com entrada pela Rua Mercier Mouzinho de Albuquerque (traseiras da FIL), com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 — Eleições e Estatutos
- 2 — C.C.T. Vertical. Formas de Luta.

#### CAMARADAS!

Encontrando-se a classe em plena luta pela conquista do seu C.C.T., não faltes a esta reunião.

Divulga pelos teus camaradas de trabalho.

- EM FRENTE PELO C.C.T.!
- VIVA A CLASSE OPERÁRIA!
- EM FRENTE RUMO AO SOCIALISMO!

Lisboa, 1 de Outubro de 1975

A COMISSÃO DIRECTIVA

# Nacional

## COSTA GOMES EM MOSCOVO

Continuação da pág. 1

símbolo opulento de uma época de exploração e tirania a que a revolução de Outubro pôs termo. Neste cenário, decorreram as conversações do primeiro Presidente de Portugal a visitar a pátria do socialismo.

A visita do general Costa Gomes à União Soviética suscita o maior interesse entre toda a imprensa estrangeira acreditada em Moscovo. Pouco ou mesmo nada foi dado a conhecer aos jornalistas de fonte oficial. Sabe-se apenas que estará prevista a assinatura de um acordo de cooperação técnica e outro de natureza cultural e que uma missão portuguesa chefiada pelo dr.ª Aurora Murteira se encontra em Moscovo a trabalhar, juntamente com as autoridades soviéticas, nos assuntos referentes aos acordos em perspectiva.

Mas sabe-se também que, se no mundo por vezes difícil de compreender da diplomacia internacional, as atitudes de um país têm, em cada caso e em cada situação, um significado concreto, esse país é, sem dúvida, a União Soviética. Por isso, a grande pergunta que fazem os comentadores internacionais é se Brejnev virá ou não a receber o Presidente Português. No caso negativo isso poderá significar uma certa relativização da visita de Costa Gomes, mas se pelo contrário vier a recebê-lo as conclusões políticas a tirar serão outras. De acordo com esses observadores, é todavia muito provável que o presidente Costa Gomes seja amanhã recebido por Brejnev. A concretizar-se, este facto significará, por parte da União Soviética, um crédito à nossa Revolução e à capacidade dos portugueses para resolverem o novo tipo de problemas que a História lhes destinou. O teor do discurso de Podgorny no jantar de ontem é significativamente positivo.

### OS CONSELHEIROS SATISFEITOS COM O QUE VIRAM NA POLÓNIA

Na viagem de Varsóvia para Moscovo o capitão Vasco Lourenço e o major Costa Neves, tiveram uma longa troca de impressões com os jornalistas sobre a Polónia e as conclusões a que tinham chegado após a visita: um e outro puseram particular ênfase no conselho dado pelos dirigentes polacos para «não irem demasiado depressa». Quanto ao não ir depressa, deram o exemplo da Reforma Agrária na Polónia

que inicialmente deparou com muitos problemas e ainda hoje 80 por cento das terras estão nas mãos de particulares. Vasco Lourenço comentaria, em parte que, «apesar de tudo não há latifúndios».

Os dois membros do Conselho da Revolução mostraram-se muito impressionados com a disciplina das Forças Armadas polacas e do próprio povo fazendo significativas comparações com o que acontece em Portugal. Disseram também que esta visita lhes permitiu comprovar que as suas teses eram correctas e adequadas.

Não ter pressa é um dos conselhos que nenhum verdadeiro revolucionário se negará a aceitar. Todavia, no caso português, para se poderem aplicar com realismo as palavras avisadas dos dirigentes polacos, é necessário acrescentar mais alguma coisa: além de não ir depressa, é sobretudo necessário seguir pela estrada certa. Esta a grande diferença da Revolução Portuguesa, pois nem todas as forças olham para o mesmo ponto do horizonte.

As declarações de Vasco Lourenço e Costa Neves focaram pontos de muito interesse, mas limitações de comunicação não nos permitem ir mais longe.

Ontem à noite o Presidium do Soviético Supremo e o Governo Soviético ofereceram um jantar ao presidente Costa Gomes no Palácio do Kremlin. Hoje o Presidente Português visita Zagorsk assistindo à noite a um espectáculo no Teatro Bolshoi.

## CONFIRMADA A NOMEAÇÃO DO NOVO DIRECTOR DA E.N.

Sobre os últimos acontecimentos ocorridos naquela estação emissora, recebemos, à hora de fecharmos esta edição, o seguinte comunicado do Ministério da Comunicação Social sobre a Direcção da Emissora Nacional:

«O carácter de urgência das medidas tomadas pelo Governo em matéria de informação, nestes últimos dias, e o conhecimento público de algumas delas, têm levado a variadas especulações.

«Nesta linha surgem as interpretações que têm sido dadas à nomeação, num momento de

O estreitamento das relações luso-soviéticas será sem dúvida útil à Europa, ao desenvolvimento e à paz — afirmou o Presidente Costa Gomes, em discurso proferido no decorrer do jantar oferecido em sua honra pelo presidente do Presidium do Supremo Soviético da U. R. S. S., integrado no programa oficial da sua visita a Moscovo.

O Presidente da República Portuguesa, referindo-se ao significado da sua viagem, considerou que esta se inseria, tal como outras realizações, nos parâmetros «dentro dos quais nos propomos construir uma sociedade socialista livre e verdadeiramente independente que consagre o respeito pela dignidade do ser humano».

O general Costa Gomes considerou que «esta abertura só foi possível graças à queda do regime fascista em Portugal em 25 de Abril de 1974. A partir de então, e em ritmo acelerado, temos procedido à democratização da vida política portuguesa, à preparação das instituições democráticas livres e representativas, à restituição da dignidade ao Povo português — afirmou. Como consequência lógica da democratização citou a política de descolonização, que deu já lugar a quatro novos Estados, com os quais Portugal mantém as melhores relações.

O Presidente português terminou o seu discurso com votos para que «as negociações hoje iniciadas com as autoridades soviéticas sejam frutuossas e correspondam às aspirações dos dois povos».

emergência, dum delegado do Governo, com plenos poderes, para a Emissora Nacional.

«Antecipando-se a quaisquer conclusões sobre este facto, é reiterada a confiança do Governo na equipa militar que constitui a Direcção da Emissora Nacional, em exercício, a qual nunca esteve em causa.

«Esclarece-se, ainda, que, na incapacidade, por doença, do sr. comandante Bouza Serrano, é nomeado presidente da direcção da Emissora Nacional o sr. major S.A.M. João António de Figueiredo.»

## PRODUÇÃO AGRÍCOLA EM PERIGO

# MEDIDAS URGENTES PARA AQUISIÇÃO DE ADUBOS

Toda a produção agrícola do Norte do País do ano que vem se encontra gravemente comprometida, se o Ministério do Comércio Interno do VI Governo não tomar urgentemente medidas relativas à aquisição de adubos que prossigam outras promulgadas pelo mesmo Ministério do Governo anterior.

Na verdade, o V. Governo, através da Portaria 527/75 de 29 de Agosto, determinou uma redução de 20 por cento no preço dos adubos para a lavoura em geral e de 30 por cento para os pequenos e médios agricultores beneficiários do Crédito Agrícola de Emergência. Adiantou ainda no n.º 2 do mesmo diploma «os preços máximos dos adubos adquiridos, a crédito ou não, por pequenos e médios agricultores beneficiários do Crédito Agrícola de Emergência, através dos organismos competentes, bem como os correspondentes preços de venda pe-

lo fabricante».

Embora talvez estando (e será lógico pensar que estaria) entre os planos do Ministério do Comércio Interno do Governo anterior especificar quais os organismos competentes através dos quais se faria a aquisição dos adubos naquelas condições, e qual o processo de as adubeiras serem compensadas do desconto, a verdade é que nada veio a lume sobre isso, dada até a curta e conturbada duração do último Governo chefiado por Vasco Gonçalves. O VI Governo também não se pronunciou ainda sobre a questão, de modo que, ainda que seja correcta a interpretação segundo a qual são as comissões liquidatárias dos Grémios da Lavoura e cooperativas agrícolas os referidos organismos competentes (porque detentores do crédito agrícola de emergência), a verdade é que aqueles não funcionam como tal, por não terem

indicações para o fazer.

Por outro lado, adquirindo as comissões liquidatárias os adubos às adubeiras pelo preço da tabela, também não podem arriscar ficar com os descontos a seu cargo, por que nem sequer sabem quem lhes vai repor esse dinheiro.

Daqui resulta que o pequeno e médio agricultor do Norte não consegue obter o necessário adubo para a campanha que, naquela zona do País, começa em Janeiro.

Como é moroso o transporte dos adubos para o Norte, dado que se faz através da CP e depende da disponibilidade desta e da conjugação de meios de transporte para localidades frequentemente de difícil acesso, seria indispensável já este mês.

Caso assim não aconteça, fácil é, prever a crise gravíssima que irá atravessar a produção agrícola no Norte do País no próximo ano.

## COMÍCIO-MANIFESTAÇÃO DO P.P.D. NO PORTO

PORTO, 2 — Milhares de pessoas concentraram-se ontem ao fim da tarde na praça general Humberto Delgado nesta cidade para participarem numa manifestação de apoio ao VI Governo promovida pelo P.P.D. Desde o início, a multidão gritou: «O norte inteiro está com Sá Carneiro»; «Em frente, sem medo, Pinheiro de Azevedo»; «Acabemos com os gatunos das G-3»; «Não, não, não, à falsa Informação»; «Nem Praga nem Chile, independência nacional». Etc. De notar que muitas das palavras de ordem da manifestação do P.P.D. já tinham sido utilizadas no dia anterior em idêntica manifestação pelo P.S. No início da manifestação correu um comunicado do P.S. advertindo para um possível «golpe» de força. A circulação do comunicado veio criar no ambiente certa ansiedade e expectativa.

Jorge Roseira, da J.S.D., foi o primeiro orador da noite. «Vive-se neste momento em Portugal horas de luta, encontram-se ameaçadas as liberdades fundamentais», disse ele.

Seguidamente usaram da palavra Taveira da Gama e Montalvão Machado: alertaram para o facto de minorias estarem a tomar o País pelo Rossio e pelo Chiado em Lisboa (por estas palavras ou por outras, de significado idêntico). O povo português, no entanto, lutará de alma e coração contra a anarquia e o caos» (Montalvão Machado).

Vieira da Cunha: referiu-se ao comunicado do P.S. que estava a circular e disse que «não foi para se viver em confusão e desespero em relação ao dia de amanhã que os capitães fizeram o 25 de Abril».

Falou Sá Carneiro, a seguir, aplaudido com vibração. O secretário-geral do P.P.D. fez uma curta intervenção para convidar os manifestantes a dirigirem-se em cortejo ao governo civil e ao comando da Região Militar. O convite foi acolhido com entusiasmo. No governo civil, aonde o cortejo chegara cerca das 20 e 30, proferiram breves palavras Vasco Graça Moura e Sá Carneiro.

Vasco Graça Moura: acentuou que o povo «está farto de minorias desordeiras e exi-

ge um Governo democrático, estável e com autoridade para que assim seja possível recuperar as tão abaladas estruturas do País.»

Sá Carneiro: começou por referir que «hoje não é apenas o P.P.D. que aqui vem. O P.P.D. tomou esta iniciativa para manifestar ao sr. governador civil, representante do VI Governo Provisório que não só o nosso partido mas todo o povo do Porto, todo o povo do norte está com o VI Governo provisório na defesa da nossa Pátria». E, mais adiante: «Exigimos que o Governo ponha fim à anarquia, à desordem, à indisciplina».

Recebido com vibrantes aplausos, o governador civil proferiu algumas palavras para agradecer a manifestação levada a cabo, afirmando a sua disposição de lutar pela solução

do momento difícil que o País atravessa. Disse ainda, a certa altura: «Sabemos que grupos de pequenas minorias são auxiliadas por soldados indisciplinares e cuja indisciplina foi alimentada pelos órgãos de Informação pagos pelo povo. Todo o povo democrata tem obrigação de estar unido. A multidão dirigiu-se depois ao quartel-general onde o dr. Sá Carneiro entregou ao brigadeiro Pires Veloso um documento alusivo ao momento político que se vive.

No final, o comandante da R.M.N. agradeceu: «Como militar, como comandante militar, eu reafirmo a todos que os militares da Região também querem ordem e disciplina».

A convite de Sá Carneiro, Pires Veloso acedeu em vir à porta do Q. G. para ser visto e saudado pela multidão.

## M.D.P. INTERPRETA MOVIMENTAÇÃO DE ONTEM

«O Partido Socialista desencadeou ontem uma larga campanha de agitação, a pretexto de hipotético assalto aos órgãos de Informação e ataque ao Primeiro-Ministro — reflecte o M. D. P. num comunicado emitido ao fim da manhã de hoje, acerca dos acontecimentos de ontem — «Isto não é uma acção isolada. Vem na sequência de uma série de acontecimentos muito significativos». E o M. D. P. lembra os acontecimentos assim considerados: a ocupação das estações de Rádio e Televisão, o afastamento dos oficiais progressistas e sua consequente substituição por outros, conservadores, nos lugares de decisão («bem como tentativas de dissolução de unidades militares comprovadamente revolucionárias»), tentativa de assalto à Emissora Nacional (anteontem, manif. do P. S.), decisão M. C. S. relativa à censura prévia de intervenções partidárias na cena política portuguesa.

Os acontecimentos desta noite: tiros disparados contra

o Alto do Duque (Copcon) e Depósito de Material de Guerra (Beirolas) — diz o M. D. P. Mais: «apelos para uma marcha sobre Lisboa, ocupação da Assembleia Constituinte durante a noite pelos deputados do P. S.; barreiras levantadas por militantes do P. S. e do P. P. D. em vários pontos do País.»

«Que se pretende com tudo isto?» — pergunta o comunicado. «Trata-se de um plano contra-revolucionário sabidamente arquitetado, de que a Imprensa diária de ontem já forneceu alguns indícios — o projectado «golpe dos coronéis». Interpretação M. D. P.: «Dando a ideia de que a esquerda quer desferir um golpe militar, visa-se criar um ambiente propício à justificação de um golpe de Estado de direita ou à implantação do Estado de emergência de que o País já foi ameaçado em recente comunicado oficial».

Em ARGANIL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na COMARCA DE ARGANIL Rua Oliveira Matos-Praça Simões Dias

## SINDICATO DOS PROFESSORES (ZONA DA GRANDE LISBOA)

### PLENÁRIO ESTATUTOS DO SINDICATO

A CDP convoca os professores de todos os graus de ensino para o Plenário (continuação do anterior), que se realiza na Quinta-Feira, dia 2 de Outubro, pelas 20 horas, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa.

Neste Plenário continuar-se-á a discutir na especialidade o projecto de Estatutos do Sindicato.

— Os Estatutos são importantes.

— A mobilização de todos é a garantia da democraticidade da decisão.

POR UM SINDICATO UNITÁRIO, DEMOCRÁTICO E DE MASSAS!  
POR UM SINDICATO INTEGRADO NO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO!

POR UM SINDICALISMO DOCENTE LIGADO À CLASSE OPERÁRIA E AOS TRABALHADORES!

NOTA 1. Para a identificação deverá ser apresentado o cartão de sócio e só em último caso o bilhete de identidade poderá ser apresentado para conferir com os mapas de quotização.

ASSINA: A COMISSÃO DIRECTIVA

## CONSELHO DE IMPRENSA COM ALMEIDA SANTOS

De harmonia com o deliberado em anteriores reuniões, o Conselho de Imprensa parece ter solicitado uma entrevista ao ministro da Comunicação Social, dr. Almeida Santos, com quem ontem se encontrou no Palácio Foz.

Durante a reunião, tiveram os membros da delegação do Conselho de Imprensa oportunidade de manifestar àquele membro do VI Governo Provisório o direito que lhes assiste, na qualidade de órgão que deve ser ouvido em questões relacionadas com a Informação, bem como de participar em

qualquer reestruturação que porventura esteja nas congeminações governamentais acerca dos órgãos da Informação.

O dr. Almeida Santos parece ter reconhecido esse direito e aceitou a colaboração proposta, garantindo que qualquer medida a ser tomada nesse sentido «contará com a participação do Conselho de Imprensa».

O C.I. apreciou, também, várias queixas, marcou a sua próxima reunião para 20 do corrente, pelas 15 horas, e debruçou-se, ainda, sobre o requerimento apresentado em 20

de Julho último por alguns jornalistas que trabalharam no jornal «República», e confirma ter havido alteração profunda na linha de orientação daquele periódico, pelo que, nos termos dos nos. 1 e 2, do Artigo 23, da Lei de Imprensa, os referidos profissionais poderão extinguir a relação de trabalho.

Refira-se o facto da engenhreira Lurdes Pintassilgo, que foi nomeada embaixatriz junto da Unesco, ter participado, pela última vez, na reunião de ontem do mesmo Conselho, como representante pública que era.

## JORNALISTAS EM IMPASSE

Aderem? Não aderem? Pela segunda vez, no espaço de quinze dias, os jornalistas ontem presentes na assembleia do seu sindicato não chegaram a acordo quanto à posição a adoptar em relação à Intersindical.

A assembleia apenas aceitou para discussão duas propostas, convergentes quanto à reintegração na Intersindical, mas divergentes no conteúdo: uma, rejeitava o Congresso dos Sindicatos, o secretariado e o representante do Sindicato; outra, reconhecia alguns erros da direcção da Intersindical. Através de votação, foram ambas recusadas.

Alguns progressos se verificaram em relação à anterior assembleia, onde apareceram duas propostas de teor idêntico, e uma terceira da direcção

do Sindicato. Desta vez, a proposta da direcção foi rejeitada «in limine», nem chegando a ser discutida.

Ontem, na fase de pontos prévios, a assembleia conseguiu aprovar, por escassa maioria, uma proposta onde se denuncia a ocupação militar de alguns órgãos de Informação, exigindo a reabertura da Rádio Renascença e manifestando apoio ao **República**. Nela se apela para o Poder Popular como órgão soberano das massas, e se avisa o Ministério da Comunicação Social de que os trabalhadores não cederão a políticas de direita nem se sujeitarão a decisões tomadas nas suas costas.

A discussão do assunto Intersindical continuará daqui a 10 dias, em nova assembleia geral.

## ASSEMBLEIA DOS OFICIAIS DE JUSTIÇA

Efectua-se no próximo dia 10 uma assembleia-geral extraordinária da Associação dos Oficiais de Justiça, no Tribunal da Boa Hora. A ordem dos trabalhos é a seguinte:

Deliberar sobre a forma de aplicação do Decreto-Lei n.º 506/75, de 18 de Setembro, relativamente aos vencimentos dos oficiais de justiça, considerando o despacho do ministro da Justiça, de 27 do corrente; deliberar sobre a futura reclassificação dos mesmos vencimentos, designadamente no que respeita à extinção dos emolumentos por sua integração nos vencimentos para fixação de letra salarial que lhes corresponda.



## O repórter de serviço

MÁRIO CASTRIM

## NO DENTISTA

Vou contar as coisas estranhas que podem acontecer a um homem quando se decide finalmente a ir ao dentista.

Estava eu todo sentado, com as mãos naufragamente agarradas à cadeira, na posição clássica do boca-aberta. O doutor, experimentado, viu logo estar na presença de uma pessoa muito sensível e vá de sacramentar a leria do costume:

Vai ver que não lhe doi nada.

E já a pinça tilintava, já o gás desinfetava, já a broca zzzzzzzzoava. Eu, disposto a tudo. Morra homem, fi-que fama!

Foi quando se ouviu aquele barulho danado na rua. Vozes alteradas, um «agarra, agarra!» e nisto, três tiros de pistola.

Um repórter está sempre de serviço. Sempre. Mesmo

sentado na cadeira eléctrica. Já recuso a broca, já desaperto o bibe, porta fora: «Mande entrar o doente a seguir, senhor doutor».

Era em frente do hospital de D. Estefânia. Havia um grande ajuntamento. Queriam todos explicar ao mesmo tempo. Acabava por não se perceber grande coisa, tresnoitavam: «Foi um pide que tentou fugir, o guarda correu atrás dele disparou para o ar...»

Pensei em virar as costas. Esta gente vê fugas de pides em toda a parte. Começa a tornar-se ridículo, se se pensasse mais nos amiguinhos deles que andam em liberdade, etc, etc.

É verdade, eu vi! grita-me diante dos olhos um homem que sabe ler o pensamento.

Assim: o pide ia a fugir, o guarda disparou, o povo

pôs-se a correr atrás do pide, um de nós, mais rápido deita-lhe a gadanha e diz pra uns que estavam ali: «Ajudem-me a defender este gajo, senão o povo faz-o em fanicos», e fazíamos mesmo, mas lá fizeram um arco à volta dele, já foi mesmo ao pé do largo da Estefânia.

Entrei na cerca do hospital. Contam-me melhor como foi. O pide tinha lá o filho internado, uma criança, e deixaram-no ir vê-lo, acompanhado de um guarda. Acabada a visita, iam por aí abaixo direitos ao automóvel. Antes de entrarem no automóvel o pide dá uma guinada, sobre a rampa, por aqui me sirvo.

O resto, já nós sabemos. E aqui está o que pode acontecer a um homem quando, finalmente, se resolve a ir ao dentista.

# NOVAS AGÊNCIAS

**PAÇOS de  
FERREIRA**  
Rua D. João I



**PENALVA  
do  
CASTELO**  
Rua 1.º Dezembro

Para melhor servir as populações de Paços de Ferreira e Penálva do Castelo, a Caixa Geral de Depósitos inaugurou novas agências nestas duas vilas nortenhas.



**CAIXA  
GERAL DE  
DEPÓSITOS**



# SHER — Sociedade Hidro-Eléctrica do Revuê

S. A. R. L.

CAPITAL : 250 000 000\$00

## OBRIGAÇÕES

Amortizações sorteadas em 26 de Setembro corrente

Nos termos dos anúncios oportunamente publicados, procedeu-se na data acima referida, para o efeito da amortização prevista para 1 de Outubro próximo, aos sorteios relativos às emissões que se indicam, tendo-se obtido os seguintes resultados:

### EMIÇÃO DE 40 000 CONTOS — 1956 — 5 %

Títulos de 100 obrigações, n.ºs 41, 54, 147, 166, 247, 310, 358 e 422.

### EMIÇÃO DE 35 000 CONTOS — 1957 — 5%

Títulos de 1 obrigação, n.ºs 117, 185, 187, 208, 232, 253, 299, 316, 371, 373, 421, 426, 462, 491, 583, 666, 807, 885, 1003, 1058, 1107, 1121, 1174, 1187, 1213, 1224, 1232, 1346, 1403, 1405, 1430 e 1440.

Títulos de 5 obrigações, n.ºs 1470, 1546, 1648, 1657, 1660, 1711, 1719, 1835, 1895, 1904, 2018 e 2066.

Títulos de 10 obrigações, n.ºs 2148, 2183, 2242, 2279, 2307, 2374, 2378, 2444 e 2456.

Títulos de 50 obrigações, n.ºs 2528, 2603, 2632 e 2638.

Títulos de 100 obrigações, n.ºs 2776, 2790 e 2814.

### EMIÇÃO DE 65 000 CONTOS — 1959 — 5%

#### 1.ª FASE

Títulos de 1 obrigação, n.ºs: 4, 42, 97, 105, 288, 363, 457, 509, 572, 593, 617, 849, 969, 1082, 1109, 1124, 1165, 1253, 1254, 1307, 1454, 1565, 1585, 1829, 1851, 1948, 1981, 1988, 2011, 2078, 2189, 2238, 2283, 2318, 2500, 2502, 2612, 2656, 2675, 2721, 2733, 2775, 2783, 2790, 2799 e 2830.

Títulos de 5 obrigações, n.ºs 3065, 3189, 3190, 3207, 3267, 3371, 3419, 3783, 3821, 3921, 3950, 3978, 4031, 4037, 4142, 4204, 4256, 4258, 4291, 4322, 4345, 4403, 4424, 4430, 4509, 4519, 4571 e 4575.

Títulos de 10 obrigações, n.ºs: 4598, 4696, 4713, 4727, 4767, 4779, 4841, 4888, 4922, 4938, 5012, 5095 e 5128.

Títulos de 100 obrigações, n.ºs: 5428 e 5455.

#### 2.ª FASE

Títulos de 1 obrigação, n.ºs: 5529, 5617, 5653, 5768, 5787, 5804, 5902, 6038, 6347, 6401, 6408, 6422, 6535, 6542, 6601, 6675, 6743, 6763, 6788, 6790, 6864, 7062, 7080, 7159, 7166, 7169, 7184, 7232, 7327, 7689, 7702, 7735, 7776, 7828, 7925, 8054, 8061, 8077, 8116, 8183, 8200, 8227, 8247, 8258, 8302, 8406, 8512, 8580, 8613, 8620, 8632, 8680, 8699, 8753, 8791, 8792, 8903, 8917, 9034, 9103, 9319, 9322 e 9380.

Títulos de 5 obrigações, n.ºs: 9526, 9601, 9645, 9720, 9779, 9857, 9927, 9954, 9994, 10127, 10225, 10245, 10280, 10282, 10327, 10348, 10433, 10464, 10481, 10542, 10579, 10780, 10846, 10949, 10983, 11015, 11087, 11094, 11165 e 11225.

Títulos de 10 obrigações, n.ºs: 11261, 11318, 11330, 11391, 11441, 11449, 11493, 11514, 11599, 11621, 11687, 11705, 11816, 11849, 11919, 11933, 12021, 12096, 12128, 12559, 12577, 12594, 12802, 12807, 12834, 12913, 12921, 12946 e 12953.

Título de 100 obrigações, n.º 12969.

### EMIÇÃO DE 15 000 CONTOS — 1967 — 6 %

Título de 100 obrigações, n.º 13.

#### JUROS

Na mesma data de 1 de Outubro, vencer-se-ão igualmente juros de todas estas emissões com os valores líquidos a anunciar antes do início do pagamento respectivo.

Lisboa, 26 de Setembro de 1975.

UM ADMINISTRADOR

# A TODOS OS TRABALHADORES DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PARTICULAR

## CONTRATO COLECTIVO VERTICAL DE TRABALHO

Convocam-se todos os trabalhadores dos estabelecimentos de Ensino Particular para um plenário, com o fim de prestar esclarecimento sobre o C. C. T. já assinado e esperando publicação, por portaria, no boletim do Ministério do Trabalho.

A reunião realizar-se-á na sexta-feira, dia 3 de Outubro, pelas 21.30 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico.

#### ORDEM DE TRABALHOS

PONTO 1) esclarecimento sobre o C. C. T.

PONTO 2) só para professores (destino a dar ao património do ex-Sindicato Nacional dos Professores)

A COMISSÃO SINDICAL DE NEGOCIAÇÕES

## DESMENTIDA A DIRECÇÃO DOS BANCÁRIOS

A Comissão Coordenadora do Crédito Agrícola de Emergência de Santarém perante afirmações que têm sido repetidamente feitas por actuais dirigentes do Sindicato dos Bancários do Sul, achou oportuno esclarecer publicamente que «todos os bancários nomeados como delegados da Banca junto das Comissões Liquidatárias dos ex-Grêmios da Lavoura ou Cooperativas, no respeitante ao C. A. E., foram eleitos por votação secreta nos locais de trabalho, e não nomeados pela antiga direcção do Sindicato e, muito menos, pelas cúpulas de partidos políticos».

No comunicado enviado aos Sindicatos Agrícolas e à Imprensa, os elementos do C. A. E. consideram justas as reivindicações dos trabalhadores rurais, repudiando as declarações de um dirigente dos bancários, e «fazem votos para que a actual direcção, de futuro, mereça a confiança de todas as classes trabalhadoras em geral».

## CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

PRESIDÊNCIA

### EDITAL

N.º 105/75

Eu, Joaquim Ângelo Caldeira, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber que correm editos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste edital, intimando a Sr.ª D. Gertrudes da Conceição Sopinha Garcia, residente em parte incerta, proprietária do prédio situado na Travessa do Conde de Avintes, 39-41, de que nos termos do art.º 12.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas deverá proceder à revisão e reparação de toda a canalização de esgotos que serve o prédio desobstruindo-a e substituindo as peças que for necessário para que fique funcionando em boas condições.

As obras deverão ser iniciadas no prazo de 48 horas findo o dos editos, e concluídas nos 8 dias seguintes.

Foi determinada a ocupação do prédio para execução coerciva ao abrigo do disposto no artigo 166.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas no caso de as obras não serem iniciadas ou concluídas nos prazos para o efeito respectivamente fixados.

NOTA: Obras isentas de licença nos termos da alínea a) do n.º 2.º do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 166/70.

Paços do Concelho de Lisboa, em 25 de Setembro de 1975.

O PRESIDENTE,

Joaquim Ângelo Caldeira Rodrigues

NA FORÇA



## "DEFENDAMOS A TODO O CUSTO A REFORMA AGRÁRIA!"

«Defendamos a todo o custo a Reforma Agrária, que os nossos camaradas rurais estão levando por diante» — este é um apelo da direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Lisboa. «No Alentejo, a reacção ataca em força através dos latifundiários, a quem a Reforma Agrária não convém, porque é a Revolução nos campos, é o fim das grandes herdades, muitas delas abandonadas por esses parasitas criminosos que são os latifundiários».

Impõe-se, portanto, que «unamos as mãos contra aqueles que conspiram contra o avanço da Revolução em direcção ao socialismo, onde não haverá mais lugar para os exploradores do Povo português».

### SETÚBAL: PLENÁRIO DE TRABALHADORES AGRÍCOLAS

Para análise de problemas relativos à reforma Agrária, designadamente a reconversão dos circuitos comerciais a favor das classes trabalhadoras, realiza-se, no sábado, um plenário dos trabalhadores agrícolas das cooperativas do distrito de Setúbal, alargado a todos os trabalhadores do campo em geral e a delegações de Sindicatos e Ligas dos distritos do Sul.

O plenário tem lugar na Cooperativa Agrícola de Santa Susana, em Alcácer do Sal, pelas 15 horas, sob a égide das seguintes palavras de ordem: «Crédito imediato às cooperativas», «Crédito imediato aos pequenos e médios agricultores», «Estruturas comerciais ao serviço do Povo», «Abaixo os grandes parasitas intermediários», «Avante, avante com a Reforma Agrária a caminho do socialismo».

### APELO AOS TÉCNICOS DE DESENHO

Em vésperas de tomada de posse dos novos dirigentes, a direcção cessante do Sindicato dos Técnicos de Desenho lançou um «veemente apelo a todos os camaradas para que defendam, intransigentemente, a unidade de todos os trabalhadores, em todos os locais de trabalho, contra todos os oportunismos, contra todas as demagogias».

A falta de participação de muitos trabalhadores nas actividades sindicais, a dificuldade em obter a unidade de acção em torno de objectivos comuns e a facilidade com que forças políticas burguesas se infiltram e ingerem nas organizações de classe dos trabalhadores, conseguindo nalguns casos confundir e manipular, constituem sintomas — alerta a direcção cessante — de que «o movimento sindical atravessa na actualidade algumas dificuldades, tanto mais sérias quanto mais vacilante é a consciência de classe dos trabalhadores». Vive-se uma luta decisiva entre explorados e exploradores, que se reflecte no movimento sindical, sendo particularmente evidente nos sectores não operários das classes trabalhadoras — constata, ainda, os antigos dirigentes.

### ESTATUTOS DOS PROFESSORES

O projecto de estatutos do Sindicato dos Professores continua a ser discutido hoje à noite, a partir das 20 horas, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa. Trata-se do prolongamento do plenário dos professores da zona da Grande Lisboa, convocado pela comissão directiva provisória do Sindicato.

### ELECTRICISTAS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Para análise de problemas de segurança no trabalho e formação profissional, realiza-se hoje, às 20 e 30, na sede do Sindicato dos Electricistas do Sul, uma reunião geral de delegados sindicais electricistas do sector da construção civil.

Convocada pela direcção do Sindicato dos Transportes Rodoviários do distrito de Lisboa, realiza-se hoje uma reunião dos motoristas das empresas privadas de carga e aluguer, e de comércio e indústria. O plenário terá lugar na Voz do Operário, a partir das 21 e 30 horas.

## Trabalho

# SÓ A UNIDADE PODE SERVIR OS TRABALHADORES E A SUA CAUSA

— afirmou-se ontem no comício da Intersindical

Milhares e milhares de trabalhadores encheram ontem por completo a Praça do Campo Pequeno durante a comemoração do 5.º aniversário da constituição da Intersindical. Entre as várias palavras de ordem gritadas em uníssono pela multidão uma houve que sintetiza o espírito das intervenções: «Socialismo só há um, o do povo e mais nenhum».

O início das intervenções marcado para as 21 horas só veio a verificar-se hora e meia depois. Entretanto, as inúmeras delegações dos trabalhadores,

com especial destaque para as províncias do Alentejo e Ribatejo, foram tomando lugar nas bancadas e arena ilustrando com vários dísticos a determinação da força do trabalho: «Avante pela Reforma Agrária», «Avante pela Organização Popular», «Contra a reacção».

Inicialmente falou Manuel Freitas, da União dos Sindicatos do Porto que afirmou a necessidade de controlo das empresas por parte dos trabalhadores assim como o controlo de todos os meios de produção sem o que não haverá via para

o socialismo. Salientou em seguida que a estratégia dos fascistas se orientou no sentido da recuperação das posições perdidas. No prosseguimento da sua intervenção afirmou que este aproveitamento foi conseguido através das brechas que a social-democracia abriu na unidade dos trabalhadores para lançar campanhas de descrédito contra tudo e contra todos que estão empenhados em defender o processo da construção de uma sociedade que acabe com a exploração do homem pelo homem.

Faça à escalada da reacção, o representante da USP afirmou que o movimento sindical é uma poderosa arma para a realização do controlo de produção pelos trabalhadores.

## «NÃO CEDER UM PALMO NAS CONQUISTAS ALCANÇADAS»

«A cada vez mais agudização da luta de classes, a luta pela conquista do poder, fazem com que neste momento se trave uma batalha entre as forças progressistas e as forças conservadoras e reaccionistas», afirmou o segundo orador da noite, Manuel Coelho, do Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa. Em seguida fez a denúncia da social-democracia que preconiza que a revolução só será possível com o capital estrangeiro das sociais democracias europeias e

especialmente dos Estados Unidos esquecendo que a nossa revolução só se fará com a força de trabalho de um povo que está disposto a não ceder nem um palmo nas conquistas já alcançadas.

O representante da USL referiu ainda o divisionismo como um factor importante no impedimento no avanço de novas conquistas e na efectivação dos saneamentos à esquerda e avanço da contra-revolução. Apeloando para a unidade e para a superação dos sectarismos partidários afirmou: «Só a unidade pode servir os trabalhadores e a sua causa».

Manuel Vicente, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do distrito de Évora falando de improviso referiu a dura luta dos trabalhadores alentejanos que se debatem com graves problemas nomeadamente com a questão do crédito agrícola. Antes da última intervenção da noite, falou ainda um representante das cooperativas de trabalhadores.

## CRÍTICAS AO VI GOVERNO

Jaime Machado, também do Secretariado da Inter, afirmou, por fim, que desde a sua fundação, a Intersindical definiu como seus objectivos fundamentais a luta contra o fascismo, a luta contra a guerra colonial, a luta contra a repressão, a luta pela liberdade de reunião e associação e a luta

por melhores condições de vida e de trabalho.

Acentuou que por outro lado e, ciente de que isso era condição essencial para a vitória, a Intersindical Nacional sempre se bateu pela unidade de todos os trabalhadores independentemente das suas opções políticas ou religiosas, pela democracia no seio do movimento sindical e pela sua independência face ao Governo, partidos políticos, organizações religiosas e patronais.

Fez o orador uma breve síntese da história da Inter «a expulsão das direcções fascistas que se mantinham em muitos Sindicatos; a exigência do fim imediato da guerra colonial; a conquista de melhores condições de vida; a liquidação do poder dos monopólios e dos latifúndios e, acima de tudo, a consolidação e defesa do processo revolucionário, etc.»

Disse Jaime Machado

«Estivemos em todas as lutas onde se jogava a sorte da Revolução em 28 de Setembro e em 11 de Março. Defendemos intransigentemente a unidade dos trabalhadores e exigimos a sua consagração na lei sindical. Mobilizámos milhares de trabalhadores a organizarem-se nas empresas e nos sindicatos. Lutámos pela organização da Banca e dos sectores-chave da nossa economia, apoiámos os trabalhadores agrícolas na sua luta contra os latifundiários e pelo avanço da Reforma Agrária.

E aplaudido com grande entusiasmo

«Uma vez constituído o VI Governo, onde forças que abertamente estão contra o processo revolucionário têm campo de acção, assistimos à não publicação de leis progressistas aprovadas pelo V Governo, nomeadamente no domínio da legislação do trabalho.

A presença do PPD no Governo, partido que já deu sobejas provas de quais os interesses de classe que defende, constitui um sério perigo para as conquistas já alcançadas e para o avanço do processo revolucionário.

Os trabalhadores apoiarão as medidas do Governo quando estas corresponderem à defesa dos seus interesses, mas denunciarão e opor-se-ão a todas aquelas que visem quebrar o ritmo do processo revolucionário, atentar contra as liberdades democráticas e a ordem revolucionária e que favoreçam os criminosos intentos da reacção.

Até ao momento presente, a política ambígua do VI Governo, de que é exemplo recente a ocupação da Rádio e TV, medida que visa não o travar da reacção, mas antes pretender o controlo da informação que, na generalidade, tem sido exercida ao serviço do povo, justificam profundas preocupações por parte das massas trabalhadoras e impõem crescente vigilância e mobilização populares.



## MILHARES DE ALENTEJANOS NO RALIS

Os soldados e restantes militares do RALIS que sempre estiveram e estarão ao lado do povo agradecem esta manifestação de fraternidade revolucionária por parte dos trabalhadores rurais aos quais garantimos todo o nosso apoio a fim de levarem a bom termo a Reforma Agrária. Como vocês bem têm demonstrado ela terá de ser obra dos próprios trabalhadores unidos e organizados afirmando contra o poder dos latifundiários e da burguesia exploradora em geral o poder operário e popular. Camaradas: para que a vitória da Revolução Socialista ponha fim à exploração do homem pelo homem e seja uma realidade a breve prazo é indispensável que todos nós operários e camponeses, soldados e marinheiros estejamos unidos e organizados. Para impedirmos o regresso do fascismo e derrotarmos o E. L. P. e quem o apoiar.

Em Frente com a Revolução. Vivam os trabalhadores rurais. Viva o Poder Popular. Operários e camponeses, unidos venceremos.

Este foi o texto lido por um soldado do RALIS que em nome dos seus camaradas agradeceu aos trabalhadores alentejanos a homenagem prestada à sua unidade. Junto daquele quartel onde já se viveram momentos de angústia e ansiedade, ontem ao cair da noite desfilarão dezenas de galérias e

camionetas transportando trabalhadores de punho erguido vindos dos campos do Alentejo e Ribatejo. Porém, desta vez a situação era outra. Soldados e camponeses selaram uma aliança histórica. «Unidos venceremos». Soldados e camponeses traziam no peito os autocolantes do 5.º aniversário da Intersindical. Povo fardado e povo trajando fato de trabalho confraternizaram gritando «Camponês amigo, o soldado está contigo». E vice-versa. Muitos populares juntaram-se, na rua aos manifestantes que se dirigiam para o comício da Intersindical no Campo Pequeno. A cabeça do desfile motorizado seguia betoneiras dos operários da firma J. Pimenta. Não se viam bandeiras partidárias. Apenas as bandeiras nacional e da Inter e cartazes alusivos à Reforma Agrária.

Num pano rubro sobressaía «Alentejo em luta, presente». Afiraram-se pela presença várias cooperativas nomeadamente «Estrela Vermelha», «Pedro Soares», «Sol Nascente» e «Santana de Portel». Vieram trabalhadores de muitos lados, nomeadamente do Escoural, de Alvalade do Sado, de Nossa Senhora de Machede, do Couço. Esta última terra, célebre pelas suas tradições de luta, estava largamente representada. A medida que os veículos passavam em frente do muro do RALIS onde se encontravam os militares as

vozes confundiam-se gritando palavras de ordem revolucionárias. Alguns soldados saltaram para as galérias e misturando-se com os camponeses partiram com eles.

Em certa altura um grupo de trabalhadores rurais cantou uma moda alentejana. Os soldados bateram palmas. Um deles, vivamente entusiasmado disse para os camponeses «Fiquem connosco». Os camponeses cantaram as suas canções de ritmo lento que falam de exploração. De esperança também. Soldados e camponeses entoaram em uníssono a Internacional.

Ali em frente do RALIS aconteceu festa, luta, convívio. E muita lucidez sobretudo. Os trabalhadores rurais do Sul mostraram à unidade militar homenageada que têm confiança nela. Esperam que os soldados, sargentos e oficiais progressistas saibam corresponder no momento exacto ao seu gesto.

Os trabalhadores agrícolas do Sul sabem quem está do lado deles. Não esquecem nunca os seus defensores. Tal como perdoam aos traidores. Quando eles gritavam «Reforma Agrária já, Vasco voltará» provaram que a imagem do Primeiro-Ministro do V Governo Provisório permanece viva nos seus corações. Eles compreenderam o companheiro Vasco. Entenderam que esse homem sempre utilizou uma linguagem

sem ambiguidades.

## NÃO SERVE

A reportagem do «D.L.» acompanhou os trabalhadores rurais desde as 16 horas. O ponto de encontro deu-se em Porto Alto onde se estacionavam já cerca de trinta tractores com galérias atreladas, esperando pelos seus camaradas de Évora. No meio da estrada travámos diálogo com um grupo de trabalhadores do distrito de Portalegre. Na abordagem inicial olharam-nos desconfiados. Com reservas. Por isso as perguntas eram um tanto ou quanto formais.

— Não acham que o Governo está a virar para a direita?

— Pois claro. É por isso mesmo que vamos a Lisboa...

— Que pensam do actual ministro da Agricultura?

— Não serve...

O nosso interlocutor, delegado sindical de distrito de Portalegre não se adiantava nas palavras. Responde laconicamente.

— Mas...

— Não serve. Está tudo dito.

Porém à medida que fomos explicando aos camponeses, peados das galérias, certos pormenores, a conversa foi-se tornando mais aberta. Disse-mos quem éramos, o que pretendíamos, para que órgão de Informação trabalhávamos.

— Sabe, eu já dei entrevistas para vários jornais e até

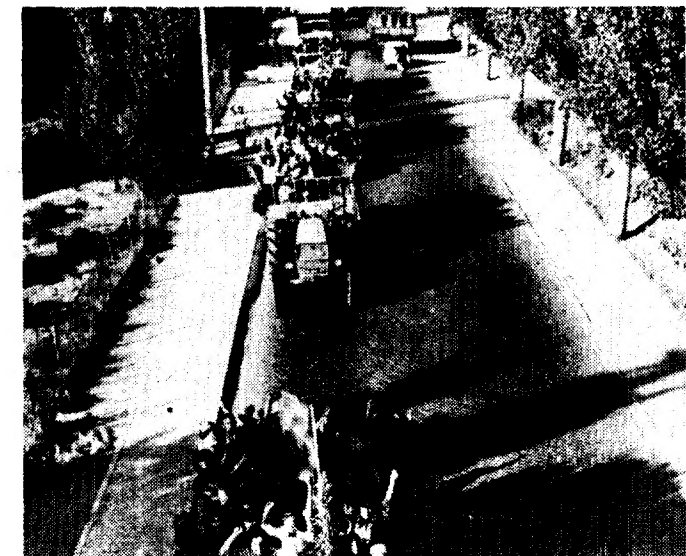
falei na rádio, mas alguns jornalistas não põem as coisas que a gente diz. Arranjam lá aquilo como lhes convém, afirmam-nos um trabalhador de uma herdade colectiva. Entretanto, a caravana preparava-se para avançar em direcção à capital. Apenas tivemos tempo de ouvir: A reacção no distrito de Portalegre é muita mas a revolução vai vencer. Temos coragem para nos batermos até ao fim.

Os tractores avançaram até à ponte de Vila Franca. Ai estavam os deficientes das Forças Armadas. Na sua luta. Houve saudações recíprocas entre os

que se mantinham no seu posto e os que marchavam. Cada um na sua luta. No fundo a mesma luta. E a caravana seguiu pela estrada velha passando pelas fábricas de onde saíam os operários. Em Vila Franca, Alverca, Póvo de Santa Iria, Sacavém ergueram-se os punhos.

Pouco depois das 20 horas os camponeses do Sul chegaram ao RALIS. Ai exigiram «soldados, sempre ao lado do povo». Os militares responderam: «UNIDOS VENCEREMOS».

LOURDES FÉRIA



# Nacional

## UM "QUADRO" DE GAMBOA PARA O "D.L."

# "TODO O PINTOR PORTUGUÊS PRECISA DE UM FATO MACACO"

Entrevista de JULIO RODRIGUES

Já há três anos e pico o «DL» falou de Manuel Gamboa, em trabalho enviado de Hamburgo pelo poeta Pereira de Carvalho. Nessa altura, Gamboa, menos calvo e tão activo como hoje, expunha na galeria «Press Centrum», merecendo do crítico do «Bild Zeitung» os mais rasgados elogios, em termos que não recordo mas avio-vo.

Expletivo será falar de Manuel Gamboa, não sei quantos anos em trejeitos sempre jovens, que há mais de uma dezena de anos, estava o fascismo nos seus «tempos áureos», deu uma «sapatada» nestes 89 quilómetros que dizem quadros (e de superfície) e se foi. Outras terras, outras gentes, a mesma arte e outra aplicação. Outra subtilidade, outra incisão e «A Brasileira» para os pintores acomodados da «praça».

Manuel Gamboa, que nasceu na Luz Soriano e viveu na Alagoa (Algarve) passou há dias pelo «DL», encontrando-se com amigos que conheceu da «Europa capitalista que investe nos braços dos imigrantes» (é sua a frase, por muito que custe aos social-democratas deste torrão), com um abraço maior que a Catedral de Colónia ou o rio Elba. E adiantou-nos que dentro de dias vai expor na galeria «Mensch», que considera um luxo e uma honra para um pintor português, 25 desenhos e trabalhos gráficos.

Nos últimos anos, a actividade de Manuel Gamboa tem sido intensa. E Gamboa, para quem entende, é hoje, sem dúvida, uma das figuras mais prestigiosas nos segredos pictóricos. Mas... segredos de pintor do povo, do homem que trabalha, que foi criado, lavador de pratos, empregado de balcão e hoje é, simplesmente mas com outra ressonância, pintor. Com um «P» que não é de profissional para ser de «P»... intor.

«A pintura portuguesa nunca esteve definida», contou ao «DL» Manuel Gamboa. Contou ou revelou. E, revelando, acrescentou: «Antes do 25 de Abril

tinhamos a pintura, para quem dela pretendia viver, sabe Deus e todos os santos com que complacência e hipocrisia, como hábito ou culto diletante e, até, oportunístico. Em Portugal não há pintores: há dois ou três «ilustres» que frequentavam locais pseudo-importantes, arvorados em pala-

### ARTE ULTRAPASSADA NUM BURGUES POTENCIAL

«Todavia, fora de Portugal», continuou Gamboa sem que necessário fosse interrompê-lo, «os nossos pintores eram e ainda são, desconheci-

to de todas essas dificuldades, quando eu daqui saí já não era um desconhecido...».

### «ESTRADA VERMELHA» DE OSAKA A HAVANA

Ao reportar-se a obras suas que tenham merecido apreço internacional, referiu-nos um apontamento importante que, apesar de todas as convulsões em Espanha, não nos coibimos de realçar: a aquisição de uma obra sua que tem servido para uma exposição itinerante como se fosse... espanhola. Título: «Estrada Vermelha». Está na posse do coleccionador madrileno dr. Juan Arian, que viveu em Lisboa muitos anos, e já passou pelo Japão (feira de Osaka), Estados Unidos da América, México, Colômbia, China, Cuba, Equador, Peru, Índia e outros.

«República», que hoje pode constituir homenagem ao jornal que é dos trabalhadores da classe operária e do povo deste País, e «A Praia» são quadros que, criados em 1957 e 58 estão no que de mais expressivo, concreto e emancipador teve a sua arte em Portugal, antes de emigrar — quando a censura, o machado, o martelo, a foice e o sacrifício eram bases para toda uma luta que não culminou com o 25 de Abril. «O 25 de Abril, para quem vive em Hamburgo, como eu, há muitos anos, foi apenas a alavanca. Apesar de se falar em conquistas, que eu não nego, que diferença há entre este País, que é meu e de todos nós, e a Alemanha Ocidental? Eu até creio que as nossas directrizes políticas, neste momento, vêm do país onde vive, das pessoas que não gosto, teleguiadas da América do Norte. São muitas as vezes que os «leaders» políticos deste País visitam a Alemanha de Brandt, de Van Thaden, Schmidt e do capital norte-americano...».

— Valerá a pena ser pintor neste País, «Manel»?

«Sim, mas com uma condição: desde que o pintor, o artista, se considere um trabalhador, deixe de ir à Brasileira para se afirmar, para dizer que existe, prescindindo de acompanhar uma actriz para se mostrar. Desde que o pintor, numa palavra, seja trabalhador, seja revolucionário. Ou dispense os cafés, ou deixe de o beber sistematicamente e viciosamente para trabalhar. No seu atelier e no campo ou na fábrica. Porque o pintor é como um camponês, tem que ter a mesma consciência de um trabalhador do campo».

Pintor rebelde, Manuel Gamboa ilustrou Anne Frank antes de partir para Paris via Hamburgo. Recusa-se a falar de companheiros de profissão, que considera ultrapassados. Passou anos difíceis, pintou «Amor à Camisa de Vénus» e «Bufallo Bill» para gozar com os compradores de então.

E garantiu-nos que, depois de mais três exposições na Europa, após quase 400 obras — que não esperava, aqui há uns anos, criar —, retornará definitivamente a Portugal. «Para trabalhar no campo e, se possível, no Algarve. Gosto de tomates e do seu cultivo. Gosto de peixe — confessou-nos —, do Sol que seja mais sol, de corrigir os estranjos».



dinos ou arautos de tudo e de nada, que enganavam o povo, que lhes impingiam «produtos» sem qualquer interesse, porque havia o SNI, as amizades, as aquisições, o compadrio. Era uma pintura sem estilo nem escola, que também não admito, mas iminentemente capitalista».

«Pintura», prosseguiu, «para senhores como o Jorge de Brito que não conheço, ou Champalimaud, inexpressiva e comercial. E quem não sabia onde investir o dinheiro, por jactância ou outras razões, aplicava-o na pintura, nos artistas portugueses acomodados».

dos. O mesmo, no fundo, acontece com a música, que já foi internacionalmente dominada pela Amália dos fados e hoje, felizmente, tem o Zeca Afonso como figura cimeira. Eram e são desconhecidos», adiantou, «porque a sua arte se revela ultrapassada, inibida e desimaginativa. Ora há que repensar os temas, acompanhar a evolução... E não é difícil: basta estar com a revolução, reter os seus aspectos e os seus passos importantes. Há tanta coisa para divulgar nesse campo...».

— No entanto, não me parece que o pintor português não seja assim tão fraco criador...

«Ora não é», retorquiu-nos de imediato. «É mais que impotente para criar: é um pretenso ser superior aos outros. Hoje, posso mesmo dizer que me parece, para além de ultrapassado, de acomodado, afastado da revolução. O problema da nossa pintura é que quem a desenvolve, fomenta ou incrementa tem falta de um fato macaco. O pintor português, mesmo sem gravata, é um burguês potencial. Creio mesmo, que só a muito custo está com a revolução. A transformação que muitos queriam e desejavam, observou categoricamente, «não era esta: era, antes, uma transformação estabilizada, que liquidasse as guerras coloniais, mas, isso nunca, não arrancasse com o poder popular e operário. Assim, foram ultrapassados, porque de operários nunca nada tiveram, embora muitos deles, por diversas razões e comodismos, fossem contestatários».

«Mas, hoje, temos possibilidades como todos os outros», referiu nesse conspecto, «porque a liberdade é outra liberdade que, aqui, nunca me permitiram e, por isso, me obrigaram, moral e artisticamente, a emigrar, porque outras são as facilidades culturais, os apoios públicos. E olha que, a despe-

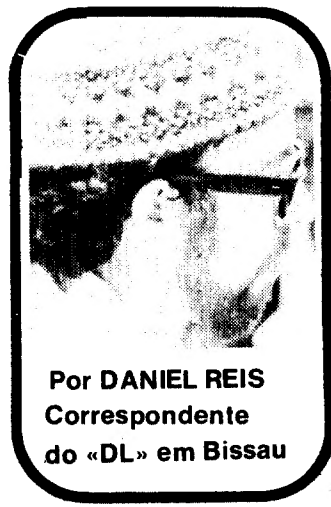
## Jornalistas vão apoiar a Secretaria do Ambiente

Representantes da imprensa diária e regional, e bem assim da Rádio e Televisão, terão assento no Serviço Nacional de Participação das Populações, agora criado no âmbito da Secretaria de Estado do Ambiente para assegurar a concretização de campanhas de divul-

gação, participação e formação da população em geral, e da juventude em particular, para a boa execução da prevista política nacional do sector.

Esta é uma das novidades trazidas pela divulgação da orgânica da referida Secretaria de Estado, cujo funcionamento se coadunará com os princípios expressos na Conferência da O. N. U. sobre Ambiente (Estocolmo, Junho de 1972). O secretário de Estado irá dispor de uma quadrícula que envolve a Comissão Nacional do Ambiente, o Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, o Serviço de Estudos do Ambiente e Comissões Regionais do Ambiente.

É precisamente na Comissão Nacional do Ambiente que se integra o Serviço Nacional de Participação das Populações. Entretanto um Fundo Nacional do Ambiente financiará os grandes programas e projectos especiais de interesse público.



Por DANIEL REIS  
Correspondente  
do «DL» em Bissau

GUINÉ-BISSAU: REV

## Traduzido a advert

BISSAU — «Que os nossos inimigos estejam absolutamente certos que a nossa capacidade de defesa e a nossa segurança aumentarão em cada dia que passa e que cada combatente da libertação nacional, cada elemento consciente do nosso povo é um soldado para a defesa da nossa terra, se a segurança no país for ameaçada pelos inimigos da liberdade e do progresso do nosso povo» — advertiu o presidente Luiz Cabral nas comemorações do segundo aniversário da proclamação do Estado da Guiné-Bissau, após o desfile militar em que foram exibidos os meios recentemente postos ao dispor das Forças Armadas Revolucionárias do povo.

Sendo pronunciadas em ocasião tão solene, na presença de inúmeros convidados estrangeiros — entre os quais vários jornalistas e o corpo diplomático acreditado em Bissau — estas palavras não podem deixar de conter um claro aviso aos que por palavras ou

actos, têm ameaçado atentar contra a soberania da República da Guiné-Bissau e aos que, possivelmente saudosos da demagogia dos tempos da «Guiné Melhor», ainda não desistiram de sonhar com o neocolonialismo, neste como noutros antigos territórios do reino lusi-



Pequenos misseis terra-terra, de proveniência soviética («Katiushka» miões, e tanques, dos quais 15 desfilaram na manhã do dia 24, Revolucionárias do povo, para a defesa da soberania da Guiné-Bissau, revolucionárias resultantes da luta de libertação nacional.



# Reportagem

## REVOLUÇÃO A 40 GRAUS

# Ida em mísseis e tanques Atenção aos inimigos

tano.

Com esta cerimónia do dia 24 encerrava-se o ciclo de festividades que por coincidência se juntam no mês de Setembro: Nascimento de Amílcar Cabral (a 12), Fundação do Partido (no dia 19) e proclamação da independência. O povo da cidade deslocou-se até Santa Luzia, onde hoje se encontra a maioria dos ministérios e onde outrora funcionou o quartel-general da tropa de ocupação portuguesa. Desfilou o povo, em representação dos comités de bairro, dos pioneiros, da juventude, dos trabalhadores, desfilaram as Forças Armadas; passaram canhões, morteiros, artilharia anti-aérea, helicópteros, mísseis terra-terra e tanques, estes últimos pela primeira vez mostrados em Bissau.

Ou seja, numa síntese do professor Paulo Freire que aqui estava também de visita

homens, mulheres, meninos, meninas, canhões e morteiros que pareciam gente, tudo misturado, tudo povo que fez a luta e se libertou e hoje vive nesta terra sagrada».

### JUNTOS O ARADO E A «KALASHNIKOV»

O presidente do Conselho de Estado, se bem que tenha dedicado parte importante do seu discurso ao balanço do passado e às tarefas do futuro, demorou-se em referências numerosas às Forças Armadas Revolucionárias do povo, enquanto braço forte que conquistou a terra anteriormente usurpada, e enquanto força impulsora do progresso social que hoje mobiliza este povo. Luiz Cabral chegou a afirmar que «a maior realização do PAIGC, a coisa mais importante que criámos, o maior capital que o nosso povo tem hoje para o seu futuro, são os gloriosos combatentes das Forças Armadas Revolucionárias do Povo».

Depois referiu-se ao facto de, neste ano, os combatentes terem sempre demonstrado a maior compreensão, graças à sua elevada consciência política, face às dificuldades havidas, devido à falta de experiência, sobretudo quanto a abastecimentos e problemas financeiros.

Por isso, a larga representação dos «guers» (como familiarmente são designados aqui os antigos guerrilheiros) ouviu o seu presidente declarar:

«Em nome da Direcção do nosso partido, presto uma grande homenagem aos camaradas das Forças Armadas, devido à compreensão que tiveram, a qual contribuiu em muito para as vitórias que alcançámos. As razões que nos levaram a combater, durante tantos anos, as razões que nos levaram a lutar, não acabaram ainda, porque o objectivo da nossa luta não é só a independência. A libertação das nossas terras da Guiné e Cabo Verde do jugo estrangeiro, é apenas a condição que nos permitirá construir uma sociedade justa, onde todos os homens tenham as mesmas perspectivas, onde o progresso sirva não só um pequeno número de pessoas, mas todo o nosso povo. O caminho que abrimos não é só para aqueles que lutaram, é para todos os filhos da nossa terra!»

A ocasião foi também aproveitada por Luiz Cabral para revelar oficialmente as linhas-mestras de reorganização das FARP, que já está em curso.

Os actuais efectivos militares são exagerados para o tamanho do país e para as possibilidades do orçamento que acaba de ser elaborado. Durante a luta de libertação nacional o povo estava em armas. Muitos dos militantes do PAIGC continuam hoje a integrar as FARP. Com a paz e a independência não poderá ser mais assim. Vai ser limitado o número

de combatentes efectivos, começando a desmobilização pelos jovens que entraram depois do 25 de Abril. «Os combatentes que ficaram nas FARP» disse Luiz Cabral «devem estar conscientes que eles são, agora, soldados na batalha da reconstrução nacional».

Para isso vão ser organizadas cooperativas de produção, especialmente agrícolas, formadas pelos actuais FARP em vias de desmobilização. Os soldados continuarão aptos a fazer a guerra, se necessário, guardando o equipamento militar mas juntando-lhe o arado e a enxada e ensaiando a agricultura moderna que progressivamente está a ser introduzida nas bolanhas e nos campos de mancarra da Guiné-Bissau.

### BALANÇO DO PASSADO TAREFAS DO FUTURO

As relações com Portugal («consideramos nossas aliadas as forças progressistas portuguesas e temos mantido com o Governo português as melhores relações de amizade e cooperação»), a repetida manifestação do apoio ao MPLA, a solidariedade com os movimentos de libertação da Namíbia, Zimbábue (Rodésia) e Azânia (África do Sul) «únicos interlocutores válidos dos respectivos povos» não deixaram de ser referidos pelo presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau. Mas o balanço do passado e as tarefas do futuro ocuparam-lhe grande parte do discurso, ao lado das palavras dirigidas às FARP.

Sobre o ano que passou praticamente o primeiro de soberania total sobre os quase 40 mil quilómetros quadrados da Guiné-Bissau pode ouvir-se:

«Temos de instalar, em poucos meses, as novas estruturas do Estado, em toda a parte, na nossa terra. Aproveitamos este ano, também, para conhecer melhor as realidades da nossa terra, nas novas condições criadas. Foi um ano de consolidação da paz, alcançámos grandes vitórias nesta batalha complexa e difícil da reconstrução nacional». Saídos do nada, de uma guerra longa e cruel, demos todo o apoio aos camponeses da nossa terra, porque sabemos que na agricultura é que está o nosso futuro e temos esperanças que, no presente ano agrícola, o nosso povo trabalhador tenha criado as condições necessárias para arrancar no caminho do progresso, neste princípio do terceiro ano de independência.

As tarefas para o terceiro ano da independência foram resumidas pelo chefe de Estado nos termos seguintes:

«Teremos de equipar o país, para podermos dar aos trabalhadores e técnicos todos os meios necessários para a realização do progresso da nossa terra. Teremos de lançar as primeiras unidades industriais, pois se é verdade que a agricultura ocupa as grandes massas trabalhadoras do país, é

necessário lançar as bases da indústria nacional, que possa consolidar a actividade agrícola e dar ocupação a mais gente, hoje desempregada.

«É preciso consolidar a indústria de pesca, que dá ainda os seus primeiros passos, é preciso colocar a grande riqueza dos nossos mares ao serviço do progresso do nosso povo».

«Este ano, temos de continuar a dar grande atenção à agricultura, em dois aspectos: por um lado, transformar radicalmente o trabalho agrícola tradicional, melhorando o sistema de trabalho, melhorando as sementes utilizadas, aumentando as áreas cultivadas, e, por outro lado, criar novos processos, em granjas agrícolas modernas, com a utilização de meios técnicos novos, para a produção nacional e também para exportar produtos agrícolas».

Como ponto final deste serviço despachado de Bissau apenas nos cumpre informar que as complicações havidas, aí, com a formação de mais um governo não deixam de produzir efeitos aqui, sobretudo no campo do ensino. Ainda não se sabe, de momento, quantos e quando virão os professores cooperantes para o ano lectivo que principia a 3 de Novembro. A burocracia que se conhece de sobejo no aparelho de Estado (o que tão eficientemente foi exportada para estas paragens africanas, como algo do que de mais precioso tinha o colonialismo), o enterro do Ministério da Coordenação e sua ressurreição em Ministério da Cooperação, a troca de pessoas e de orientações têm atrasado a formação da equipa.

É escusado salientar a importância da vinda desses professores. Quando se faz um esforço tão grande no ensino como o deste país (mais de 10



Um aspecto do desfile, em Bissau, no 2.º aniversário da independência.

por cento da população frequenta estabelecimentos de ensino) toda a cooperação que possa ser prestada é justa e

entrará, certamente, no activo da conta que o Portugal dos governos provisórios mantém com as suas antigas colónias.

## TRABALHADORES-ESTUDANTES

### LIGAR A EMPRESA À ESCOLA

Para evitar que se mantenha, por mais tempo, o divórcio entre a Universidade e os reais problemas do País, há que proporcionar o acesso ao ensino superior das classes trabalhadoras, portadoras de experiência profissional e extra-escolar que evitará a «reforma de gabinete» e a própria ultrapassagem do ensino pelo desenvolvimento revolucionário das classes laboratoriais» afirmaram elementos do Departamento de Trabalhadores-Estudantes de Lisboa, candidatos ao ensino superior, durante um encontro com a Imprensa, efectuado ontem.

A reforma da Universidade, nesta perspectiva, deve situar-se, precisamente, no grande afluxo das classes trabalhadoras à Universidade, onde poderão analisar e estudar correctamente os problemas de que têm um conhecimento real.

Os trabalhadores-estudantes constatarem que não têm recebido a atenção que lhes é devida, pois, na sua maioria fazem parte dos chamados sectores mais desfavorecidos da população. Por isso, entendem que é urgente que se estude a solução para alguns problemas-base: acesso, reconversão de curso, condições de trabalho escolar, e condições de participação na gestão da escola.

Os trabalhadores devem ter «prioridade absoluta» de acesso, relativamente ao «estudante por suporte familiar», e não devem ser atingidos por restrições de ordem numérica. Exige-se, também que o acesso aos cursos seja feito consoante as aptidões naturais dos candidatos, independentemente do grau escolar de que dispõem (alíneas liceais).

No que respeita a condições

de trabalho, propõe-se a abolição dos escalões diurno/nocturno e o lançamento do horário completo, das 8 às 23 horas, em que as lições a ministrar sejam paralelas nos diversos turnos. Haverá, também, a necessidade de encontrar uma plataforma de entendimento entre a empresa e a escola (duas horas diárias de dispersa, sem compensação em tempo, por exemplo).

O departamento de Trabalhadores-Estudantes de Lisboa deseja que todos os trabalhadores que se encontram em condições semelhantes (candidatos à Universidade) entrem em contacto com os organizadores (rua de Dona Estefânia, 14), a fim de obterem elementos com vista à realização de um encontro a nível nacional, para análise e discussão da sua situação face à legislação vigente.

# Estrangeiro

## PROJECTO CAPITALISTA PARA A AGRICULTURA

### — ruína e proletarização dos camponeses

Por GERDA  
KOCKERBAUER  
(in "R.D.A.-Revue")

A integração económica da Europa Ocidental tem esbarrado num terrível obstáculo: a agricultura. A chamada «Europa Verde» tem sido um dos calcanhares de Aquiles do Mercado Comum. As contradições entre as várias economias integradas na C. E. E. levam, por vezes, a situações de conflito explosivo, como foi muito recentemente o caso da «guerra do vinho» entre a França e a Itália.

O artigo da professora Gerda Kockebauer, da Faculdade de Economia de Berlim-Leste, que hoje publicamos, traduzido da «Revista da R.D.A.», aponta claramente as razões por que a agricultura é o ramo doente do capitalismo na sua fase actual. O projecto capitalista para os agricultores é o da sua ruína e conversão em proletariado. Enganam-se, pois, aqueles que, julgando salvar a leira donde mal tiram de comer. Com a manutenção do capitalismo num dado país, se fazem anticomunistas por amor a um palmo de terra. A solução socialista não é a de arruinar o camponês, a de lhe roubar a terra, a de o reduzir à condição de proletário. A solução socialista é a de dar a terra a quem a trabalha, organizando em termos racionais e colectivos a exploração agrícola. Mas a solução do capitalismo, encapado ou não nas vestes sociais-democratas, é a de arruinar sem remédio as pequenas explorações agrícolas e reduzir os camponeses a meros joguetes dos seus interesses de lucros. Nada de ilusões: ninguém os compensará do labor anticomunista que lhes foi insuflada por aqueles que só visam explorá-los cada vez mais.

Karl Marx e Friedrich Engels escreviam em 1848 no «Manifesto do Partido Comunista»:

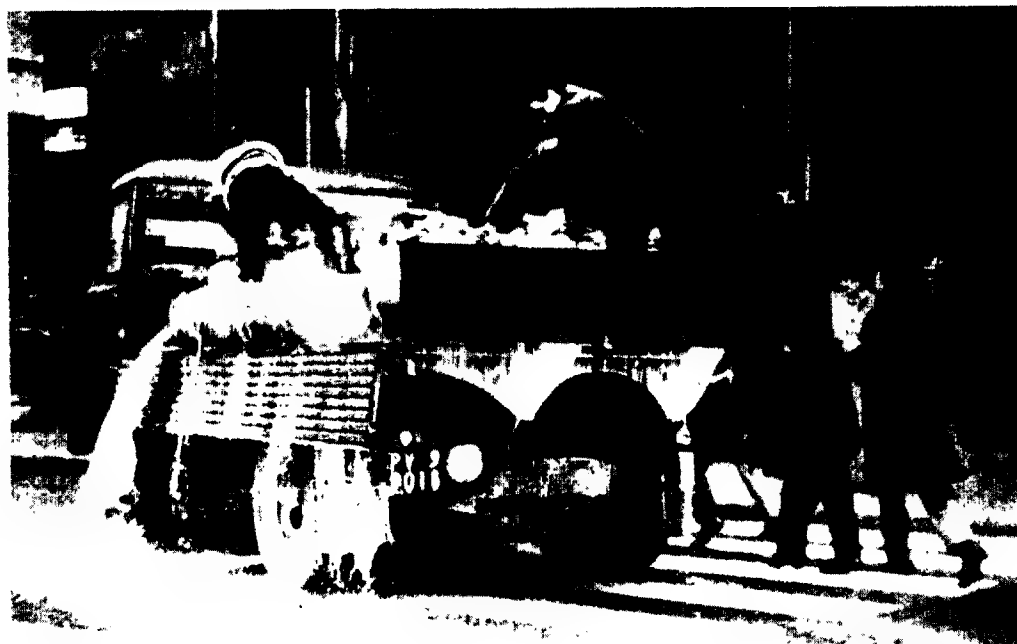
«A burguesia, em menos dum século de dominação de classe criou forças produtivas mais numerosas e mais calossais do que todas as gerações passadas no seu conjunto. A domesticação das forças da natureza, as máquinas, a aplicação da química à indústria e à agricultura, a navegação a vapor, os caminhos-de-ferro, os telégrafos eléctricos, o desbravamento de continentes inteiros, a regularização dos caudais dos rios, populações inteiras brotadas do solo, que outro século teria suscitado que tais forças produtivas estavam adormecidas no seio do trabalho social?»

Que abismo separa a situação precedentemente descrita do desenvolvimento que o capitalismo tomou! Na altura, a burguesia dava origem a forças produtivas nunca vistas até então, enquanto agora constitui, de há muito, um travão ao desenvolvimento social. O sistema capitalista, orientado unicamente para o lucro, chegou ao declínio em todos os sectores da vida social, como o demonstra a profunda crise que os países capitalistas atravessam actualmente e que é assinalada sobretudo pelo aumento permanente dos preços e dos alugueres, pela poluição do meio ambiente e pelas estradas atulhadas de carros, pelas insuficiências quantitativas e qualitativas do ensino, pela violência e a criminalidade, pela crise monetária e o desemprego crescente, pela ruína dos trabalhadores independentes. Assim se explica que, nos nossos dias assistamos a grande quantidade de contradições e conflitos que o capital procura resolver à sua maneira. A agricultura é uma das esferas mais atingidas por esta falta de regulamentação do

desenvolvimento das forças produtivas.

A situação da agricultura transformou-se radicalmente nestes últimos trinta anos em todos os países capitalistas desenvolvidos. A crise atinge uma amplitude sem medida comparável ao que se passa com os outros ramos de actividade, quanto à sua rapidez, dimensão e gravidade. As transformações socioeconómicas, que se produzem nesse sector, resultam da penetração do capital monopolista nas produções agrícolas, o que arrasta uma reviravolta das bases técnicas da produção. Mais que nunca, vemos afirmar-se a superioridade da grande sobre a pequena produção, nas aplicações das técnicas elaboradas, na utilização dos novos métodos tecnológicos e biológicos, na selecção de novas espécies de grande rendimento, animais e vegetais, isto é, tudo quanto a revolução científica e técnica implica. Estes factores exigem que a exploração agrícola racionalize isto é procure fontes de investimentos que muitos empresários se mostram incapazes de encontrar. Estão longe de poder adaptar-se a todas as necessidades, da técnica moderna. De modo geral, o endividamento cresce rapidamente, numerosas explorações são encerradas, a agricultura é invadida por capital exterior a ela.

Submetido às leis da concentração capitalista, o sector agrícola integrou-se quase inteiramente no processo de reprodução do capital monopolista. As produções agrícolas estão cada vez mais submetidas às necessidades da valorização do capital no seu conjunto. O processo de reprodução de numerosas explorações agrícolas não é mais que um elemento do processo de valorização do capital. A pressão monopolista sobre os diversos grupos sociais do campesinato faz-se sen-



Por toda a Europa, os agricultores protestam, por vezes de forma violenta, contra um sistema que os ameaça de morte e ruína. Podem não compreender o mecanismo que os tritura, mas apercebem-se claramente de que forças poderosas tramam a sua perda. Em benefício do país? Não: para vantagem e lucro dos monopólios.

tir de modo desigual, mas é geral. Diversas medidas de regulamentação do Estado, e, sobretudo, a concorrência das importações no quadro da integração no Mercado Comum aceleram esta evolução.

#### A DIMENSÃO DAS EXPLORAÇÕES

Como se manifesta a crise provocada na agricultura pela pressão e pela linha

geral do capitalismo monopolista de Estado?

Uma das manifestações mais visíveis é a transformação estrutural da dimensão das explorações, a redução do seu número total, a concretização da necessidade da passagem da pequena à grande exploração. Em regime capitalista, este processo implica a perda da propriedade do solo. Constatase uma redução sensível do número de explorações e a partida de nu-

merosos camponeses.

As pequenas explorações e as explorações semiproletárias desapareceram quase inteiramente em consequência do desenvolvimento capitalista. Grande número de explorações até aos 20 hectares, que até então se consideravam como perfeitamente rentáveis, já só se aguentam porque o agricultor trabalha na fábrica. O número de explorações inteiramente rentáveis diminuiu muito enquanto crescia

o dos camponeses com um segundo ofício ou uma actividade de apoio.

A outra manifestação da crise nos países industriais da Europa ocidental é a redução da participação da agricultura no rendimento nacional dos países em questão, paralelamente à diminuição da população activa neste sector. Entre 1950 e 1952, a participação da agricultura no produto social bruto (rendimento nacional) era de 16 por cento em França, de 27 por cento na Itália, de 11 por cento na Alemanha Ocidental, de 13 por cento na Holanda, de 21 por cento na Dinamarca. Em 1970, era a penas de 7 por cento em França, de 10 por cento na Itália, de 6 por cento na Holanda e de 9 por cento na Dinamarca. A redução da ponderação das actividades agrícolas no conjunto da economia é acompanhada da diminuição da mão-de-obra na agricultura. Em 1945, a população activa empregada na agricultura era, em média, de 20 por cento no conjunto dos países capitalistas europeus, cifrando-se mesmo em 47 por cento na Itália e 36 por cento na França. Em 1970 era apenas de 20 por cento do total na Itália, de 14 por cento em França, de 9 por cento na R. F. A. Quando se consideram um pouco mais de perto as estatísticas agrícolas do Mercado Comum, constata-se que as transformações estruturais da agricultura se traduzem sobretudo pela redução do número dos auxiliares familiares e pela dos assalariados agrícolas, verificando-se recuo mais sensível nas pessoas que estavam empregadas a tempo inteiro nos sazonais.

A redução da população activa empregada na agricultura é igualmente acompanhada de um crescente afastamento no desenvolvimento dos rendimentos industriais e agrícolas, que vai aumentando incessantemente apesar das subvenções públicas à agricultura. Também isso revela da crise na agricultura. E unicamente nas explorações fortemente mecanizadas nas melhores regiões que o rendimento camponês corresponde ao da indústria. De qualquer modo, a maioria das explorações não o consegue atingir. Conscientes deste estado de coisas, certos Governos capitalistas recomendam o encerramento de maior número de explorações agrícolas e um acréscimo do êxodo rural para que o rendimento agrícola atinja em 1980 os dois terços ou os três quartos do da indústria e dos outros ramos da economia.

A desigualdade dos rendimentos na agricultura e na indústria provém da formação dos preços industriais pelos monopólios.

Continua na pag 18

## Estrangeiro

# O Governo espanhol parece resolvido a manter a atitude de dureza

MADRID, 2 (R) — O Governo espanhol parece hoje resolvido a manter a atitude de dureza contra a violência dos guerrilheiros urbanos após três polícias serem mortas a tiro e

um quarto ter ficado gravemente ferido em quatro ataques, aparentemente sincronizados, desencadeados ontem.

Uma manifestação maciça efectuou-se ontem em Madrid

## MANIFESTAÇÃO JUNTO À EMBAIXADA DE PORTUGAL

MADRID, 2 — (ANOP) — «Não é a mais importante (das agressões de que foram objecto várias das representações e estabelecimentos espanhóis na Europa), ainda que tal se apresente na sua aparência, o assalto e destruição da nossa Embaixada em Portugal, realizada num estado de anarquia e de caos em que se debate a nação irmã ninguém estando mais interessado do que nós em que nela «possam ser restabelecidas a ordem e a autoridade» — afirmou o chefe de Estado espanhol no breve discurso pronunciado durante a manifestação de ontem na Praça do Oriente.

Estas palavras de Franco foram por duas vezes interrompidas com ovações e gritos, dos quais o mais prolongado foi «Espanha unida jamais será vencida».

A manifestação, que teve carácter oficial, compareceram, além de Franco, o príncipe Juan Carlos os ministros, todas as autoridades civis e militares e cerca de duzentas mil pessoas apesar dos meios de comunicação social espanhóis anunciarem mais de um milhão. Na praça em frente ao Palácio do Oriente, de onde falou o Caudillo, a multidão deu largas a um sentimento «patriótico» no mais tradicional estilo e de agressividade contra os países estrangeiros onde se realizaram ultimamente manifestações contra o regime espanhol.

No fim da manifestação começaram a agrupar-se em frente do edifício da Embaixada de Portugal centenas de pessoas, na maioria jovens organizados, transportando cartazes e proferindo gritos.

Foram no entanto mantidos à distância por um contingente de cerca de 200 polícias fortemente armados.

Ao grupo, juntou-se pouco depois um outro, que se manifestara diante de outras Embaixadas, voltando então entre mil e quinhentos a dois mil, para junto da Embaixada portuguesa. Mantidos de novo à distância, perante as bandeiras de vários países hasteadas no Hotel Castelhana Hilton, exigiram que fossem arriadas e apedrejaram o edifício quebrando dois vidros da entrada. Foram retiradas todas as bandeiras menos a de Espanha e do Hotel. O grupo dispersou. Da parte da tarde, a Embaixada portuguesa continuou sob forte protecção, não se tendo registado mais incidentes.

A manifestação na Praça do Oriente não foi transmitida em directo nem pela Rádio nem pela Televisão. Os jornais da tarde, principalmente o «Pueblo», órgão dos sindicatos oficiais, deram-lhe grande destaque informativo e fotográfico.

e grandes multidões concentraram-se também em praças de Barcelona e de outras cidades, a fim de jurarem obediência ao generalíssimo Franco e de rejeitarem a condenação no estrangeiro da política dura que conduziu às execuções, no último fim-de-semana, de cinco guerrilheiros urbanos, condenados por um tribunal militar sumário pela morte de polícias.

Em Madrid, ao espalharem-se as notícias da morte dos três guardas, manifestantes indignados pediram mais execuções e aclamaram a Polícia por manter um dispositivo rigoroso de segurança na capital.

Os quatro ataques contra polícias em Madrid, que se crê terem sido por vingança dos cinco guerrilheiros executados, ocorreram em quatro bairros diferentes da cidade, no espaço de cinco minutos.

Receia-se hoje o agravamento da tensão, durante os funerais dos polícias mortos.

## «MORTE AOS COMUNISTAS»

Ontem, em Barcelona, no enterro de um guarda, morto no princípio da semana, durante um assalto em que foi roubado dinheiro destinado a salários, assalto esse com todas as características de uma acção de guerrilheiros urbanos, centenas de polícias à paisana manifestaram-se, gritando «não mais viúvas, não mais órgãos».

Em Agosto, durante o funeral de um polícia morto a tiro em Madrid, manifestantes vaiaram ministros, apedrejaram os seus automóveis e pediram ao Exército para assumir o Poder.

Os ataques de ontem foram desencadeados de forma a incidirem com o comício em Madrid, organizado pelas autoridades municipais.

Multidões encheram a enorme praça defronte do Palácio Real de Madrid. Eram formadas por nacionalistas e direitistas intransigentes, que gritaram «fora com a interferência estrangeira» e «morte aos comunistas».

## «CONSPIRAÇÃO MACÓNICA»

Falando à multidão da varanda do palácio, o generalíssimo Franco, de 82 anos, que comemorava o trigésimo nono aniversário da sua investitura como chefe de Estado, provocou aplausos ao condenar a interferência estrangeira nos assuntos internos de Espanha.

O «caudillo» disse que os ataques antiespanhóis vieram de «certos países corruptos», que obedeciam a «uma conspiração maçónica das esquerdas da classe política, numa aliança ímpia com a subversão terrorista-comunista na esfera social».

Após o comício, várias centenas de manifestantes estabeleceram piquetes junto de embaixadas estrangeiras, cujos enviados foram chamados pelos seus Governos como protesto contra as execuções, mas a Polícia evitou incidentes sérios.

Entretanto, o arcebispo de Madrid, cardeal Vicente Enrique y Taracón, alvo dos protestos e direitistas a seguir a repetidos e infrutíferos apelos de clemência a favor dos executados, condenou a violência e pediu o fim da efusão de sangue.



Os dirigentes do Partido Socialista e do Partido Comunista franceses, respectivamente François Mitterrand e Georges Marchais (ao centro), participaram numa manifestação em Paris contra o franquismo. Entre os manifestantes contava-se ainda Georges Seguy, secretário-geral da central sindical C.G.T. (Foto Keystone)

## Boicote total à Espanha pedido por sindicatos

CIDADE DO MÉXICO, 2 (R) — A Intersindical do México, agrupando 32 sindicatos, pediu ontem, à noite, um boicote total à Espanha em todo o Mundo como protesto pela execução de cinco guerrilheiros urbanos.

Numa mensagem a organizações sindicais de todo o Globo, a Intersindical mexicana propôs um boicote de todas as comunicações e comércio com a Espanha — «tudo o que possa isolar o franquismo do Mundo».

O apelo segue-se a outro do Senado mexicano para todos os Parlamentos condenarem o Governo do generalíssimo Franco.

Entretanto, o presidente Luis Echeverría defendeu a noite passada o seu pedido para expulsão da Espanha das Nações Unidas ao afirmar que esse apelo «não faz mais do que ratificar o compromisso de todos os sectores do povo do México».

O Governo mexicano encerrou já todas as instalações oficiais e particulares espanholas no país, ordenou que fechasse a agência noticiosa espanhola EFE e a expulsão do seu pessoal, o cancelamento de todos os voos para o México da Ibéria, a linha aérea espanhola, e a suspensão de todas as operações financeiras com a Espanha.

## REGIME PODRE

ESTRASBURGO, 2 (R) — É provável que os parlamentares do Conselho da Europa condenem, durante um debate urgente a realizar hoje, as execuções, no fim da semana, de cinco guerrilheiros urbanos em Espanha, país que não pertence à organização de 18 nações.

O debate, que estava para se efectuar no sábado, realizou-se mais cedo por causa dos

deputados se sentirem ultrajados com as execuções — revelaram funcionários do Conselho.

A assembleia ouvirá também um relatório — preparado antes das execuções — criticando o que classifica como a política repressiva do Governo de Madrid.

O ministro sueco da Educação, Bertil Zachrisson, descreveu ontem, à noite, o Governo do generalíssimo Franco como um regime fascista que tenta prolongar a sua tirania.

Discursando no início da sessão de uma semana da assembleia Zachrisson disse que as execuções eram um exemplo particularmente repulsivo de como os direitos humanos são violados em Espanha.

Zachrisson pediu aos Governos democráticos europeus para manifestarem claramente o seu desagrado pela política do Governo de Madrid e para apoiarem grupos espanhóis «lutando pela democracia e liberdade».

A assembleia aprovou, mais tarde, uma resolução pedindo a criação de um centro cultural europeu em Delfos, na Grécia.

## SUSPENSO O SERVIÇO DA F. P.

PARIS, 2 (R) — Sindicalistas da agência France Presse suspenderam os serviços da organização para Espanha durante 24 horas, com início à meia-noite em protesto contra a execução no passado fim-de-semana de cinco guerrilheiros urbanos, segundo informaram delegados sindicais.

## PARALISAÇÃO AO MEIO-DIA

BRUXELAS, 2 (ANOP) — A Associação Cooperativa Europeia, «Intercoop» organização económica do Mercado Co-

mum Europeu, anunciou ontem que as cooperativas suas filiais vão suspender as compras de fruta e hortaliças de Espanha.

A associação tem 45 mil armazéns em dez países e um lucro anual de 22 mil milhões de dólares.

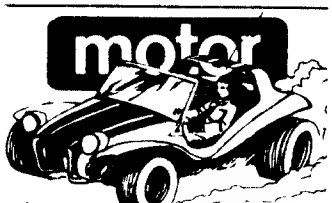
A Associação tem 45 mil armazéns em dez países e um lucro anual de 22 mil milhões de dólares.

Entretanto, um porta-voz da comissão executiva do Mercado Comum afirmou ter estado decidido que as conversações sobre um acordo de comércio livre com a Espanha estão suspensas, o que poderá custar a Madrid uma soma considerável, já que o Mercado Comum tem acordos semelhantes com a maior parte dos países do Ocidente.

As conversações para conclusão de tal acordo decorrem desde há dois anos e havia esperanças de que o seu reatamento, este mês, resultasse no estabelecimento de um pacto que concedesse às exportações espanholas o acesso livre de tarifas aos mercados dos nove países membros da C.E.E.

Sindicatos belgas, suecos, italianos, britânicos e austríacos anunciaram entretanto irem tomar medidas visando a interrupção das comunicações e transportes com a Espanha.

Muitos deles convocaram para o meio-dia de hoje uma paralisação de trabalho de 15 minutos, que designaram por «dia de manifestações de massas e de solidariedade para com os opositores do regime de Franco».



## A revista «Mundo» apreendida

MADRID, 2 — (ANOP) — Nas redacções dos jornais vive-se grande tensão, e as instalações das três principais revistas de Madrid, pelo menos, «Cambio 16», «Doblon» e «Possible», estiveram ontem todo o dia fechadas ante a ameaça de manifestações recebidas insistentemente.

Em Barcelona, foram sequestradas as edições das revistas «Mundo» e «Canigo». «Mundo» é uma das principais revistas de informação geral e política daquela cidade e, segundo consta em alguns meios, o motivo do sequestro teria sido a reportagem amplamente informativa sobre o fuzilamento do militante da E.T.A., «Txiki».

O decreto poderia ser acompanhado de uma rigorosa censura da Imprensa e informativa.

## Caleidoscópio

■ LIMA, Peru, 2 — (ANOP)

O Governo militar do Peru decretou ontem a amnistia para cinco jornalistas de oposição acusados de infracção às leis de Imprensa.

■ RIO DE JANEIRO, 2 — (ANOP)

Mais de sessenta peregrinos, na sua maioria mulheres e crianças, morreram ao afundar-se no rio Solimões, um tributário do Amazonas, o barco fluvial «Frère II», que transportava para cima de cem pessoas, todas brasileiras

anuncia a Imprensa do Rio de Janeiro.

■ BONN, 2 — (ANOP)

O general da Força Aérea Guenther Rall, representante da Alemanha Federal na comissão militar da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), foi forçado a apresentar a sua demissão pelo ministro alemão federal da Defesa, Georg Leber, na sequência da controversa visita que efectuou em Outubro último à África do Sul.

# Espectáculos



## QUEM BRINCA COM O "ROCK" QUEIMA-SE ?

Estes senhores estão bem dispostos, como se prova pela fotografia que publicamos. Terão, talvez, razão para isso, já que fizeram um disco em que, utilizando a música «rock», troçam do «rock» londrino, aos seus «superstars», à sua futilidade, às «fans». O disco, agora lançado em Portugal, intitula-se «Mud Rock Vol. II». «Mud» é, portanto, o nome do grupo.

## MAU CHEIRO CONTRA PORNOGRAFIA

BRUXELAS — Um grupo de mulheres em fúria deitou «garrafinhas» de mau cheiro na sala de um cinema desta cidade onde se exibía pela última vez o filme «Histórias de O». A atmosfera da sala ficou de tal modo que a direcção do cinema foi obrigada a renunciar ao espectáculo e a reembolsar o público.

## CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

EMPREITADA DE E.M 501-1 — SANTA CRUZ — VIALONGA

### ANÚNCIO

Faz-se saber que, de harmonia com a deliberação camarária de 17/9/75, se encontra aberto concurso público para a empreitada em epigrafe, sendo de 20 dias o prazo para apresentação das propostas. Este prazo será contado a partir do dia seguinte ao da publicação do presente anúncio no «Diário do Governo». No caso de o último dia cair num sábado o termo do prazo passa para o primeiro dia útil seguinte.

O acto público do concurso realizar-se-á na Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pelas 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio, ou pelas 10 horas se esse dia for sábado.

PREÇO BASE DO CONCURSO ..... 2.212.430\$50  
CAUÇÃO PROVISÓRIA ..... 55.310\$80

A caução definitiva será de 5 % do valor global da adjudicação.

Alvará(s) Categoria V; Subcategoria — sub-Classe A  
Categoria —; Subcategoria —; Classe

A caução provisória é prestada mediante depósito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações à ordem desta Câmara Municipal, por guia preenchida pelos concorrentes, de harmonia com o modelo anexo ao programa do concurso, ou mediante títulos emitidos ou garantidos pelo Estado, ou, ainda, por garantia bancária.

O programa do concurso, caderno de encargos e projecto estarão patentes todos os dias úteis, durante as horas de expediente, na Secção de Obras da Câmara Municipal.

As propostas deverão ser enviadas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, ou, entregues directamente na Secretaria da Câmara Municipal, contra recibo.

Vila Franca de Xira, 29 de Setembro de 1975.

O Presidente da Comissão Administrativa  
Fernando Gomes Vaz

## BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS  
TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confeccções  
Av. João XXI, 5-D — R. Infanteria 16, 55-C — Lisboa

## FITAS NA TELEVISÃO

### OS PRÓXIMOS FILMES NA R.T.P.



Quatro realizadores norte-americanos tornaram-se responsáveis por outros tantos filmes que, inspirados em obras literárias que conheceram sucesso, representam etapas distintas da cinematografia dos E.U.A.

A RTP vai apresentar esses quatro filmes a sua rubrica «Noite de Cinema» do 1.º Programa, aos sábados, cerca das 21 e 30. São eles, pela ordem de exibição, «Os Nús e os Mortos» (4-10); «Farrapo Humano» (11-10); «O General Morreu ao Amanhecer» (18-10); e «Laços Humanos» (25-10).

De entre eles, os espectadores mais avisados distinguirão de imediato o segundo título original é «The Last Weekend», principalmente devido à memorável força humana que Ray Milland empresta à figura de Don Birman, um escritor falhado que se autodestrói pelo álcool. Consumido pelo vício e pela boémia encontrará, porém, nos momentos mais difíceis, o amor e a persistência da noiva (interpretação a cargo de Jane Wyman), que dele volta a fazer o homem que desejou para marido. Para Ray Milland foi o «Oscar» da Academia que premiou a melhor

interpretação do ano de 1945. Outro «Oscar» foi atribuído ao realizador: Billy Wilder.

«Farrapo Humano» é pois um filme a não perder. Quantos o viram aquando da sua passagem entre nós (e muitos milhares terão sido, a avaliar pelas

semanas que permaneceu no ar) gostarão de voltar a encontrar uma das obras mais significativas do cinema americano, não apenas da década de 40, mas de sempre.

«The Naked and the Dead» («Os Nús e os Mortos»), que

é o primeiro filme a exibir (4-10), foi construído em 1958 sobre o conhecido e homónimo romance de Norman Mailer, «best-seller» mundial. Raoul Walsh realizou-o; Aldo Ray, Cliff Robertson (na foto) e Raymond Massey interpretam as personagens principais da fita.

«General Died at Dawn» («O General Morreu ao Amanhecer»), é o mais antigo dos filmes que a RTP vai apresentar em Outubro. Data de 1936 e realizou-o Lewis Milestone, um especialista no tratamento de temas de guerra, cujo trabalho mais notável terá sido «A Oeste Nada de Novo», segundo o romance de Erich Maria Remarque (1930). Gary Cooper, Madeleine Carroll e Akim Tamiroff estão no elenco da película.

Outro nome importante: Elia Kazan. É o realizador do quarto e último filme que, no original, se intitula «A Tree Grows in Brooklyn» e em cujo argumento se faz a «desmontagem» de situações da vida real da sociedade americana. Produzido em 1945, tem como intérpretes principais: Dorothy McGuire, James Dunn, Joan Blondell e Peggy Ann Garner.

## "A QUEDA DAS ÁGUIAS"

Para a sua programação seleccionou a R. T. P. um Telefilme produzido por Stuart Burge para a BBC e «Time-Life Films»: «Queda das Águias» («Fall of Eagles»).

No elenco desta série em 13 episódios que a R. T. P. estreia hoje pelas 22 horas no seu 1.º Programa, figuram os nomes de actores e actrizes com reputação internacional alcançada através do filme, do palco e da própria TV. Curt Jurgens, por exemplo, que interpretará a figura do chanceler alemão Bismarck. Outros protagonistas: Denis Lill, Maurice Denham, Gemma Jones, Barry Foster e Charles Kay.

John Elliot foi o criador dos três primeiros episódios desta série, que depois prosseguiu com argumentos de David Turner, Hugh Whitmore, Robert

Muller e Jack Pulman... todos experimentados argumentistas de cinema e televisão.

Em 1900, a Europa continental encontrava-se dominada por três grandes impérios: o alemão, o austriaco e o russo. Em 1918, porém, já tudo tinha sido transformado... e a primeira guerra inter-imperialista mundial anunciara já o curso e as cores das épocas vindouras. Destes três impérios, viu-se emergir um país novo (a Rússia dos conselhos operários), e a Alemanha iria conhecer a mais formidável revolução proletária, por seu turno esmagada pelas armas da contra-revolução que iria manter-se inamovível até às insurreições espanholas de 1933.

É neste quadro de fundo, no decorrer duma época que se transformava profundamente,

como resultado da revolução industrial, que «Queda das Águias» adquire a sua importância. O próprio título o indica: é o acabar duma época. As águias são os Hohenzollerns, os Habsburgos e os Romanovs, os redutos duma época que os movimentos revolucionários vieram a extinguir. «Queda das Águias» retrata a história de três casas aristocráticas desde meados do século XIX até 1918. Menos do que um trabalho histórico, trata-se da caracterização duma época através dos seus personagens «superestruturais»: os três imperadores — Francisco José da Áustria; o Kaiser Guilherme II da Alemanha; e o Czar Nicolau II da Rússia. Outras figuras da história, como Lenine e Trotsky, emergem das situações de conflito geradas

— para marcarem, profundamente, um dos mais apaixonantes ciclos da vida dos homens e das nações.

### O 1.º EPISÓDIO

Tem o título «A Valsa da Morte», o 1.º episódio de «Queda das Águias», a apresentar hoje.

Em Dezembro de 1848 — o ano das revoluções na Europa — Francisco José, de 17 anos, torna-se Imperador da Áustria, por abdicção do seu tio. De imediato tem de enfrentar insurreições não só na Itália e na Hungria, como na própria cidade de Viena. Um ano mais tarde a paz está restaurada, excepto na Hungria e o jovem Imperador invoca a ajuda do Czar da Rússia, através da «Santa Aliança». A rebelião húngara acaba por ser esmagada sem piedade e, por volta de 1852, Francisco José assinara já cerca de 2000 ordens de execuções sumárias. No ano seguinte, a autoridade mãe do Imperador, a arquiduquesa Sofia, decide casá-lo com Helena da Baviera, sua sobrinha. Porém, existe uma paixão que só então se começa a revelar: a do jovem Imperador pela não menos jovem Elisabeth, irmã de Helena.

Esta a linha de rumo do 1.º Episódio de «Queda das Águias», no qual o papel de Elisabeth (a famosa «Sisy») é interpretado por Diane Keen. Francisco José é incarnado pelo actor Miles Anderson. A realização tem a assinatura de Bill Hays.

## CONCERTOS

No dia 3 de Outubro, 6.ª-feira, pelas 21 e 30, o Centro Cultural de Évora leva a efeito a realização de um concerto para piano e violino, integrado na Semana Internacional de Música promovida pelo Conselho Nacional da Música em colaboração com o Conservatório Nacional de Lisboa.

Serão intérpretes a professora Lidia de Carvalho (violino) e professora Noémia Brederode (piano), e o concertista José João Gomes dos Santos.

O concerto consta do seguinte programa:

I Parte: Variações sobre um tema popular português de F. Lopes Graça; Sonata n.º 2 (moderato-vivo-lento-brando), de

Hindemith; Alegro Bárbaro de Bela Bartok.

II Parte: Sonata op. 12, n.º 1 de Beethoven; Ária e Scherzo de Coner de Vasconcelos; Mazurca de Wieniawski.

A organização da Semana Internacional de Música é subsidiada pela Direcção-Geral dos Assuntos Culturais e Fundação Gulbenkian.

Esta realização do Centro Cultural de Évora insere-se num conjunto de acções promovidas desde Janeiro tendentes a desenvolver e incrementar o gosto musical a vários níveis, com realização de concertos em que participaram artistas de nomeada nacional e internacional, orquestras sin-

fónicas, quartetos, grupos corais e cantores estrangeiros e nacionais, o Orfeão Tomaz Alcaide, ranchos corais alentejanos, grupos folclóricos e a Banda da Escola de Amadores de Música Eborense.

A entrada é livre.

### NA INCRÍVEL ALMADENSE

Esta noite, às 21 e 30, no palco da Incrível Almadense, o 1.º acto da ópera «As Bodas de Figaro», de Mozart, por alunos da classe de ópera do Conservatório Nacional.

## Nazis ainda mexem...

BEVERLY HILLS (CALIFÓRNIA), 2. — Uma granada lacrimogénea, com uma cruz suástica, foi lançada há dias num cinema de Beverly Hills, onde se estreava o filme «The Hiding Place», realizado pelo evangelista Billy Graham e tratando as actividades de uma organização clandestina de

auxílio aos judeus holandeses, durante a Segunda Guerra Mundial.

A exibição teve de ser interrompida, sendo o pregador e o actor Pat Boone da sala, cantando em coro com as oito centenas de espectadores presentes.

**ADÓQUE**  
grupo de teatro

(AO MARTIM MONIZ)

Telefone 87 42 80

HOJE, AS 20.30 E 22.30

UMA REVISTA COMO VOCÊ NUNCA VIU!!!

**A.C.I.A. DOS CARDEAIS**

UM GRANDE ÉXITO DE GARGALHADA!!!

# CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM



## A CONFUSÃO DO TRÂNSITO E O TRÂNSITO DA CONFUSÃO

tes públicos, são maus. O automóvel particular é que é bom. Logo, toda a gente deve ter o seu automóvel particular...

A conclusão vai por absurda. Talvez o apresentador do programa quisesse apenas dizer que não se devia dificultar a compra do automóvel a quem o desejasse. Simplesmente, acontece uma data de coisas: em primeiro lugar, a grande maioria das pessoas ontem entrevistadas não podem comprar carro, pagar carro, manter carro. Logo, à partida, a maior parte do povo português está afastado da hipótese e tem de sujeitar-se ao transporte público.

Joaquim Filipe Nogueira propôs à Televisão portuguesa um programa sobre os transportes públicos de Lisboa. A Televisão deu luz verde, a ideia fez-se carne, a coisa rendeu à brava, de maneira que, em lugar de uma, temos de gramar duas emissões. A primeira, ontem transmitida, sobre os suburbanos; a primeira, para de ontem a oito dias se Deus quiser, sobre os urbanos.

Filipe Nogueira queria mostrar-nos o seu ponto de vista, sendo certo que ninguém dá ponto sem nó. Simplesmente, ainda estamos para saber qual é o ponto de vista dele, além do que por várias vezes tem mostrado: o automóvel é muito bom porque, sem ele, os seus proprietários teriam de se sujeitar aos transportes, o que era uma grandecíssima chatice.

Não deixa de ser curioso referir que logo na abertura da emissão, o seu responsável afirmou que «o automóvel tem sido para os Governos anteriores a galinha dos ovos de ouro. Não a matem os portantes».

E mais: que «tem sido à custa dos seus proprietários o grande suporte de uma rede de transportes públicos, que nunca existiu e que está falida».

Após o que: «Não conhecemos em Portugal, como em quase nenhuma outra parte do Mundo, um único transporte público lucrativo».

Se penduro na crónica estas cerejinhas de ouro é apenas para se ver a confusão que vai dentro daquela cabeça. O que tem o público a ver com a galinha dos ovos de ouro dos Governos? De que forma o automóvel tem sido o suporte de uma rede de transportes públicos que não existe e, além de não existir, está falida? A propósito de quê se recorda que os transportes públicos não são lucrativos? Acaso o automóvel particular é lucrativo?

Parece que na cabeça de Filipe Nogueira perpassa o seguinte raciocínio: os transpor-

a ver com o lucro. Em qualquer sociedade, os transportes colectivos não dão lucro? Admitamos. Que lucro dá a educação? Que lucro dá a habitação social? Que lucro dá uma bem organizada rede de creches e jardins de infância? Não dão lucro. Solução: nos países capitalistas, a selecção faz-se pelo dinheiro. Quem o tem, anda de pópó, é dotor e trata os filhos bem. Quem não, vai andando como Deus e servido. Mal, na maioria dos casos.

Nos países socialistas, esses problemas e outros são pensados e resolvidos em termos de defesa da colectividade. No que respeita à questão dos transportes, não direi que os países socialistas a resolveram já de maneira ideal, mas direi que a estão resolvendo dando total prioridade ao transporte público. Na Bulgária, por exemplo, os transportes públicos são de uma extrema eficiência e baratíssimos — quase ao nível do gratuito. Em Sofia nunca me apeteceu, e nunca desejei, nunca precisei de andar de taxi.

Joaquim Filipe Nogueira devia enriquecer-se com estas experiências que o ajudariam a melhor perspectivar o problema. Está claro que a utilização do automóvel não é solução para o transporte numa cidade, em qualquer cidade, muito menos para uma cidade como Lisboa, com suas ruas feitas ao ritmo do jumento ou do chora, quando muito.

Qual é a solução? Com esta

pergunta é que me tramam! A solução é complexa e passa pela solução doutras questões, como seja a racionalização da actividade social: importa que cada qual possa viver ao pé do local onde trabalha. Haverá lá nada mais indesejável do que a situação daquela amiga que mora na Baixa da Banheira e trabalha em Queluz de Baixo? Ou daquela professora que mora em Alvalade e vai dar aulas ao Lavradio? E assim por diante. Para se conseguir este objectivo, haverá que esperar o socialismo, para onde se teima ainda em dizer que vamos (embora, é verdade, já sem grande poder de convicção...). E até lá?

Bom, no que diz respeito propriamente à cidade de Lisboa, haveria que limitar ao máximo a utilização do automóvel privado dado que a rede de transportes públicos, se é má, piora com o exagero absurdo do número de automóveis. Faça-se a experiência durante uma semana, com os diabolos. Para se verificar se o automóvel compensa. Que é como quem diz, se compensa o crime.

Além de que a ignorância de Joaquim Filipe Nogueira, nestes assuntos, é manifesta. Quem é o culpado das deficiências dos transportes públicos? Está mesmo à vista e, pelos modos, só Filipe Nogueira o ignora. Porque o culpado, o grande culpado do caos onde mergulhou a rede dos transportes públicos, o culpado, ou melhor, os verdadeiros culpados são os órgãos de Informação.

## SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALO-MECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

Av. D. Carlos, 1., n.º 42-2.º — LISBOA

Eleições para os corpos gerentes do Sindicato para o período de Outubro de 1975 a 31 Dezembro de 1977 (Mesa da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal)

### CONVOCATÓRIA

Por ter verificado o não cumprimento do estipulado na alínea 4, do Artigo 84.º, dos Estatutos (por motivos de ordem técnica os Boletins de Voto não foram enviados a todos os associados até cinco dias da data marcada para as Eleições) e no exercício da competência que lhe é atribuída pelos Artigos 34.º; 74.º; e 92.º dos Estatutos, adio a Assembleia Eleitoral que se encontrava marcada para o próximo dia 4 de Outubro

Assim, para que seja cumprido o citado Artigo 84.º, alínea 4, a Assembleia Eleitoral fica convocada para o próximo dia 11 de Outubro.

Informam-se todos os sócios do Sindicato que, de harmonia com o Artigo 87.º dos Estatutos, funcionarão, entre as dez e as vinte e duas horas, Mesas de Voto, nos seguintes locais:

SEDE EM LISBOA

Rua Barata Salgueiro, n.º 36 no Salão da Sociedade de Belas-Artes

DELEGAÇÃO DE VILA FRANCA DE XIRA  
Rua Serpa Pinto, n.º 136-2.º

DELEGAÇÃO DE TORRES VEDRAS  
Rua Miguel Bombarda, 23

DELEGAÇÃO DE SACA VÉM  
Praça da República, 66-A

Lisboa, 30 de Setembro de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia  
José António Coelho Pinheiro

**Teatro**  
A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco  
**«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»**  
Desc. às 2.ª Feiras  
**«ÚLTIMAS SEMANAS»**  
Não acons. a menores de 13 anos  
Bilheteira - Tel. 89 70 17  
ABEP - Telef. 32 88 23

**teatro do bairro alto**  
R. Tenente Raul Cascais, 1-A - 1-B  
Tel. 66 15 15  
**OS CÔMICOS**  
apresentam  
**A NOITE DOS ASSASSINOS**  
De terça a sábado, às 21.15  
Domingos e feriados, às 18.30  
Preço único: 30\$00  
Não acons. a menores 13 anos

## Hoje



«A Queda das Águias»

### I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e **Telejornal** — 1.ª edição
- 19.10 Programa do Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
- 19.25 «Os Malucos do Circo»
- 19.40 **Momento Desportivo**
- 20.00 **TV Palco** — panorama teatral português pelo actor Igrejas Caeiro.
- 20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
- 21.00 **Temas e Problemas** — um programa do Departamento de Programas Sócio-Políticos.
- 22.15 «A Queda das Águias» — um telefilme produzido por Stuart Burge para a B.B.C. e «Time-Life Films» — 1.º episódio — «A Valsa da Morte» — com Pamela Brown, Diane Keen e Miles Anderson.
- 23.05 **Telejornal** — 3.ª edição
- 23.20 Fecho

### II PROGRAMA

- 21.00 Abertura e «Os Malucos do Circo» — série filmada
- 21.25 **Telejornal** em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
- 21.55 «Serviço Especial» — série policial com George Sewil, Roger Rowland e Patrick Mower.
- 22.55 **Impacto** — um programa dos trabalhadores da Planigrafe.
- 23.25 Fecho

**DESTAQUES**

**I PROGRAMA**

«A Queda das Águias» (22.15)

**II PROGRAMA**

Série Policial — «Serviço Especial» (21.55)

## Amanhã

### I PROGRAMA

19.00: Programas Juvenis e Infantis; 19.30: Série Filmada; 20.00: Perspectiva; 20.30: Telejornal; 21.05: Relatório; 21.40: Música, Música!; 23.00: Telejornal; 23.20: Fecho.

### II PROGRAMA

21.00: Série Filmada; 21.30: Telejornal; 22.00: «Marrocos» — com Gary Cooper, Marlene Dietrich e Adolphe Menjou; 23.40: Fecho.

**PARA REPARAÇÃO DO SEU TV**  
**CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA**  
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA  
Deslocação e orçamento grátis  
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71  
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

# Desporto

## BOAVISTA: TRIUNFO DOS "PIGMEUS"

O futebol, como motivo de atracção popular, tem destas coisas: na cidade do trabalho (onde há cerca de 40 mil desempregados) à hora normal de trabalho para uma esmagadora maioria da população, o Estádio da Bessa albergou (ontem) cerca de 20 mil pessoas, não obstante o tempo nublado e a ameaça de chuva (que não caiu pelo menos entre as 7 e as 20 horas) e apesar, também, da carestia do preço dos bilhetes: 125 escudos a bancada, 80 a superior e 50 a geral. O estádio encheu-se, em suma, embora com a «ajuda» de duas mãos cheias de soldados-espectadores.

O adepto do futebol retirou contente, pois uma equipa portuguesa havia ganhado uma eliminatoria de prova europeia. O adepto do Boavista, esse, teve motivos para dar largas ao seu entusiasmo: com razão (diga-se de passagem) porque teve motivações, na exibição e no resultado, para exteriorizar o seu contentamento.

O Spartak preferiu, entre várias hipóteses, iniciar o jogo com evidentes cautelas defensivas, «dando» três partes do campo ao Boavista para a sua manobra. Oportunidade que os portugueses não enjeitaram para, de quando em vez (momento aos 20 e aos 28 m. por Acácio e Alves) fazerem perigar a baliza à guarda de Keketi.

O Boavista dominava territorialmente até à meia hora, altura em que os checos ensaiaram contra-ataques mais apoiados. Parecia que os de «xadrez» abrandavam; mas não, foram os visitantes a «experimentar». E houve (até) oportunidade de Botelho se fa-

zer aplaudir quando (aos 35 m.) abandonou a pequena área para anular uma jogada pessoal de Horvat, acabando este por atirar junto às malhas exteriores.

Foi como que um sinal de alerta para os «axadrezados» que agora menos «policiados» pela marcação individual dos contrários (no momento em que os checos pareciam deter a iniciativa do jogo) como que aumentaram a velocidade do seu ataque: e Salvador, no despique com um adversário em jogada rente ao solo, conseguiu desviar a bola para Mané que, perante a oposição de dois defesas do Spartak, outro «recurso» não teve se não aplicar um «bico» de posição frontal sobre a linha da grande área. E fez golo: a um ângulo. Estavam decorridos 37 m. de jogo. O golo veio na melhor altura, até porque os visitantes estavam a equilibrar a partida. E aos 40 m., um centro de Salvador motivou uma defesa incompleta de Keketi: a recarga de Francisco Mário, mesmo junto ao poste, encontrou o guarda-contrário caído e a desfazer a hipótese de segundo golo.

As equipas regressaram ao terreno com os mesmos jogadores. Receou-se que, pelo lado de Celso e Alves, houvesse quebra de ordem física, até porque tinham sido uns «moitros de trabalho» no primeiro tempo. Tal não sucedeu: eles, que estiveram em dúvida para jogar, continuavam a ser dos mais operosos. E, até ao quarto de hora do tempo complementar, o equilíbrio predominava. A bola corria mais no meio campo dos checos, porque Alves, sobressaía, defendendo a

escassa vantagem.

Ao entrar-se na última meia hora tocou a rebate para os homens do Leste europeu avançarem, já que o tempo passava e o resultado não lhes convinha: foi a altura de os checos demonstrarem que também tinham umas noções de futebol de ataque apciado, e não só o contra-ataque do primeiro tempo. Porém, o seu espírito de luta (digno espírito de luta e correcção) fê-los desguarnecer a defensiva, abrir muitas brechas na direita e permitir incursões fáceis ao defesa Trindade e a Francisco Mário. Foi na conquista de um espaço vazio, numa jogada entre Acácio (na direita) e Celso, que propiciou a este o segundo golo, em magnífica jogada anteriormente nascida dos pés de Alves — o mais «gigante» dos «pigmeus».

Faltavam 28 m. para jogar e, de novo, os subsidiados pela fábrica de motores Taz (que apoia financeiramente o Spartak Trnava) voltaram à ofensiva, mas encontrando sempre os homens do último reduto da casa bem atentos, precavidos contra as «más intenções» contrárias. E, apesar do tranquilo 2-0, o Boavista não enveredou pelo antijogo, até porque a forma aberta como agora o Spartak actuava «encorajava» os portugueses o desdobrar de lances de ataque. O Boavista continuou a jogar bem, a construir mais lances de golo: e a fazer o 3-0 (inapelável) por Salvador, numa portentosa corrida de esforço continuado para chegar à bola em duelo directo com o defesa-central contrário Zvarik. Salvador mereceu este golo, a rubricar excelente exibição de um profis-



Mané e Salvador: os brasileiros do Boavista espalharam o medo entre os checos

sional honesto, secundando os seus compatriotas Celso e Mané na marcação dos golos do Boavista.

Resultado certo, num jogo de bom nível técnico. Auspicio-

so comportamento do Boavista na estreia do clube numa competição europeia de futebol: 3-0 sobre o Spartak foi bem bom!

ANTÓNIO ABEL



### ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

A solicitação da directiva do Sporting (que, encabeçada por João Rocha, abordou, a Direcção-Geral dos Desportos) um grupo de técnicos vai elaborar um estudo sobre a situação da ginástica nos «leões», em tentativa para resolver o problema ocorrido

com a saída das instalações da Rua do Passadiço e consequente abandono do único ginásio da colectividade.

Por quebra de compromisso, o Sporting da Covilhã moveu um processo judicial ao técnico Raul Machado. Entretanto, a turma serrana de futebol encontra-se sem treinador: as funções estão entregues a um secretário técnico (o ex-futebolista Manteigueira) que não pode deslocar-se com a turma quando esta viaja.

## PORTUGAL

Acto de posse dos novos agentes do Clube de Futebol Estrela da Amadora, pelas 22 horas de amanhã.

Dia do Clube, para os associados do Grupo Desportivo Estoril Praia que, no domingo, que iriam presenciar o embate futebolístico da turma de Medeiros com o «onze» dirigido por Pedroto (o Boavista).

Sobrinho, «internacional» de hóquei em patins que jogava na Juventude Salesiana, transferiu-se para o Sporting.

Orlando Dias, Paulo Fricknecht, José Baltar e Jaime Bento foram os nadadores mais bem classificados na primeira Meia Milha da Costa Nova. Maria Isabel Torres (21.ª) foi a concorrente feminina mais em evidência.

## OPINIÃO

Costa Pereira, treinador do Oriental, após o jogo com o Barreirense:

— Só lamento que na massa associativa e nos assistentes ao encontro haja tantos candidatos a treinador. Esclareço-os que o meu lugar está à disposição de todos eles...

## AGENDA

No sábado e domingo próximo vai ocorrer o Encontro Nacional de Badminton, com sessões do INEF (Cruz Quebrada) subordinadas ao seguinte plano: Reestruturar a orgânica federativa, ultrapassada em função da actual dinâmica; Estabelecer uma relação íntima, concreta e objectiva com a Direcção-Geral dos Desportos, de forma a poderem articular-se as acções programadas pelas duas entidades, no sentido de possibilitar a máxima expansão da modalidade; Incentivar a participação regional no processo de desenvolvimento do Badminton, pela captação de voluntários, nomeadamente antigos praticantes ou dirigentes, ou outras pessoas alguma vez ligadas à modalidade; Responsabilizar os actuais jogadores para a sua missão de des-

Continua na pág. 17

## PORTO E BENFICA TAMBÉM CONTINUAM

Eles iam tranquilos: com «goleadas» conseguidas em sua casa. Não se esperava, realmente, que Benfica e Porto se empenhassem muito num triunfo que até nem era significativo. A primeira preocupação tinha de ser, portanto, acautelar a categoria do espectáculo: e, também, evitar mazelas.

Foi o que aconteceu. No Luxemburgo, mesmo sem se esforçar em demasia, a turma do

F.C. do Porto triunfou por 3-0; em Esmirna (Turquia) o Benfica jogou para queimar o tempo e proporcionar aos 25 mil espectadores um bom espectáculo de futebol. Isso contribuiu para que o Fenerbahçe se agigantasse e tentasse rectificar o desaire de Lisboa. Atacou muito, experimentando as possibilidades defensivas de um Benfica sem Humberto Coelho. Bento brilhou: e o golo da sa-

tisfação turca acabou por acontecer a um minuto do fim. A desilusão da 1.ª «mão» foi compensada pela alegria de uma vitória tangencial que em nada altera o rumo dos acontecimentos.

Porto e Benfica vão estar presentes no sorteio de amanhã, em Zurique. Também eles continuam. Como se esperava.

Nada mais resta de dois jogos «sem importância»...

# ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 5, DE 5 DE OUTUBRO DE 1975

Auto-Rádio 11x 1xx 12x 21xx; Badaladas, x1x, 11x 1x1 1111; Cavallado do Ritmo, x11 11x 111 1111; Centro Desportivo, 111 x1x 1x1 2x11; Clube do

Ar, x11 1x2 111 1111; Estação Rádio da Madeira, x11 1xx 1x1 2111; Música e Desporto, x11 1xx 12x 211x; Barlavento, 111 1x2 2x1 1xx1; O Comércio de

Leixões, 211 11x 1x1 211x; O Comércio do Porto, 211 112 1x1 x11x.

O Concelho de Estarreja, x11 112 1x1 2x1x; Correio de

Coimbra, 211 11x 111 2111; Ecos do Desporto, xx1 1xx x11 21x1; Correio do Vouga, x11 11x 121 2111; A Defesa, x11 x1x 12x 2x11; As 10 espere por nós, x11 x2x 11x xx1x; Diário de Coimbra, 111 1xx 11x 2x11; Diário de Lisboa, x11 1xx 1x1 2112; Diário do Porto, 111 11x 1x1 x111; Ecos de Cacia, 211 1x1 111 x111.

Estrela da Manhã, x11 1xx 121 211x; Estúdio 64, x11 1x1 11x 2112; Eu Sei Tudo, 211 11x 111 2111; Folha do Domingo, x11 1x2 1x1 x111; Dos fracos não reza a história, 2x1 2x2 x11 2112; Gazeta das Caldas, xx1 12x 1xx 1112; Jornal Desportivo, x11 1x2 1x1 11x1; O Jornal de Felgueiras, 111 112 xxx 2111; Jornal da Graça, 111 111 111 1111; O Jornal da Lixa, x11 1x1 111 1x11.

Jornal de Sintra, x11 112 211 2x11; Cardeal Saraiva, x11 1x2 x1x 2111; O Mensageiro, 211 1x2 12x 2x11; Linhas de Elvas, 211 121 1x1 1211; Litoral, 111 112 111 x11x; Manchete Desportiva, 111 111 111 1111; Ma-

ria da Fonte, 111 11x 1x1 2111; Mundo Desportivo, 111 112 111 2x1x; O Norte Desportivo, 211 112 1x1 2111; Notícias de Chaves, x11 112 121 xx11.

Notícias do Douro, x11 1xx 111 21x1; Notícias de Évora, xx1 1xx 111 2111; Notícias de Felgueiras, x11 1x1 1x1 21x1; Notícias de Gouveia, 211 2x2 111 121x; Notícias de Guimarães, 211 112 1x1 2111; Penalti, 111 11x 1x1 2111; Placard Desportivo, 11x 1x2 1x1 21x2; Presença Coimbra, 111 1xx 1x1 2x1x; Programa Sem Nome, x11 1xx 11x 2111; Quadrante Desportivo, x11 112 111 xx11.

Quadrante Norte, 111 11x 121 2211; Rádio Altitude, 111 11x 1xx 12xx; Panorama x1x 11x 11x x1x2; Rádio Placard, 111 111 1x1 x11x; Rádio Sports, 111 112 1x1 1111; Reconquista, x11 112 1x1 211x; Renovação, 111 1x2 x21 2111; Repórter do Dia (Angola), 211 1x2 121 2x11; Resenha Desportiva, 1xx 1xx 1x1 211x; Encontro Musical 211 1x2 111 1111.

A Ordem, xx1 112 1x1 11x1; O Primeiro de Janeiro, 111 11x 1x1 2111; Alvo Desportivo, 111 xx2 2x1 11x2; Rádio Alvo, xx2 x11 1x1 1xx; Sporting, 1x1 x2x 121 x111; Ritmo e Amizade, x11 112 xx1 1111; A Voz das Beiras, x11 1x2 121 xx11; A Voz da Casa Pia, x11 1xx 1x1 2111; A Voz do Domingo, x11 x1x 1x1 2x11; Voz de Lamego, 111 1x2 121 2111.

A Voz dos Rídiculos, 111 1xx 111 1111; Tudo Pode Acontecer - 1, x11 1x2 1x1 x11x; Tudo Pode Acontecer - 2, 111 1xx 111 21x2; Tudo Pode Acontecer - 3, 211 1x2 111 x111; Tudo Pode Acontecer - 4, x11 11x 111 11xx; Tudo Pode Acontecer - 5, 111 121 1x1 x112; Boletim Desportivo, 221 1x2 11x 11x1; Miscelânea Musical, x11 112 121 x12x; Montra do Éxito, 1x2 x1x 2x1 x2x1; Música e Desporto, 111 x21 111 1211;

Programa da Manhã, 2xx 1xx 1xx 22x2; Só Rádio, 111 111 111 1111.

|                          | RESUMO |    |    | BOLAS (a) |   |   |
|--------------------------|--------|----|----|-----------|---|---|
|                          | 1      | X  | 2  | 1         | X | 2 |
| 1.º ACADÉMICO-BELENENSES | 30     | 38 | 18 | 5         | 5 | 2 |
| 2.º UNIAO TOMAR-PARENSE  | 71     | 10 | 1  | 10        | 1 | 1 |
| 3.º PORTO-BRAGA          | 74     | 6  | 2  | 10        | 1 | 1 |
| 4.º SETÚBAL-CUP          | 69     | 11 | 2  | 9         | 2 | 1 |
| 5.º GUIMARAES-SPORTING   | 40     | 36 | 6  | 6         | 5 | 1 |
| 6.º ESTORIL-BOAVISTA     | 10     | 39 | 33 | 1         | 6 | 5 |
| 7.º ATLÉTICO-LEIXOES     | 72     | 6  | 4  | 10        | 1 | 1 |
| 8.º ALBA-RIOPELE         | 31     | 37 | 14 | 5         | 5 | 2 |
| 9.º RÉGUA-FAFE           | 57     | 20 | 5  | 8         | 3 | 1 |
| 10.º SANJOANENSE-ESPINHO | 24     | 17 | 41 | 4         | 2 | 6 |
| 11.º PENICHE-MONTIJO     | 57     | 16 | 9  | 8         | 3 | 1 |
| 12.º MARITIMO-ORIENTAL   | 63     | 18 | 1  | 9         | 2 | 1 |
| 13.º SESIMBRA-CALDAS     | 53     | 19 | 10 | 8         | 3 | 1 |

a) Nos termos do Art.º 102, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:

X11 11X 1X1 2111

## Desporto

## Sporting: o pecado de vencer

Vai alta a lua, na mansão da morte... Não, não podemos (não devemos) ser tão tétricos. Tão drásticos e contundentes. Que Diabo! O Sporting, o único clube da casa que adiou até ao fim da qualificação para o salto europeu, acabou por levar de vencida o contendor, frágil embora e de nula monta no contexto do futebol mundial. E isso é sempre um passo em frente, nestes negócios de pontos e contos que deu volta ao moderno futebol profissional. Mas, nós (como os milhares de «patroões-críticos» que veementemente censuraram com vaias monstrosas este Sporting-75) teremos de afinar o tom pelo diapasão da lamúria?

Evidentemente que isso não cabe nos propósitos daquilo a que se convencionou chamar de crítica construtiva. Melhor se escreveria: crítica antidesportiva. Por várias e múltiplas razões: desde aquelas que somente o coração conhece, até outras bem mais reais e menos flexíveis, como seja a amizade que une escribas e pontapeadores de emblemas mais conhecidos, dirigentes e técnicos que se encontram com frequência e, bem amiúde, estão de acordo em pontos fulcrais de observação. Mais, ainda: que moram em lado idêntico de uma barricada que está encimada com a defesa intransigente desse belíssimo e arrebatador espectáculo, de destreza e arte que é (bem jogado) o futebol contemporâneo, já de si de pedra motriz de uma maquineta engendrada para o destruir pela raiz, convencidos os detractores de que foi à custa dele que se cimentaram impérios, ditaduras ou personalidades políticas. Tal e qual como, sob a sua bandeira, ruíram potentados e se esbanjaram figuras de retórica.

Vem tudo isto (perdoe-se a dissertação) a talhe de foice quando, horas vergadas após o «show» gélido de Alvalade, procuramos expressão que bem se ajuste ao desenrolar de uma das mais monótonas hora e meia (mais pico, menos coisa) que alguma vez vivemos em recinto desportivo. Aquilo que poderia ter sido uma festa para os olhos, um regalo para o mais cobiçoso, empenhou logo da primeira assentada. Nanja por culpa do parceiro da outra banda que, pobre dele, bem fez tudo o que lhe competia para deixar brilhar o Casius Clay em potencial. Só que, o triste esmurrador virou (de há uns tempos a esta parte) menino de coro. Assim a modos que namorada de aldeia, esquivava e insubmissa ante o pedido de um beijinho em vésperas de casório. Tal e qual como o bom «gourmet», de gosto apaladado, a quem servem iguaria fina mas não a pode trincar por se ter esquecido em casa do teclado polido briosamente pelo dentista da família.

O Sporting, amigos que viram, amigos que costumam ver, está a modos que passarinho esquecido em ninho durante pecaminoso inverno, desses de flagelar até os ossos. Não tem força nas perninhas, arrasta-se. Não tem potência no disparo: amanda com pedreira, em tempo de teleguiados e rajadas de G-3. É como um petizito cheio de caprichos, a quem o pai deu um monte de brinquedos e, desperdiçando-os no canto da cave, sai para o quintal a reinar com os colegas empunhado a maior fortuna: um palhaço desenhado em papel. É isso este paupérrimo Sporting dos consecutivos desgostos à sua tribo, deixa os dias correrem num tem-

pe-não-caias que até contagia de tédio o mais espertado dos amantes. Faz lembrar (desculpem a imagem) uma amante belíssima que, na hora do amor, tem medo de desfazer o penteado.

Ontem, o público de Alvalade, mau grado a sua tremenda

## Comentário

por NEVES DE SOUSA

e espantosa capacidade de encaixe, chegou a afinar à bruta, zarpando para longe da menina dos seus olhos e desatando a dar aplausos à turma do Sliema como se esse grupeto de rapazes trabalhadores em outros mistérios, fosse aquele que, pontualmente e mesmo à custa do bolso particular de João Rocha, recebe ordenados que nem sempre entram uma vez na vida dentro da bolsa dos mortais comuns. Nada nos move (repetiremos isto até à saciedade) em desfavor dos profissionais de futebol: mas, tal como eles estão no pleníssimo direito de comentarem a

podem figurar, na galeria da nossa memória, com os seus pares de outro dia, ainda que possuindo as mesmas caras e, de novo, apenas aquela risca vertical nos calções que parece ter estragado a história antiga. Moços que sabem interpretar a preceito a habilidade de bem jogar futebol, ficam mudos e quedos de pasmo mal se junta (agora) para jogar sob o signo do leão, embora tudo os ajude: desde o espantosamente complativo «jornal do clube» até à «entourage» que entroniza cada uma das suas aparições em cena. Não, nunca, em tempo algum eu posso misturar, no album das glórias desportivas que admirei, certos jovens de hoje que, há dez-quinze anos, não tinham sequer mérito para se sentarem à mesa dos «craques» que eram pagos com meio dúzia de contos de réis: e, todavia, estes garbosos cavaleiros do futebol-75, cobram pequenas (loucas) fortunas a troco de meia dúzia de finitas e de dois chutos bem assentes na borracha. Não os invejo: ontem, Alvalade era um tribunal: um dósforo aceso dava explosão até Monsanto. Dirão alguns sujeitos, até com certa razão: que



Manuel Fernandes engalfinhado com a bola, entre quatro amadores malteses. Nem passe para colegas, nem remate à rede

sorteio: oxalá ele não signifique, para alguns amigos que recebem os seus proventos de Alvalade, o debandar da feira, o fim de muitas ilusões. Porque, verdade verdadinha, não teve qualquer mérito o trepanço sobre os rapazinhos da beira de La Valetta. Pensou-se, durante, uns dias: torneira aberta e ilha afogada. Pois, o que se viu com persistência, num relvado em que os malteses só se lembravam de poder brincar quando as mamãs os levavam a andar de triciclo, foi um desabafar fundo da frágil estrutura deste Sporting, onde moram vedetas de renome e pendão em procissão. Algumas jogadazitas, atabalhoadamente concebidas (de sete, oito meses...) não chegavam ao destino porque tudo (defesa aos soluços, meio campo inerte, ataque de mama) era amorfo e estava lascarado em fatias. Aquilo que eu escrevera, quando em Malta presenciara o rugir de um leão sem dentes, mais se acentuou na noite do Lumiar: uma carga de brigadas perdidas no deserto, cada cavalo aos tropeções num «derby» que, em linguagem corrente, era previamente dinheirinho em caixa. Valeu que os malteses ainda jogaram a pior que na sua terra: e, para cúmulo, até tiveram de andar a dar massagens uns aos outros, tão cheios de câibras e de chumbo nas pernas andavam todos eles. Não fora isso e teríamos a reedição de um «célebre» Luxemburgo que fez estatelar um Portugal impante e milionário de gula...

Não vale a pena dissecar esquemas ou táticas: o Sliema apenas carregava o voto de perder por poucos, lembrado das pantagruélicas tarefas que os parceiros amadores destas coisas do chuto costumam levar de equipas a sério e, quanto ao Sporting, poderá falar-se de alguma ordenação quando se notam (permanentemente) quatro defesas espeçados em busca de um único oponente ou, então, o atrofiamento de toda uma frente de ataque que não há meio de saber encontrar o caminho marítimo para a sua Índia?

Se o amigo que nos lê quer saber alguma coisa de como as coisas acorreram, sente-se num sofá para dar evasão à melancolia. É que, só vendo se acredita: aquilo que o Sporting hoje está a jogar é risível, se não fora penoso. Toda uma primeira parte à imagem e semelhança do costume: um golo a ferros que nem sequer aqueceu a multidão e muitos sonedados ao próprio erário ficam como pedras amontoadas no terreno do convívio. E, o mais inacreditável de tudo é que a multidão quase bateu em Baltasar só porque o loirolho se lembrou de festejar a vitoriosa «cabeça» com inaugura o «placard». E, das duas uma: ou o

rapaz anda com mau olhar em Alvalade ou, então, ninguém lhe tinha perdoado a meia dúzia de perdas anteriores, mais aquele «estupendo» corte feito à boca da malha contrária, quando retrocedeu à sua nata condição de «back». A verdade é que as vaias foram quase tantas como os aplausos, quando o Sporting (39 minutos) se valeu de Baltasar para rasgar a virgindade contrária. E, o pior estaria para suceder aos 46 minutos de um longo primeiro tempo: falhanço monumental de Zezinho, rematezinho de Fabri sem possibilidade de Damas lá chegar e a bancada quase a vir abaixo com a ovação ao golo do Sliema. Desportivismo assim nunca tinha visto: nem espero encontrar no Paraíso.

Afinal, todo esse extravasar de nervos era fruto (somente) do divórcio que está a morar entre a equipa de futebol e os associados de Alvalade. Não que estejam descrentes das possibilidades futuras de valores em embrião (como Inácio, por exemplo) ou tenham virado costas a «estrelas» do seu céu (Damas e Fraguito, no caso). Contudo, ficam pasmados ante outras verdades inamovíveis: a noite tenebrosa em que está a viver o pujante José Mendes do Bonfim ou a veste espartana de Manuel Fernandes, o cufista que era (há um ano) um desbarato de jogadas lindas e apaixonantes. Tal e qual como se indaga sobre se a condição física da turma será (ao menos) aceitável e se não seria útil, de vez em quando, um lustrique (mesmo vestido de Nunes dos Santos) entrar nas cabinas e dar uma ensaboada nos cérebros daquela dúzia e meia de pacatos cidadãos do mundo futebolístico.

## ACONTECIMENTOS

Resultados da primeira jornada do torneio quadrangular de hóquei em patins programado para a Luz: Sporting, 2-Benfica, 1 e Amadora, 8-Santa-Maria, 7. A prova concluiu-se no sábado.

Cubillas foi a principal figura do jogo Brasil-Porto, em que os comandados pelo artista peruano das Antas lograram vencer, com toda a sensação, 3-1, em Belo Horizonte, com um tento da «estrela» do F.C. Porto e colaboração directa nos lances de que resultaram os outros dois remates certos da sua turma.

«Férias» inesperadas para o futebolista Bastos: o contratado pelo Saragoça aplicou um pontapé ao árbitro que dirigia o jogo do seu recente clube com o Hércules (o juiz Crespo Aurre) e apanhou pela medida grande. Castigo: 10 jogos de suspensão, fora uma elevada multa pelo Saragoça. Uma tristeza!

O Conselho de Disciplina da Federação de Futebol castigou com 10 dias de suspensão os treinadores

Resta dizer, apenas, que (como se sabe) o Sporting venceu a paridade com o Sliema, embora o capitão maltes (Iagarto, Iagarto...) tenha afirmado, no fim da festa, que o seu emblema andou de candelas às avesas com a sorte. Na segunda parte, quando do «raid» assinado com pundonor pelo brasileiro Costa ou no «penalty» gentilmente concedido por agarrão a Marinho (que Manuel Fernandes atirou para o viveiro) os «leões» tiveram alguns impulsos daquilo que são capazes de fazer minuto-a-minuto. Todavia, foram apenas fogaços na noite geladina: e, hoje, os malteses até vão fazer comício só para mostrarem as críticas aos amigos e poderem gabar-se de ter feito tremelicar um superprofissional «team» do país dos Benficas e dos Portos e dos Boavistas.

Rapidamente, que o filme é para sepultar: Damas nada fez porque a nãa foi abrigado, Inácio jogou com acerto até que se lesionou em choque com Nelson; e central Zezinho tão depressa justifica a chamada como logo faz recordar outros rostos. José Mendes é sombra esbatida daquilo que já fez, Costa torna-se muito útil quando desperdiça a dureza e joga como gostaria que se comportassem para consigo. Na média (qual média?) existe o irrequietismo de Fraguito, a boa vontade do madeirense Nelson e aquele ar de modéstia em Baltasar que vale, no círculo de Alvalade, o polegar quase sempre virado para baixo: desfortuna do ex-alcantarense, a quem o público não perdoa mais o menor passo em falso. De tal maneira que, para não o complexar totalmente, Juca fez a substituição logo ao intervalo: afinal, viria Valter que nem sequer mostrou fome de bola, embora (escutado de longe) parecesse um maestro sem batuta, numa bandinha posta no terreno de elevado da Bica. À frente, num festim de confusão e de imagens sonexos, sem pés nem cabeça ninguém se salvou: nem Marinho, nem Manuel Fernandes nem Chico. Um, estagnou na mediocridade de onde emergira à custa de trabalho. Outro ficou na casca mal passou para um emblema de grande chapelada. O terceiro, vive assim a modos que descontente por ter condições excepcionais para nos deslumbrar (rapidez, poder de elevação, finta de emergência). Chico, Chico, dos saborosos tempos da Mini-Copa que é feito de você, que tanta apostas me fez ganhar?

Continuação da pág. 16

portistas, levando-os a alargarem a sua perspectiva para lá do campo do jogo, levando-os à participação efectiva em toda a dinâmica do processo em curso; Responsabilizar todos os elementos de qualquer forma ligados ao problema desportivo para a necessidade de colaboração eficiente, se queremos que o Desporto assuma o papel sociocultural que lhe cabe.

Começam amanhã a disputar-se os campeonatos de voleibol nas categorias de juniores, juvenis e iniciados.

## Árbitro: bi ou tricolor?

... Durante a tarde de ontem, chamado em última instância, desembarcou em Lisboa um trio de arbitragem tricolor: Verbeke, Bancourt e Meens. Veio substituir a trindade espanhola, que ficou na Gran Vía à espera que ande a roleta dos fuzilamentos.

... Estava previsto, pela Comissão Central de Árbitros, que fosse (na situação inesperada) um português a arbitrar: António Garrido, o nosso melhor e mais comprovado juiz (de afinidade sportinguista) tinha sido escolhido. E isto, porque? O colega Cruz dos Santos, que conhece os árbitros como eu sei de outras coisas, colocou tudo em pratos limpos: temos sete juizes inter-

nacionais. Cinco estiveram em acção no estrangeiro durante a jornada europeia de ontem e, restando Américo Barradas e António Garrido (ambos de costelazinha «verde»...), a Central optou pelo mais pontuado. Fica esclarecido, portanto, que o critério foi de aflição: o que não deixa de criar motivos para se pensar o que poderia ter sucedido a António Garrido se, «leão» como é, tivesse de julgar aquela falazita que o compadre francês transformou na grande penalidade quase conciliadora. Sem esperar resposta, só pergunto isto: Garrido, você marcava-a? Marcava-a mesmo? Ora, temos conversado...

N. de S.

bel-prazer os escritos em que são envolvidos, igualmente nos assiste (a nós: povo, público, espectador) a legítima autoridade para ficar atônitos ante a depauperada miséria de um espectáculo que tem obrigação de ser preenchido pelas habilidades comuns de intérpretes de gabarito: e, nunca, pelo arastar iconceívél de um pretenso «team» de futebol que anda há uma data de tempo divorciado da condição de elemento de primeira água no contexto da sua especialidade nacional.

Aquele Sporting de ontem, camaradas, companheiros, leitores desta hora, foi um simulacro de belo Sporting que pode ser. Evidentemente que nos recusamos a acreditar em crise irremediável: de insubstituíveis estão os cemitérios cheios e, julgamos, ninguém tem a veleidade de se julgar dogmático e de pontaria infalível. Todavia, quando se mira de perfil cada um daqueles rapazes cheios de vida e mocidade (cá fora, são de uma alegria pegada...) e, depois, se nota as olheiras cavadas com que se «sacrificam» ante os amigos que só esperam um arzinho de graça para os carregarem em ombros, ficamos aturdidos. Não, nunca, em tempo algum estes moços de hoje

raio, o escrevinhador destas colunas é tipo insatisfeito, duro, implacável e nada meigo. Pois serei isso tudo, em algumas ocasiões é bem de ver. Como agora, quando o relógio já deu voltas sobre voltas, fico interrogando os meus botões sobre o que viram em Alvalade e dou por eles na mesma risada pesada que sublinhou lances sobre lances dos jogadores vestidos de verde-branco. Dos profissionais que ganham, cada um de per si, mais que todos os sliemas juntos e na mesma balança. Uma franciscana imagem, que contribui para aterrorizar os sportinguistas que, mesmo de longe e sem olhares viperinos, espreitavam esta presa como um cão mira a lebre de pata quebrada. Seria um fartote de golos, um encher a barriga: afinal, não fosse a azarina dos malteses e um «penalty» quase ofertado pelo árbitro da última hora e teríamos, no sopé de todos os impulsionados para nova jornada europeia, este Sporting sem tibiás nem pulmões, que enche de pena quantos o sabem capaz de se atirar a tigres e elefantes sem receio de que lhe belisquem a juba. Que se passe contigo, Sporting?

Evidentemente que o 3-1 (somado ao 2-1 na ilha) vale como cartão de ingresso em novo

Gerál

PROJECTO CAPITALISTA

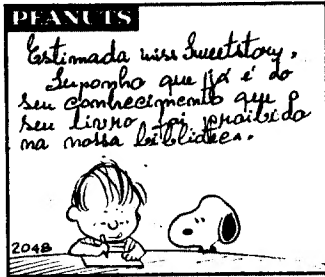
Continuação da pág. 12

Contrariamente aos preços agrícolas que estagnam ou não aumentam, a não ser em ínfimas proporções, os preços industriais necessários à reprodução da agricultura, isto é, os dos equipamentos, fertilizantes, e forragens (inteiramente controlados pelos monopólios) sobem incessantemente. A fixação dos preços dos produtos agrícolas depende quase exclusivamente dos comerciantes grossistas e das indústrias alimentares.

Este desfasamento, que aumenta cada vez mais, acelera a diferenciação entre as diferentes explorações e apressa a ruína dos pequenos produtores.

INTEGRAÇÃO VERTICAL

Tais são os resultados das transformações estruturais. A ruína do campesinato laborioso é ainda insuficiente para que possam for-



mar-se as grandes explorações onde é possível utilizar todos os equipamentos técnicos modernos. Para forçar as coisas, o capital monopolista, apoiado pelo Estado, procura acentuar a integração vertical para conseguir a grande produção capitalista. Estas medidas vêm juntar-se a tudo quanto leva à ruína das explorações e tem por resultado que o capital monopolista se implante na agricultura. No termo desta integração vertical, os camponeses já não são mais que os agentes dos monopólios da indústria alimentar ou do comércio, para os quais entregam tal quantidade ou tal qualidade de produtos nas datas determinadas, cujas máquinas eles utilizam. A primeira vista, esta oferta

dos monopólios aos agricultores pode parecer interessante, a integração dos camponeses no sistema monopolista pode trazer certas vantagens reais a parte do campesinato. Mas não é assim, se analisarmos as coisas mais de perto.

Primeiro, grande parte das explorações agrícolas são excluídas da integração vertical por não poderem apresentar garantias de desenvolvimento, e serão arruinadas a prazo mais ou menos longo.

Por outro lado, a integração pressupõe uma especialização numa produção ou, no máximo em duas ou três. Os camponeses só podem utilizar parte dos meios de produção de que dispõem e não podem financiar eles próprios to-

dos os investimentos para elevar a produção ao nível requerido. Os capitalistas emprestam-lhes o dinheiro ou os meios de produção, o que acentua ainda mais a dependência directa. Os camponeses perdem a sua independência económica, e, a curto prazo, as terras, que são obrigados a hipotecar. A independência dos camponeses é, pois, algo de completamente formal, atrás da qual se esconde a submissão às ordens do capital financeiro. O rendimento do camponês toma cada vez mais a forma dum salário, com o qual regenera a sua força de trabalho. O ganho realizado graças ao acréscimo de produtividade não é embolsado pelo camponês, mas pelo capitalista. A subida de certos

preços explica-se, em parte, por este mecanismo.

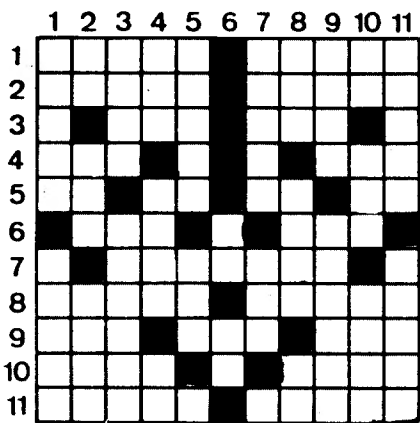
Vemos que a evolução em curso não será um auxílio nem uma solução para os camponeses. Toda a evolução capitalista na agricultura, orientada exclusivamente para o lucro, está ligada a profundos abalos sociais na agricultura. As medidas de regulação do capital monopolista de Estado, em curso desde o fim dos anos 60 nos países capitalistas da Europa Ocidental, as diversas medidas de incitamento e de orientação das produções agrícolas não dão uma oportunidade real aos camponeses, porque o seu objectivo é o de ligar — evitando quanto possível grandes abalos sociais — a agricultura ao capitalismo monopolista de Estado.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11200

HORIZONTAIS

- 1 Corar. Sacerdotes budistas.
- 2 Ave trepadora. Inundo.
- 3 Profere. Possui.
- 4 Espaço de doze meses. Artigo definido. Suspiros.
- 5 Estrepto de desmoronamento. O lado do vento. Ósmio (s.q.) Cobalto (s.q.)
- 6 Nome de mulher. Guarneco de asas.
- 7 Ilha do oceano Pacífico ao sul de Tóquio.
- 8 Detrás. Toucinho fresco.
- 9 Cidade de Espanha. Guarneco de asas. Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh!
- 10 Nome de homem. Chuva.
- 11 Tempo do verbo ser. Tremor de terra.



VERTICAIS

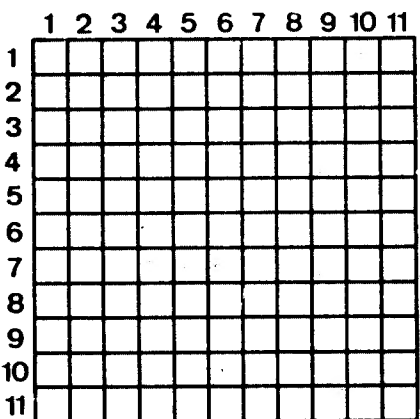
- 1 Amofinar. Assassinas.
- 2 Sufixo que designa estado. Despida. O essencial, o indispensável.
- 3 Rio de Portugal. Prof. riam.
- 4 Apelido. Limpa com água. O sono das crianças.
- 5 Justiça. Sufixo que designa abundância.
- 6 Onze em romano (inv.) Nota musical.
- 7 Liga de cobre o zinco. Intimo.
- 8 Ice. Caruma. Prefixo que designa afastamento.
- 9 Suco o leite materno. O mesmo que praga: a.
- 10 Prata (s.q.). Levanto. Nome de homem.
- 11 Velhaco. Dança brasileira.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7359

HORIZONTAIS

- 1 Investigaram.
- 2 Chefe etíope. Freguesia do concelho de Penafiel.
- 3 Antes do meio-dia. Sobeja. Césio (s.q.)
- 4 Lista. Apologia. Colocou.
- 5 Tolera. Destino.
- 6 Preposição. Voz do gato.
- 7 Prefixo que designa terra.
- 8 Viatura. Intrépida.
- 9 Prefixo de privação. Campeão.
- 10 Corda de reboque. Gavião. Isolados.
- 11 Tostou. Dente canino.



VERTICAIS

- 1 Avarenta. Respeita.
- 2 Apelido. Aniversário.
- 3 Erbo (s.q.) Combater. Campeão.
- 4 Chefe etíope. Ilha francesa do oceano Atlântico. Reis.
- 5 Separa. Medida japonesa igual a dois decilitros. Pronome pessoal.
- 6 Boro (s.q.) Crença. Plural.
- 7 Dás urros. Rio da Rússia. Abreviatura que se usa em música.
- 8 Três urros. Rio da Rússia. Abreviatura que usa em música.
- 8 Três vogais iguais. Ribeira da Ásia Russa. Nome que os Egípcios davam ao Sol.
- 9 Reis. Desapossa. Catedral.
- 10 Pedra ou resto de uma vela. Vazios.
- 11 Seara madura. Tecido de algodão ou linho muito transparente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11199

HORIZONTAIS:

- 1 Mapas. Marau.
- 2 Idas. Lema.
- 3 Or. Mas. Má.
- 4 Atacera.
- 5 As. Arame. Ma.
- 6 Correr. Leal.
- 7 As. Pá. Uá.
- 8 Aio.
- 9 Acalalada.
- 10 Atole. Afina.
- 11 Rosas. Raras.

VERTICAIS:

- 1 Mi. Mação. Ar.
- 2 Ado. Sós. Ato.
- 3 PARA. Ocos.
- 4 As. Tara. Ala.
- 5 Maré. Asses.
- 6 CACAR. Ia.
- 7 Sam. Polar.
- 8 Al. Rel. Afá.
- 9 Ama. Mau. Ana.
- 10 Au. CALAR. As.

Provérbio: PARA CARÇAR CALAR

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7358

HORIZONTAIS:

- 1 Cópia. Pasta.
- 2 Aliar. Aderi.
- 3 Vi. Ta. Ri. Er.
- 4 Avie. Tapa.
- 5 Sassa. Calas.
- 6 La. Sor. Mr.
- 7 Rás. Era.
- 8 Al. Re. Sa. Am.
- 9 Bara. Sumo.
- 10 Adoço. Moral.
- 11 Rolas. Asira.

VERTICAIS:

- 1 Cavas. Babar.
- 2 Olival. Lado.
- 3 Pi. Isar. Rol.
- 4 lates. Aranã.
- 5 Ara. Asse. Os.
- 6 Par. Crés. Ma.
- 7 Adita. Rasos.
- 8 Se. Alma. Uri.
- 9 Prepar. Amar.
- 10 Airas. Imola.

OS INGLESES EXPERIMENTAM

Continuação da pág. 3

derá da velocidade desse desenvolvimento. Os ingleses esperam que este novo serviço tenha grande desenvolvimento, graças aos mercados estrangeiros.

Há, porém, quem acuse este sistema de rigidez, porque só permite a transmissão de páginas de 24 linhas de 40 caracteres e mais nada. Que se passaria se se quisesse usar outros tipos de mensagem, linhas mais curtas ou mais longas, desenhos, etc?

Trabalha-se para isso em França, num sistema mais complexo, mas em princípio mais promissor, intitulado ANTIOPE. Convencidos das boas possibilidades de êxito de CEE-

FAX-ORÁCULO, os franceses esforçam-se por que não haja incompatibilidade entre eles, e esperam que a assembleia da União Europeia de Radiodifusão não gele demasiado as normas de transmissão de mensagens alfanuméricas, a fim de não dar demasiadas vantagens à Grã-Bretanha.

Os técnicos franceses estão, com efeito, muito menos avançados do que os seus confrades do além-Mancha. Sobre tudo, o desenvolvimento industrial ainda só balbucia. De modo que os sistemas deste tipo não deverão ser instalados em França senão daqui por alguns anos... Com um bom atraso sobre os outros países europeus.

© Le Monde



WINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 364859/366197. YUKY SIREAP-TEASE JAPONESA. CASINO ESTORIL - Jogo autorizado.

Variedades internacionais. T. 26461/26452/26456/26462/264946. HIPOPOTAMO - Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.



EMISSION 1.º Programa

- 17.00 Rádio estudantil
- 18.00 Música variada
- 19.00 Informação de trânsito
- 19.05 Falar educação, um programa do I.T.E.
- 19.25 Melodias
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Música variada
- 21.40 Fados
- 22.00 Temas de economia, por Filipe Felgas
- 22.30 Música variada
- 23.00 Música variada
- 00.00 Último jornal
- 00.30 Retrospectiva
- 01.00 Saida e encerramento dos Regionais e dos MF1 — música na noite
- 02.00 Música na noite
- 03.05 Mini-teatro

2.º Programa

- 16.00 Que quer ouvir?
- 18.35 Duo de pianos Aloys Kontarsky e Alfons Kontarsky
- 19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo música ligeira variada
- 22.00 Intercâmbio musical
- 22.57 Música de câmara
- 23.42 «Concerto Grosso», em ré maior, op. 6, n.º 5 de Haendel
- 00.00 O 2.º Programa — a

grande música negra, por José Duarte

01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 897 m — 755 KHz

- 20.30 Música de câmara de Beethoven
- 21.14 Música de bailado
- 22.00 Concerto de câmara
- 22.29 Obras do Barroco italiano
- 23.00 Música sinfónica
- 00.00 Junção com o Programa Estereofónico

RÁDIO CLUBE

Onda Média

- 16.04 Programa C.D.C.
- 18.05 Movimento
- 20.50 Diálogo
- 21.03 Programa do M.F.A.
- 21.30 Quando o telefone toca
- 22.30 Quando o telefone toca
- 23.06 Mensagens bíblicas
- 23.30 No Mundo aconteceu
- 00.05 Alavanca
- 01.00 Madrugada
- 01.15 Rádio-teatro
- 06.03 Diário rural
- 07.03 Talismã

Modulação de Frequência

- 16.04 Programa C.D.C.
- 18.05 O nosso programa



Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal continental o céu estava pouco nublado com excepção na Costa Costeira a norte do Mondego o vento era fraco de Leste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

|             |     |
|-------------|-----|
| PORTO       | 18° |
| P. DOURADAS | 18° |
| COIMBRA     | 16° |
| PORTALEGRE  | 21° |
| LISBOA      | 19° |
| FARO        | 24° |
| FUNCHAL     | 21° |

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:

ELVAS 27°

Mínima:

Anadia 6.6°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 15.8°  
Atmosfera 14.9°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

|       |       |       |       |
|-------|-------|-------|-------|
| 1.27  | 3.7 m | 7.12  | 1.1 m |
| 13.49 | 3.9 m | 19.44 | 0.8 m |

Dia 3

|       |       |       |       |
|-------|-------|-------|-------|
| 2.17  | 4.0 m | 8.02  | 0.8 m |
| 14.38 | 4.2 m | 20.30 | 0.5 m |

Dia 4

|       |       |       |       |
|-------|-------|-------|-------|
| 3.04  | 4.2 m | 8.47  | 0.5 m |
| 15.25 | 4.4 m | 21.13 | 0.4 m |

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado com excepção na região a norte do Mondego onde é possível a ocorrência de céu muito nublado em especial no Litoral; vento geralmente fraco; condições favoráveis à formação de neblina ou nevoeiro matinal nos vales e terras baixas a norte do Mondego.



|           |       |
|-----------|-------|
| NAScer AS | 7.33  |
| OCASO AS  | 19.18 |



- 19.05 Em órbita-1
- 20.30 Boa noite em FM
- 22.02 Clube à gô-gô
- 00.05 Em órbita-2
- 01.05 Banda sonora Sonipol
- 02.05 Perspectiva
- 03.05 Madrugada
- 06.00 Diário rural
- 07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233.2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93.2 MHz — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal  
Das 06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

Rádio Voz de Lisboa  
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular  
Das 12.00 às 14.30

Rádio Graça  
Das 14.30 às 19.30



**TURNO E1**  
**TODA A NOITE**  
**ALVALADE**  
Belo, Avenida de Roma, 53-A, (Telef. 776314).  
**AVENIDAS NOVAS**  
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49, (Telef. 773043).  
**BAIRRO ALTO**  
Gonçalves, Rua da Rosa, 176-178, (Telef. 362687).  
**BAIRRO DA ENCARNAÇÃO**  
Ascensão, Praça Norte, 11-A, (Telef. 311216).  
**BAIXA**  
Simões Pires, Rua da Prata, 115, (Telef. 362350).  
**BENFICA**  
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C, (Telef. 703697).  
**CAMPOLIDE**  
Imperial, Rua General Taborda, 28 (Telef. 680931).  
**ESTRELA**  
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30, (Telef. 660955).  
**GRAÇA**  
Morão, Largo de Graça, 63, (Telef. 860700).  
**LUMIAR**  
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B, (Telef. 791131).  
**PICHELEIRA**  
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-A/C, (Telef. 720703-728395).  
**SANTO AMARO**  
Teles, Rua João de Barros, 2, frente, (Telef. 638176).  
**S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA**  
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9, (Telef. 48642).  
**TURNO F-2**  
**ATE AS 22 HORAS**  
**ALTO DE S. JOÃO**  
Vitalis, Rua Morais Soares, 69, (Telef. 841779).  
**ANJOS**  
Guerra, Rua Andrade, 32-36, (Telef. 845513).  
**ALVALADE**  
Marbel, Avenida de Roma, 131-A, (Telef. 776235).  
**AMEIXOEIRA**  
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, (Galinheiras - Charneca), (Telef. 790969).  
**ANJOS**  
Magalhães, Avenida Almirante Reis, 4-D/F, (Telef. 49479).  
**AREIRO**  
Garantia, Avenida Padre Manuel da Nobrega, 5-A/B, (à Praça do Areiro), (Telef. 727300).  
**AVENIDAS NOVAS**  
Saldanha, Avenida Praia da Vitória, 53, (Telef. 43938).  
**BENFICA**  
S. João, Estrada da Luz, 124-A, (Telef. 783179).  
**CAMINHOS DE FERRO**  
Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90, (Telef. 847019).  
**ESTRELA**  
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B, (Telef. 666971).

**OLIVAIS-SUL**  
Antunes Rosa, Praça da Cidade do Luso, Lote 199, (Telef. 313610).  
**REGO**  
Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D, (ao Hospital de Santa Maria), (Telef. 778953).  
**RESTELO**  
Tanara, Rua Rodrigo Reinei, 3-A, (à encosta do Restelo, o próximo dos Moinhos), (Telef. 611814).  
**S. PAULO**  
Central, Rua de S. Paulo, 108, (Telef. 320389).  
**LINHA DE CASCAIS**  
**ALGÉS**  
Branco, Av. C.G. Guerra, 29 (T.212081).  
**PAÇO DE ARCOS**  
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T.2432034). Toda a noite.  
**OEIRAS**  
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T.2430090). Até às 22 horas.  
**CARCAVELOS**  
Central, Toda a noite.  
**PARADEIRA**  
Macau, R.J. Elias Garcia, 60-C (T.2471785). Até às 24 horas.  
**S. PEDRO DO ESTORIL**  
S. Pedro, R.9 de Abril, 24 (T.263052). Até às 22 horas.  
**MONTE ESTORIL**  
Godinho da Silveira, Av. S. Boia, 29-B (T.260085). Toda a noite.  
**CASCAIS**  
Marginal, Av. Marginal (T.280078). Até às 22 horas; Nova, Ede Alvide, Fontainhas (T.281044). Toda a noite.  
**LINHA DE SINTRA**  
**AMADORA**  
Melo, P.D. João I, 9-B (T.932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.932210); Igreja, P.D. Igreja, 22-A (T.937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120 (T.938424).  
**DAMAIA**  
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T.970461).  
**VENDA NOVA**  
Nova, R. Elias Garcia, 10 (T.972530).  
**QUELUZ**  
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T.950123).  
**CACÉM**  
Araújo e Sá, Ede Paco de Arcos, lote 1-B (T.2940781).  
**MEM MARTINS**  
Rodrigues Rato (T.2912038).  
**S. PEDRO DE SINTRA**  
Valentim (T.980456).  
**SINTRA**  
Misericórdia, Vila (T.2930391).  
**COLARES**  
Abreja (T.299088).

**OUTRA BANDA**  
**ALCOCHETE**  
Gameiro, L. Antonio dos Santos Jorge, 10 (T.234100).  
**ALHOS VEDROS**  
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250).  
**ALMADA**  
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T.2760565).  
**BAIXA DA BANHEIRA**  
Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T.2020141).  
**BARREIRO**  
Helénica, R.D. Manuel I, 178 (T.2073017).  
**COVA DA PIEDADE**  
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T.2767356).  
**MOITA**  
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029).  
**MONTUJO**  
Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T.2310032).  
**SESIMBRA**  
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T.2233028).  
**SETÚBAL**  
Soromenho, P. Machado Santos (T.22691); Alice, P.do Quebedo (T.23743).  
**SEIXAL**  
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580).  
**PORTO**  
**TURNO 7**  
**ATE AS 22 HORAS**  
Martino, Sucr., Praça Marquês de Pombal, 122; Pombeiro, Campo dos Mártires da Pátria, 152; Prelada, Rua Central de Francos, 316; S. Roque da Lameira, Rua de S. Roque da Lameira, 1111; S. da Bandeira, Rua da Bandeira, 236; Ameal, Rua do Ameal, 1227; Campo Alegre, Rua do Campo Alegre, 723; Ferreira da Silva, Rua dos Mártires da Liberdade, 150; Peninsular, Rua Chã, 100; S. Lázaro, Avenida Rodrigues de Freitas, 297 e Melo Taveira, Rua Alcaide Faria, 77.  
**A PARTIR DAS 22 HORAS**  
Prelada, Rua Central de Francos, 316; Martino, Sucr., Praça Marquês de Pombal, 122; Pombeiro, Campo dos Mártires da Pátria, 152 e S. Lázaro, Avenida Rodrigues de Freitas, 297.  
**COIMBRA**  
Nazaré, R. Ferreira Borges, 135 (T.22605); Santa Isabel, Av. S. da Bandeira, 28 (T.24916); Solum, R. Carolina Michaelis, 20 (T.33128).

# cinemas

**BERNA**  
T. 776098 14.00, 16.30, 19, 21.15.  
Não acons. a menores de 13 anos.  
o filme de Norman Jewison  
**JESUS CRISTO SUPERSTAR**  
40.ª Semana  
O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

**APOLO 70**  
T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15.  
Não acons. a menores de 13 anos.  
**BALBURDIA NO OESTE**  
7.ª semana  
Hoje às 24 h.  
Grupo D M/18 anos  
O COMBOIO APITOOU TRÊS VEZES

**ROXY**  
T. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15.  
Interdito a menores de 18 anos.  
Colorido  
**PECADOS EM FAMÍLIA**  
11.ª Semana

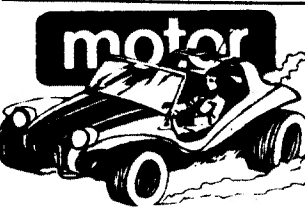
**PATHE**  
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15.  
Não acons. a menores de 18 anos.  
**A LINGUAGEM DO AMOR**  
Aviso ao publico: Este filme contém cenas eventualmente chocantes  
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

**ALVALADE**  
T. 89748 14.15, 16.30, 18.45, 21.15.  
Para todos  
**MELODY**  
Colorido  
Venha ver como começamos a amar  
3.ª Semana

**CINEBOLSO**  
T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30.  
Não acons. a menores de 18 anos  
4.ª Semana  
**FILME DE AMOR E ANARQUIA**  
de Lina Wertmuller

**CARLOS MANUEL** SINTRA  
T. 21.15  
Não acons. a menores de 18 anos  
**PROFISSÃO: AVENTUREIROS**

**D. JOÃO V** LUMIAR  
T. 971794 21.00  
Int. a menores de 18 anos  
**A VERDADE DAQUELA NOITE**



Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS

**UNIVERSAL**  
T. 774402  
As 15.00 OUTOBRO 13 anos  
As 17.00 GREVE 13 anos  
As 19.00 LINHA GERAL Para todos  
Atenção:  
Hoje excepcionalmente não há as sessões das 21.00 e 23.00

**RESTELO**  
T. 610375 21.00 h.  
Int. a menores de 18 anos  
**OS CAMINHOS DO PRAZER**

**EDEN**  
T. 320769 14.00, 16.30, 19.00, 21.15.  
Int. a menores de 18 anos  
**A PISTOLA**  
2.ª Semana  
Um filme de Michelle Lupo  
A história de um sangrento ajuste de contas

**TIVOLI**  
T. 570595 15.15, 18.30, 21.15.  
Não acons. a menores de 18 anos  
Um drama de impacto explosivo!

**VEREDICTO**  
5.ª Semana  
Com Sophia Loren e Jean Gabin

**CASINO ESTORIL**  
T. 264621 17.00 e 21.15  
Interdito a menores de 18 anos  
**EVA A PRIMEIRA PEDRA**

**ROYAL**  
T. 665037 15.30, 21.15  
Interdito a menores de 18 anos  
**ONDE O SOL NUNCA BRILHA**

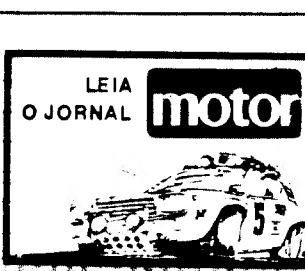
**POLITEAMA**  
T. 326305 21.30  
Estreia. N. acons. a men. 18 anos  
**A COLERA DO VENTO**  
As 14.15, 16.30, 19.00.  
**ASSIM ATÉ DÁ GOSTO**

**ROMA**  
T. 727778 15.30, 21.15  
Não cons. a menores de 18 anos  
**MORRER AO SOL**  
Todos os dias às 18.30  
**NOVAS AVENTURAS DA PIPI DAS MEIAS ALTAS**

**VOX**  
T. 720808 15.15, 18.30, 21.15  
Não acons. a menores de 18 anos  
**A FÚRIA DO DESEJO**  
5.ª Semana

**SATÉLITE**  
T. 562632 15, 17, 19, 21.15  
Interdito a menores de 18 anos  
**O CIO (HEAT)**  
6.ª Semana

**IMPÉRIO**  
T. 555134 15.15, 18.30, 21.15  
(Não acons. a menores de 18 anos)  
**AS NOVIÇAS**  
Sessão clássica  
Hoje às 18.15  
Grupo B M. 10 anos  
**PARIS ESTÁ ARDER**



**CALEIDOSCÓPIO**  
T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15  
Para todos  
Clássicos da Comédia  
**A CULPA FOI DO MACACO**  
c/irmãos Marx  
Um filme de Nosman McLeod

**CONDES**  
T. 322523 14.15, 16.30, 21.15  
Não acons. a menores de 13 anos  
**JÁ EXPERIMENTOU NUMA MALA?**  
1.ª semana do filme Tchecoslovaco  
As 18.30  
Para todos  
**A INVENÇÃO DIABÓLICA**  
Jaroslav Bařil

**ODEON**  
T. 326283 15.15, 18.15, 21.15  
Interd. a menor. 18 anos  
5.ª mês 19.ª semana  
As enchentes não param  
**DECAMERON PROIBIDO**  
com Eva Maria Grubmüller e Pupo de Lucas  
**ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA A SOLTA...**

**LONDRES**  
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15  
Não acons. a menores de 18 anos  
**LA BAMBINA**  
Uma nova forma de amor...  
Um filme de Alberto Lattuada

**S. JORGE**  
T. 5415374 15.15, 18.15, 21.15  
Não acons. a menores de 18 anos  
O último filme de Pasolini  
5.ª Semana  
**AS MIL E UMA NOITES**

**AVIS**  
T. 47163 15.30, 21.15  
Não acons. a menores de 13 anos  
**O HOMEM ORQUESTRA**  
Um filme de Louis de Funes

**CASTIL**  
T. 530194 15.30, 18.30, 21.15  
Int. a menores de 18 anos  
**O VÍCIO (TRASH)**

**CINEARTE**  
T. 660446 21.15  
Não acons. a menores de 18 anos

**M.A.S.H.**

**ESTÚDIO**  
T. 555135 15.30, 18.30, 21.15  
Interdito a men. de 18 anos  
**O PROSTITUTO**  
Colorido! 5.ª semana

**ESTÚDIO 444**  
T. 779095 15.30, 18.30, 21.15  
Interdito a men. de 18 anos  
**CONTOS IMORAIS**  
Este filme contém cenas event. chocantes  
19.ª Semana

**EUROPA**  
T. 661016 15.15, 21.15  
Não acons. a menores de 18 anos  
6.ª Semana  
**QUE NOITE DE NÚPCIAS**

**MUNDIAL**  
T. 538743 15.15, 18.30, 21.30  
Para todos (M. 6 anos)  
**ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?**  
5.ª Semana

**MONUMENTAL**  
T. 555131 15.15, 18.15, 21.15  
Interdito a menores de 18 anos  
**O MOCHO E A GATINHA**  
c/ Barbra Streisand e Georges Segal  
2.ª Semana

## OUTROS ESPETÁCULOS

**LISBOA/Teatros**  
**TEATRO DO NOSSO TEMPO**  
21.30 (13 anos)  
«A greve dos choferes»  
**TEATRO DO BAIRRO ALTO**  
Os Cômicos  
21.15 (13 anos)  
«A noite dos assassinos»  
**MONUMENTAL**  
20.30, 22.45 (18 anos)  
«Lisboa acordou»  
**ABC**  
20.30, 22.45 (18 anos)  
«P'ra trás mija a burra»  
**VARIEDADES**  
21.15 (13 anos)  
«Adeus Valentina»  
**MARIA MATOS**  
21.30 (13 anos)  
«Legenda do cidadão Miguel Lino»  
**VILLARET**  
21.15 (13 anos)  
«Pascoal»  
**ADÓQUE**  
20.30 e 22.30 (18 anos)  
«A Cia dos Cardeais»  
**CAPITÓLIO**  
20.30 e 23.45 (18 anos)  
«Empresta-Me a Tua Piscina»

**LISBOA/Cinemas**  
**OLÍMPIA**  
21.15 (18 anos)  
«Cidade em Fúria»  
**PARIS**  
21.00 (18 anos)  
«Agulhas de Ouro»  
**IDEAL**  
21.15 (18 anos)  
«Aquele Apartamento»  
**JARDIM**  
21.15 (18 anos)  
«Seios de Morte»  
**MOSCAVIDE**  
21.15 (18 anos)  
«O Conselheiro»  
**PROMOTORA**  
21.15 (13 anos)  
«Abuso do Poder»

**LINHA DE CASCAIS**  
**Casino**  
17.00 e 21.15 (18 anos)  
«Eva — a Primeira Pedra»  
**Oxford**  
16.00 e 21.15 (18 anos)  
«Sou Curiosa»  
**OEIRAS**  
**Oeiras-Cine**  
21.15 (18 anos)  
«Kung-Fu no Oeste Selvagem»  
**ESTORIL**  
**Palácio**  
21.15 (18 anos)  
«O Misterioso Mr. Mackintosh»  
**CASCAIS**  
**S. José**  
21.15 (6 anos)  
«Pintores e Raparigas»  
**LINHA DE SINTRA**  
**Carlos Manuel**  
21.15 (18 anos)  
«Profissão Aventureiro»  
**OUTRA BANDA**  
**Clube**  
21.30 (18 anos)  
«7 Horas de Violência»  
**Incrível**  
21.15 (18 anos)  
«No Cume do Pânico»  
**PORTO/Teatros**  
**SÁ DA BANDEIRA**  
21.30 (18 anos)  
«O Corno»  
**PORTO/Cinemas**  
**TERÇO**  
21.30 (18 anos)  
«O Pistoleiro do Diabo»  
**RIVOLI**  
21.15 (10 anos)  
«John e Mary»

**PASSOS MANUEL**  
21.30 (18 anos)  
«A Mãe e a Puta»  
**AGUIA DE OURO**  
21.30 (6 anos)  
«Carroucel Walt Disney»  
**OLÍMPIA**  
21.15 (10 anos)  
«El Cid»  
**S. JOÃO**  
21.15 (13 anos)  
«A Linda Pamela»  
**COLISEU**  
21.15 (18 anos)  
«Como Caçar um Marido»  
**ESTÚDIO FOCO**  
21.15 (13 anos)  
«Balbúrdia no Oeste»  
**TRINDADE**  
21.15 (18 anos)  
«Contos Indrais»  
**JÚLIO DINIS**  
21.15 (18 anos)  
«O Último Verão»  
**BATALHA**  
21.15 (18 anos)  
«O Trio Infernal»  
**VALE FORMOSO**  
21.15 (18 anos)  
«A Mais Brava Vingança»  
**ESTUDIO**  
21.15 (18 anos)  
«A Rapariga da Motocicleta»  
**COIMBRA**  
**GIL VICENTE**  
21.15 (13 anos)  
«Salmo Vermelho»  
**S. TEOTÔNIO**  
21.15 (18 anos)  
«Os Loucos do Amor»  
**TIVOLI**  
21.15 (18 anos)  
«Decameron Proibido»  
**AVENIDA**  
21.15 (18 anos)  
«Os Malditos»



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.  
ADMINISTRAÇÃO-GERAL  
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º  
TELEF. 654531/23/4  
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS  
E PUBLICIDADE  
RUA LUZ SORIANO, 44  
Telef. 321154/5, 320271/2/3  
RUA DA ROSA, 75  
END. TEL. DÍBDA TELEF. 127  
LISBOA-PORTUGAL

## A PANELA A FERVER

A actual situação portuguesa faz lembrar o conhecido exemplo da panela de pressão, cuja água ferve e refere. O perigo de explosão é iminente, pois as válvulas de escape foram criminosamente obstruídas. Nesta emergência, quem se atreve a destapar a panela, com grave risco de queimaduras profundas? Entretanto, uns atacam o lume, outros tentam apagá-lo, isto é, a reacção e a revolução defrontam-se, a todos os níveis e de todas as formas. Os lobos, alguns com pele de cordeiros, preparam-se para o ataque decisivo. É preciso alertar os pastores. É preciso chamá-los, agrupá-los, uni-los, pois é demais sabido que só na união reside a força.

A panela continua a ferver, o que é bom, mas o perigo de explosão subsiste, o que é mau. E há os lobos (alguns com peles de cordeiro), os pastores e o rebanho. Quem quer desunir os pastores e tirar-lhes os cajados de defesa? A panela continua a ferver e, como dizia um amigo meu, os dias não chegam para os acontecimentos. E o perigo, os perigos, surgem por todos os lados. É preciso enfrentá-los. É preciso enfrentá-los.

MANUEL DE AZEVEDO

## Idi Amin pediu na O.N.U. a extinção de Israel

NAÇÕES UNIDAS (NOVA YORK), 2 — (R) — O presidente Idi Amin do Uganda pediu a extinção de Israel, acusou a Grã-Bretanha de chantagem e criticou o tratamento dos negros norte-americanos num discurso que proferiu a noite passada na Assembleia-Geral da O.N.U.

O discurso, que teve aplausos retumbantes dos delegados da Assembleia, provocou

a saída da sala do embaixador britânico e de dois representantes israelitas.

min propôs também que a cada agrupamento regional da O.N.U. fosse dado o direito de veto por bloco no Conselho de Segurança — um poder que se limita presentemente aos cinco membros permanentes do Conselho, Grã-Bretanha, China, França, União Soviética e Estados Unidos.

## José Diogo na Boa-Hora

Um dos principais pleitos a ser julgado no Tribunal da Boa Hora, após o término das férias judiciais, será o que tem como réu o rural alentejano José Diogo, acusado da morte do latifundiário e fascista de Odemira Columbano Silvano Monteiro. Marcado inicialmente, para a comarca de Ourique, o julgamento foi depois de-

saforado para Lisboa e posteriormente para Timor, onde o povo, reunido em Tribunal Popular, absolveu José Diogo. Que não a Jurisprudência das instâncias do Poder, já que em data ainda desconhecida José Diogo estará no banco dos réus do 1.º Juízo Criminal, de que é corregedor o dr. Manuel Tavares dos A. Santos.

# A INVENTONA

Continuação da pág. 1

te, planície adentro. A E.P.I. de Mafra e o C.I.A.C., de Cascais, tinham em parte sido desarmados, por forças de Comandos e por ordem do general Carlos Fabião. Havia ainda certo mistério sobre as razões porque não tinham saído as edições especiais, ao princípio da noite, dos vespertinos «Jornal Novo» e «A Luta». Muitos boatos tinham passado, mas o País dormia já sobre eles, enquanto em Londres, onde já se encontrava o dr. Mário Soares, a B.B.C. dava eco ao «golpe de Estado da extrema-esquerda» de que o P.S. fez enorme «propaganda»: como sendo apoiado pela C.I.A. e pela reacção! As três da manhã, só restavam em reunião na mesa de Monsanto, alguns oficiais do «grupo dos Nove». O País dormia calmamente sobre a inacreditável «inventona».

### QUE QUER(IA) O P S ?

Salgado Zenha estivera ontem, já tarde, com o Primeiro-Ministro Pinheiro de Azevedo. A essa hora, estava desenhada uma enorme campanha de agitação, através de comunicados alarmistas que convocavam o «povo para a rua» em defesa da Revolução ameaçada por grupos «ultramínoritários» apoiados pela C.I.A. e pela reacção para desviar dos seus objectivos os «soldados da Revolução» e vi-brarem um golpe no VI Governo. Ao longo de horas de contactos, pareceram-nos certas três componentes desta manobra: acusar o RALIS de objectivos sediciosos (e não só...) em relação a Pinheiro de Azevedo; envolvimento do Regimento da Polícia Militar num pretenso ataque ao Regimento de Comandos; e criação de um clima de agitação nas ruas do País de modo a conseguir que o Primeiro-Ministro e Presidente da República em exercício declarasse o estado de sítio e eliminasse, por certo, aquelas unidades progressistas. Pressionado embora, Pinheiro de Azevedo, acompanhado pelos comandos militares, não cedeu.

Um informador militar, de absoluta confiança, declarou-nos esta madrugada: «A direcção do P.S. está, fundamentalmente, assustada. Está a jogar à defesa e não ao ataque. A manobra, na minha opinião, estava programada na sequência da manifestação de terça-feira, mas a 'manif' não correspondeu aos desejos dos

seus promotores. Foi aquilo a que costumamos chamar uma 'manifestação pífia'. Por isso veio a outra jogada de desespero, que não colhe.»

Segundo outras informações, a cúpula do P.S. teria tentado dar resposta à reunião havida no RALIS, anteontem, entre delegados de várias unidades revolucionárias e comissões de trabalhadores e moradores, com vista a encontrar-se uma linha comum para defesa das conquistas da Revolução. O silenciamento pretendido das estações de rádio e TV — pretendido e falhado — seria um factor fundamental, «em nome da defesa do pluralismo», para toda esta manobra, aliás correspondente aos objectivos do já divulgado «plano dos coronéis». A denúncia pública deste documento seria outro motivo de funda preocupação. De qualquer modo, uma coisa é certa: a movimentação das forças militares, a imparável progressão dos S.U.V.'s nos quartéis para formas organizadas e, possivelmente, legalizadas de luta em aliança com praças dos outros ramos das F.A.; a aliança cada vez mais forte, em termos revolucionários, entre os soldados e os trabalhadores; a recusa firme de soluções sociais-democratas e o repúdio de um Governo legitimista; enfim, a agudização crescente da luta de classes — tudo isto separou claramente duas linhas, a revolucionária e a social-democrata apoiada na direita. Assim, assistimos nos últimos dias a uma intensa campanha por uma certa «disciplina» nos quartéis e pela conquista de determinados objectivos — entre os quais os meios de comunicação social — que dos gabinetes e corredores passou para a rua e teve intenso eco numa Assembleia Constituinte dominada por essas forças. Ao mesmo tempo, parece real a tentativa de criar forças de intervenção militares e militarizadas de voluntários paralelas à organização das F.A., quando estas se encaminham cada vez mais para a sua missão revolucionária.

No Alto do Duque e Beirolas, registaram-se ontem pequenos incidentes, segundo tudo o indica obra de agitadores pouco hábeis, mas integrados. No Porto, após uma manifestação-cômico do P.P.D., exigindo a tal disciplina depois de no mesmo local se ter exigido a dissolução de todas as

estruturas revolucionárias das F.A. e ter sido feita a ameaça de armar 50 000 civis para a guerra civil; no Porto, dizíamos, é que os ânimos estiveram mais agitados, mercê de um intenso trabalho do P.S. e P.P.D. nas ruas e de uma tremenda onda de boatos praticamente desfeitos com um comunicado da Região Militar. Forças militarizadas e militares acabariam por montar uma «operação stop» nas pontes, revistando as viaturas à procura de armas. E, ao nível do País, pouco mais foi conseguido.

Entretanto, os partidos de esquerda começam a relacionar as coisas e é muito natural que haja revelações decisivas nas próximas horas. Segundo fontes muito seguras, ao P.S. não poderá ser retirada forte responsabilidade na agitação de há semanas atrás em certas regiões do distrito de Leiria. Outras fontes revelam que uma brigada de militantes daquele partido e retornados de Angola vai tentar um trabalho do género, durante o próximo fim-de-semana, nos concelhos de S. Brás de Alportel, Albufeira, Faro e Vila Real de Santo António. Tratar-se-ia de um grupo superior a meia centena, recrutados em condições pouco claras.

Parece claro, isso sim, que os partidos «maioritários» tentam comprometer decisivamente o almirante Pinheiro de Azevedo em todo este processo, com fins claramente políticos que começaram há muito tempo em grande estilo e se prolongaram durante as negociações para a formação do VI Governo. Podemos afirmar, contudo, e ao contrário do que chegou a ser propalado, que a Marinha não retirou a sua confiança ao chefe do Governo, em cuja honestidade continua a acreditar.

Finalmente, refira-se que ao P.S., na sua desajeitada «inventona» de ontem à noite, falhou um elemento fundamental: os meios de comunicação social. Travadas as edições especiais dos jornais «A Luta» e «Jornal Novo», que acompanhariam a campanha, perdida a causa da rádio e TV, a mobilização alarmista perdeu muito do seu significado e importância. Talvez seja altura de começar a perceber-se essa história da manipulação. Quem a pretende, de facto, e quem a faz?

## CIDADE MARGINAL

### OVELHAS EM MERCADO NEGRO

Uma patrulha do Regimento de Engenharia 1 deteve nas imediações do pinhal da Paia (Odivelas) os estivadores Cunha, de 18 anos, e Rosa, de 21, que se deslocavam num carro roubado. Entregues algumas horas mais tarde à Secção de Justiça da P. S. P., os dois jovens acabaram por confessar a sua participação em vários assaltos, nas zonas de Ferreira do Zêzere e Tomar, nomeadamente uma camioneta de carga em que transportavam gado roubado (vacas e ovelhas) que depois vendiam a um comerciante da Póvoa de Santo Adrião por preços irrisórios, provocando assim negócio subterrâneo em moldes de autêntico mercado negro.

### DESTRUIU UM CARRO JAPONÊS

Por motivos que se recusou a especificar, o electricista Manuel dos Santos destruiu parcialmente, à força de murros e pontapés, um carro pertencente à Embaixada do Japão, que se encontrava estacionado na Avenida Fontes Pereira de Melo. Os maiores estragos foram, porém, causados com uma pedra que, para o efeito, arrancara da calçada.

### ESTUDANTE LANÇADO DAS ARRIBAS

O roubo parece ter sido o móbil do assassinato do estudante Ildeberto Pereira, de 17 anos, cujo corpo foi encontrado no sopé das arribas com mais de uma centena de metros de altura que circundam a praia de Santa Cruz, situada a quinze quilómetros de Torres Vedras. O jovem trabalhava, em regime de tempo parcial, numa drogaria daquela vila, e foram encarregado, pelo patrão, de ir fazer um depósito de trinta contos, na agência local do B. N. U., o que faz supor que tenha sido morto pelos assaltantes depois de despojado daquela importância. Entretanto, a G. N. R., que iniciou as investigações, prendeu já alguns suspeitos.

# REACÇÕES DE PARTIDOS À MOBILIZAÇÃO P.S.

«A Revolução está em perigo! A liberdade está ameaçada». Era assim que começava um texto que o P.S. pôs a circular em folhas colantes, ontem, à entrada da noite, os trabalhadores despedidos de um dia de trabalho, Lisboa preparando-se para anoitecer. «Grupos minoritários planearam para esta noite o assalto aos órgãos de Informação e o ataque ao almirante Pinheiro de Azevedo, Primeiro-Ministro do VI Governo Provisório. Trata-se de uma aventura...» Quase ao mesmo tempo, ou pouco tempo depois, folhetos assim com os mesmos dizeres eram distribuídos profusamente pelo Norte do País, principais cidades. E pelo Sul? Não há notícias, mas também pode ter sido. «Trata-se de uma aventura suicida, capitaneada por elementos irresponsáveis ou provocadores que não podem pôr em perigo a Revolução». Haviām de sair mais comunicados. Do P.P.D. tam-

bém. Todos contendo «informações» mais ou menos alarmantes, alarmistas. Falavam de, por exemplo, «grupos provocadores ultraminoritários» ao serviço da C.I.A. e da reacção, anunciavam «um golpe de Estado contra-revolucionário e antipopular». Falavam da direita, da extrema-direita, do E.L.P., do M.D.L.P.? Não: aludiam evidentemente à esquerda revolucionária, às organizações que o excessivo legalismo, a quase mania da ordem e da disciplina da hora presente tem vindo a fazer tudo para destruir, anular.

O primeiro comunicado do P.S. fora lido por um seu deputado na sessão da Constituinte ontem, em S. Bento. Um deputado do M.D.P. interveio então para acusar o P.S. de estar a «colaborar nitidamente na tentativa de criar no nosso País um estado de emergência favorável às forças da reacção e da direita. (...) Nós sabemos que há uns dias o P.S. vem

tentando com as forças de direita, por todos os meios, criar um estado de emergência no sentido de pôr em prática os planos já devidamente divulgados neste País. São os planos da contra-revolução, os planos da reacção, os planos de nos fazer regressar a períodos tenebrosos».

O comum das pessoas, no entanto, não tinha senão as palavras que o P.S. fazia correr nos seus folhetos pelas mãos desprevenidas.

Isto em Lisboa. No Porto, o P.P.D. fazia um comício e sustentava a noite a arder de impaciência.

O que estaria por trás das denúncias que P.S. e P.P.D. faziam? Que fundamentos haveria para uma histeria tão notável?

Entretanto, o P.C.P. emitia um comunicado, eram cerca de 10 horas. «Esta grande encenação alarmista levanta a justa prevenção de que está a ser preparada qualquer grande

operação contra a situação democrática e contra certas formações políticas», aventava o P.C.P. Em vão esta organização perguntava: «Que prepararam o P.S. e o P.P.D.? Que golpe político ou político-militar está na forja? Uma resposta possível: «Ao apontarem como inimigo o R.A.L.I.S. a P.M. e certas formações políticas indicam contra quem se dirige a sua acção».

O P.S. e o P.P.D. apelavam para a mobilização, para a vigilância. O P.C.P. dizia: «O P.S. e o P.P.D. devem explicar-se imediatamente e publicamente. Os apelos que estão fazendo mais parecem a preparação de um levantamento sedicioso que medidas de defesa da Revolução».

Em questão toda a esquerda revolucionária, já de madrugada um dos seus expoentes, o P.R.P.-B.R., havia de emitir um comunicado sobre «as provocações», do P.S. Palavras que se aproximam de uma certa soberberia, justifica-se esta po-

sição pelo teor do que lhe servia de pretexto.

«O P.S. e os seus acólitos são encobridores do E.L.P., que eles dizem ser servidos pelas acções dos revolucionários, mas que se serve, e bem, das acções do P.S.» — dizia o P.R.P.-B.R. — «E, de resto, pergunta-se: estando em curso o desmantelamento do E.L.P. tendo sido atingidas importantes células da organização, que é o contributo dado pelo P.S. a esta acção? Quem desmantela o E.L.P.: os senhores do P.S. ou os revolucionários realmente interessados em derrotar a direita. Nós sabemos e provamos que são os revolucionários que o fazem. O inimigo para o P.S. é a esquerda».

«Mas — dizia ainda o comunicado — a esquerda revolucionária e o P.R.P.-B.R. (citado claramente ou nas entrelinhas dos panfletos provocatórios do P.S.) não estão interessados em golpes militares.



USE-A 3 VEZES POR DIA